

JURIENE PEREIRA DA SILVA

UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO

**DA MORTE E DO MORRER: A ESCRITA DE SI POR
ALUNOS DA REDE ESTADUAL PAULISTA**

ITATIBA

2011

JURIENE PEREIRA DA SILVA- RA: 002200900398

**DA MORTE E DO MORRER: A ESCRITA DE SI POR
ALUNOS DA REDE ESTADUAL PAULISTA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco, para a obtenção do título de Mestre.

ORIENTADOR (A): Profa. Dra. Márcia Aparecida Amador Mascia

ITATIBA

2011

801.8	Silva, Juriene Pereira da.
S58m	Da morte e do morrer: a escrita de si por alunos da rede estadual paulista. / Juriene Pereira da Silva. – Itatiba, 2011. 178 p. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação <i>Stricto Sensu</i> em Educação da Universidade

Ficha catalográfica elaborada pelas bibliotecárias do Setor de
Processamento Técnico da Universidade São Francisco.

UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
EM EDUCAÇÃO

Jurienne Pereira da Silva defendeu a dissertação “Da Morte e do Morrer: a escrita de si por alunos da Rede Estadual Paulista” aprovada no programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco em 25 de fevereiro de 2011 pela Banca examinadora constituída pelos professores:



Profa. Dra. Márcia Aparecida Amador Mascia - Orientadora e Presidente



Profa. Dra. Alexandrina Monteiro
Examinadora



Profa. Dra. Elzira Yokó Uyeno
Examinadora

DEDICATÓRIA

Aos homens da minha vida

Jurandir, meu pai, pela oportunidade de viver esta aventura que é a existência e pela presença constante de sua mão amiga nos momentos mais necessários.

Silvio, Reginaldo, Veriano, Jurandir, Jailton, Jair, Josenilton, Josinaldo, André, Renato, Fernando, Felipe, Lemuel e Daniel, e aos especiais Domingos, Claudinei e Val.

Às mulheres da minha vida

Irene, minha mãe, pela luz da vida e exemplo de pessoa que é capaz de amar e se fazer presente sempre com incentivo e paciência.

Thais, Letícia, Cássia, Rebecca, Rod, Cauane, (Edileuza e Esther) e as especiais, Claudinez, Ozana, Rose, Ariana, Isabella, Elaine e Diana.

AGRADECIMENTOS

A **Deus**, fonte de vida e de morte, pela existência e pela finitude certa.

À **CAPES** pela bolsa de estudo que possibilitou a realização deste sonho.

À Universidade São Francisco (**USF**) pela oportunidade.

À **Prof(a) Dr(a) Alexandrina Monteiro** como membro da banca examinadora, pela leitura atenta e pelas observações pertinentes e generosas quando do Exame de Qualificação e Defesa.

Às docentes **Prof(a) Dr(a) Alexandrina Monteiro e Prof(a) Dr(a) Jaqueline Rodrigues Mendes** pela sabedoria e pela generosidade em dividi-la conosco nas aulas.

À **Prof(a) Dr(a) Elzira Yoko Uyeno** como membro da banca examinadora, pela leitura atenta e pelas observações pertinentes e generosas quando do Exame de Qualificação e Defesa.

E em especial, à **Prof(a) Dr(a) Márcia Aparecida Amador Mascia** por acreditar no tema proposto, depois pela paciência em ler e reler quantas vezes se fez necessário este texto; pelas observações tão fundamentais na construção do texto e no decorrer da pesquisa. Todavia não posso deixar de exprimir minha admiração a quem com seu jeito delicado e simples e principalmente espontâneo e doce me ensinou a amar a educação como ofício, quando já não me sentia capaz de exercê-lo. Saiba que sua competência e serenidade, me fizeram repensar uma decisão que havia construído. Seu exemplo de mestre me fez sentir novamente o desejo de me tornar a professora que um dia eu desejei ser e não mais acreditava ser possível. À Senhora professora **Márcia**, minha mais profunda gratidão.

“Há um momento para tudo e um tempo para todo propósito do céu.

Tempo de nascer e tempo de morrer...”

(Eclesiastes 3, 1-2)

SILVA, Juriene Pereira da. Da morte e do morrer: a escrita de si por alunos da rede estadual paulista. 2011. 127f. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós – Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco- Campus Itatiba/SP.)

RESUMO

Considerando-se os avanços ocorridos a partir do século XVIII na sociedade ocidental, com relação à saúde e aos cuidados com a higiene, que transformaram as relações com o adoecimento do corpo humano; a morte outrora desejada, ao menos pelos heróis cujos nomes eram eternizados quando perdiam a vida em combate, passa a ser vivenciada pelos moribundos nos recônditos hospitalares, sacrários que são do domínio sobre o corpo na contemporaneidade. A partir deste pressuposto, esta pesquisa tem como objetivo contribuir para repensar a educação para além do meramente pedagógico, repensando a vida e a morte. Os objetivos específicos consistem em: fazer um levantamento das representações acerca da morte e do morrer em discursos manifestados por alunos do Ensino Médio da EJA: apontar os efeitos de sentido que emergem nas falas de sujeitos que vivenciaram perdas significativas nos últimos cinco anos; mostrar como tais efeitos e representações se materializam linguisticamente e tentar apontar em que medida, ao falar de sua relação sobre a morte, o sujeito se ressignifica. O *corpus* analisado são entrevistas realizadas pela autora, com alunas do ensino médio, que frequentam a EJA da rede estadual paulista. A pesquisa sustenta-se por pressupostos teóricos da Análise do Discurso de linha francesa e pela terceira fase do pensamento de Foucault, o dizer de si. A conclusão, possível, nos leva a perceber o quão importante é este estudo à área da educação, pois se propõe trazer ao centro da discussão, não o sujeito na condição de aluno, mas a pessoa humana que existe e precisa falar. Este falar, tão necessário no discurso de nossos entrevistados que perderam entes queridos, demonstra a interdição sofrida pela morte em nossa sociedade e apresenta a relação paradoxal que existe entre o interdito da morte, a partir do silenciamento e da necessidade exposta no discurso de todos os participantes desta pesquisa. Ainda apresenta o papel ambíguo que a escola mantém com relação à morte de um ente querido do aluno, dos docentes ou de outros agentes nesta relação. Concluiu-se, também, que há contradição entre o acolhimento inicial do aluno e do silenciamento em torno do tema da morte, em especial na escola, contribuindo para a maneira como esses sujeitos se ressignificam e ressignificam o sentido de escola a partir do acontecimento da morte de um ente querido.

PALAVRAS-CHAVE: Morte, Silenciamento Escrita de si, EJA, Discurso e Sujeito.

SILVA, Juriene Pereira da. Da morte e do morrer: a escrita de si por alunos da rede estadual paulista. 2011. 127 f. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós – Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco- Campus Itatiba/SP.)

ABSTRACT

Considering the advances that occurred in the eighteenth-century in the Western society, with respect to health and hygiene care, which transformed the relations with the illness of the human body, death once desired, at least for the heroes whose names were immortalized when they lost life in combat, comes to be experienced by dying in the recesses hospitals, shrines which are the domain of the body in contemporary society. From this assumption this research aims at contributing to rethink education beyond the merely pedagogical, rethinking life and death. The restrict aims are: to make a survey of representations of death and dying in speeches as manifested by high school students; to point out the effects of meaning that emerge in the speech of subjects who experienced significant losses in the last five years; to show how such effects and representations materialize linguistically and to try to pinpoint to what extent, when talking about his/her relationship about death, it reframes the subject. The corpus is analyzed are interviews conducted by the author, with high school students in state public network. The research is sustained by the theoretical analysis of French Discourse and the third phase of Foucault's thought, the self writing. The conclusion can, at least at the moment, makes us realize how important this study is the area of education, it brings a discussion that proposes to go beyond the merely pedagogical and bring the center of the discussion, not the subject provided student, but the human person that exists and needs to talk. This talk, so necessary in the discourse of our interviewee who have lost loved ones, demonstrates the ban suffered by the death in our society and presents the paradoxical relationship that exists between the closings of death, from the silence and exposed the need in the speech of all participants this research. It still presents the ambiguous role that the school keeps in relation to the death of a loved one, of the teachers and other agents in relation to it. It is also possible to conclude that there is a contradiction between the initial reception of the student and the silencing around the theme of death, especially in school, contributing to the way these subjects are reframed and reframe the meaning of school from the event death of a loved one.

KEYWORDS: Death, Silencing; Writing of the self; Education of Young and Adults; Discourse; subject.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
Capítulo I - DA MORTE E DO MORRER	18
1.1 Da morte: Palavras Introdutórias.....	18
1.2 A morte: Um brinde à filosofia e à ciência contemporânea	21
1.3 Personagens que fizeram da morte e do morrer seu personagem maior.....	23
Capítulo II - A MORTE NA CULTURA OCIDENTAL E BRASILEIRA.....	29
2.1. O Homem Ocidental e o desejo da Imortalidade.....	29
2.2 A Morte na Sociedade Ocidental	31
2.3 A Morte na Sociedade Brasileira.....	34
Capítulo III - ANÁLISE DO DISCURSO	42
3.1 Discurso, Sujeito, Condições de Produção, Formações Discursivas	42
3.2 Épocas da Análise do Discurso	51
3.3 Implicações para a análise do discurso.....	53
Capítulo. IV - A ESCRITA (OU O CUIDADO) DE SI.....	55
Capítulo I – METODOLOGIA OU CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO.....	64
1.1 Rosa: A cor da perda.....	65
1.2 Violeta: a cor da esperança	66
1.3 Lavanda: a cor da dor	67
Capítulo II – ANÁLISE.....	70
2.1 Paradoxo: A interdição da morte X a necessidade de confissão sobre a morte.....	70
2.2. Duplo silenciamento: diante da morte: omite-se o nome do morto e o sofrimento dele no momento da morte.....	75
2.3 Idealização do morto como silenciamento dos (sobre os) defeitos.	80
2.4 Medo da morte: efeito do silenciamento	88
2.5 A escola e o papel ambíguo perante à morte: de aconchego e de silenciamento	93
2.6 Algumas considerações finais da análise (ou) Há vida depois da morte, para os vivos?.....	101

CONSIDERAÇÕES FINAIS	104
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	108
ANEXO I	112
ANEXO II	119
ANEXO III	127

INTRODUÇÃO

Ter uma formação superior, em minha família, foi um desafio. Desafio este, de certa forma imposto a cada membro da família, por minha mãe, Dona Irene, pois entre seus maiores temores estava o de ver seus filhos trabalhando nos canaviais ou sua filha, como empregada doméstica. Destinos mais que certos àqueles que não tivessem uma graduação ou uma “faculdade” no dizer lá de casa.

Preocupada com nosso futuro, a antiga empregada doméstica, tornou-se costureira, cozinheira, doceira e tudo o mais que sua imaginação fértil pode inventar associada a sua falta de recursos financeiros.

Cursou tudo o que o SESI Santo André pode oferecer-lhe, gratuitamente, enquanto seu marido trabalhava na construção civil por 8, 10, 12 horas por dia e, às vezes, pela noite também. Antes de ir às aulas do SESI, a casa estava limpa e a comida pronta no fogão. As roupas lavadas, cortadas ou costuradas. Roupas, comida e o mais para treze pessoas. Era bastante trabalho.

Os filhos, onze ao todo, não trabalhavam até terminar o ginásio, nem se quisessem e arrumassem algum serviço. Quando alguém chegava e dizia que tinha arrumado emprego, minha mãe perguntava-lhe: “Você já terminou o ginásio ou o seu pai tá trabalhando à toa?”. E a resposta era sempre um “não” para qualquer tentativa de fazer outra coisa senão estudar até terminar o ginásio.

Obviamente a cobrança em relação às notas e o comportamento não eram muito simples. Qualquer desvio lembrava “o trabalho à toa de seu pai.” Ou o pior: “Você vai ser o quê? Cortador de cana? Empregada doméstica? Bandido?” Entre as três opções acho que nos demos bem. Os onze terminaram não só o ginásio como o colegial. Dez têm graduação das mais diversas, da medicina e a mais importante delas, Filosofia. São três professores de Filosofia na família.

Foi por causa desse destino que se anunciava que me tornei professora aos dezoito anos de idade. No Ensino Médio, cursei magistério, iniciei Estudos Sociais, desisti. A graduação foi em Filosofia. A pós-graduação em Educação em Saúde Pública e, chegar ao Mestrado era o próximo desafio.

Depois de participar de vários processos seletivos, fazer disciplinas em alguns, sempre algo atrapalhava a trajetória. Surgiram problemas pessoais e de saúde, problemas

de saúde na família que me obrigaram a mudar de endereço várias vezes. Não desisti porque talvez eu seja bastante teimosa.

A Universidade São Francisco abriu o processo seletivo e eu me inscrevi, fiz a prova e fui aprovada. Estou cursando desde março de 2009 e confesso é um desafio. Segundo a minha mãe, quando nos vemos, coisa cada vez mais rara por conta de compromissos meus, ainda é mais fácil que ser empregada doméstica. Que seja!

Na profissão, uma situação, em particular, sempre me chamou a atenção. Quando morria alguém importante na vida de um aluno ou aluna, muitas vezes sua trajetória de vida mudava por completo. Vi alunos deixarem de estudar porque o pai morreu e já não havia quem sustentasse a família ou a mãe morrer e a menina deixar a escola porque era preciso cuidar dos menores. Era muito comum um aluno brilhante tornar-se outra pessoa, por falta de compreensão da morte de algum ente querido e a revolta com o ocorrido lhe parecer grande demais para suportar e a escola ser o lugar de descarregar toda a mágoa, a raiva, o descontentamento.

Por outro lado a escola, como instituição, não ter nenhum recurso de apoio ao aluno que passa por tal dificuldade. Os professores não sabem o que falar ou fazer com o aluno. Torcer para que ele se conformasse e evitar tocar no assunto sempre foi a atitude mais comum em cada caso que aconteceu e eu pude observar.

Essas situações me chamavam a atenção e desde a especialização o tema sobre “a morte e o morrer” faz parte de minhas discussões.

Um dos motivos da demora para entrar no Mestrado foi não ter meu projeto aprovado num programa, pois o tema não era bem recebido nos mesmos. Apresentei-me ao Mestrado em Educação da Universidade São Francisco para empreender um projeto de pesquisa mobilizada por tais reflexões. Aprovada na seleção e aprovado o projeto, recebi uma bolsa de pesquisa que possibilitou a dedicação às atividades do referido programa. Assim, o ano de 2009 foi dedicado ao cumprimento dos créditos exigidos e ao desenvolvimento do projeto de pesquisa. Tendo cumprido os créditos, dei início (ou continuidade) à pesquisa, pois o tema me perseguia há muito tempo, o que estou apresentando aqui, neste texto.

Levando em conta a contextualização acima, o presente estudo pretende apresentar a questão da morte e do morrer como uma condição da vida humana e como a nossa sociedade tornou a morte um interdito cada vez mais distante da realidade dos sujeitos que a compõe. Como se chegou ao longo da história da sociedade ocidental a este patamar de interdito. A impossibilidade de pensar a própria morte e a capacidade de apresentar uma

linguagem incompatível com a realidade utilizando o verbo “morrer” apenas em linguagem denotativa quando sua conjugação na primeira pessoa do modo indicativo.

Como profissional da educação deparei-me com a necessidade de uma discussão mais profunda sobre a morte há muito tempo. É triste estar neste processo e ver, ao longo dos anos, estudantes brilhantes se apagarem porque seu pai ou sua mãe morreram e não há nada que se possa fazer. E não há mesmo, em relação ao morto, mas em relação ao estudante, poderíamos discutir o assunto e apoiá-lo em suas necessidades, se tivéssemos preparados para tal e não tivéssemos tantos problemas em relação à questão da morte e do morrer como indivíduos, nós mesmos. Se não jogássemos na vala comum do esquecimento nossos entes queridos já falecidos, para nos poupar, ou poupar os entes queridos vivos, da lembrança de alguém que já foi tão amado e tão necessário em nossas vidas. É comum quando visitamos parentes, vizinhos ou conhecidos que perderam um ente querido há pouco tempo, as visitas não falarem sobre o motivo da visita, ao contrário, tentam conversar sobre banalidades e outras amenidades, porque não é de bom tom falar sobre o que faz uma pessoa sofrer. Falamos e conversamos sobre a novela, sobre o futebol, sobre a providência divina, mas o morto só é lembrado para falar de suas qualidades e, no caso daqueles mais sinceros, talvez algo mais pitoresco. Sobre o sentimento daqueles que passam pela experiência de morte, não se fala para não magoá-lo. Lembrar o que se está a sentir, conversar sobre esse momento é visto como falta de tato da visita.

A urgência da discussão sobre a morte se faz presente face aos recentes acontecimentos vivenciados por nós enquanto educadores: quando um dos nossos estudantes faleceu vítima de problemas com drogas, outro estudante perdeu a namorada, morta em um acidente de carro com dezesseis anos de idade e mais alguns outros casos semelhantes aconteceram em nossa escola.

Outro fator importante a destacar é que todos os homens são mortais e as mulheres também. Sabendo-se que cada um de nós que freqüentamos a escola, um dia não estaremos mais aqui, pois estaremos mortos, faz sentido sim, discuti-la na escola, onde passamos significativa parte de nossa vida.

A escola como lugar privilegiado do exercício do direito à educação precisa atentar para o fato de que sua clientela passa boa parte de seu dia entre seus muros, dentro de suas salas, corredores e pátios e é nesses lugares que aprendem a conviver. Na escola se faz a maioria das amizades que acompanham o sujeito por toda a vida. Amizades que compartilham alegrias, progressos pessoais, profissionais, afetivos em alguns casos, também, se partilham momentos de perdas e de dores.

Esta pesquisa se insere na área de educação. O tema abordado é a morte e o morrer e o discurso sobre este tema. Discutir como estudantes do Ensino Médio de uma escola pública de São Paulo vivenciam esta experiência e quais as principais representações que emergem em seu discurso são alguns dos questionamentos da pesquisa. Temos como hipótese que a sociedade contemporânea interditou o tema da morte e do morrer, o que torna o sujeito que passa pela experiência da perda de um ente querido não encontre espaço na sociedade para expressar a tristeza, o sofrimento, sentimentos esses que acabam sendo vivido na solidão e no silêncio, afinal em nosso mundo o sujeito está obrigado a ser feliz, expressar satisfação e felicidade sempre que estiver em público.

Contribuir para repensar a educação para além do meramente pedagógico, repensando a vida e a morte é o objetivo geral deste artigo.

Entre outros propomos, também, como objetivos específicos:

1. Fazer um levantamento das representações acerca da morte e do morrer em discursos manifestados por alunos do Ensino Médio.
2. Apontar os efeitos de sentido que emergem nas falas de sujeitos que vivenciaram perdas significativas nos últimos cinco anos.
3. Mostrar como tais efeitos e representações se materializam linguisticamente.
4. Tentar apontar em que medida, ao falar de sua relação sobre a morte, o sujeito se ressignifica.

O estudo proposto torna-se importante no momento em que busca suprir uma lacuna existente no sistema de ensino, onde não se discute o processo de morte do homem. É como se ela não existisse em nossa sociedade. Como se fôssemos todos imortais, principalmente os jovens como bem explicita Kübler-Ross (1998).

Segundo Martins (1983), a nossa sociedade fez da morte um tabu e nas escolas isto tem uma consequência grave, porque o não falar, a não discussão traz consigo a não aceitação do outro para alguns de nossos estudantes. Alguns se perdem diante da realidade de ficar sem seus amigos queridos repentinamente, por nunca haverem pensado nesta possibilidade sentem a morte como a traição de uma promessa de vida longa e feliz. Para a realização deste estudo, no que tange à discussão da morte, aprofundar-nos-emos nos textos de Kübler-Ross, Martins, Kovacs, Áries, Boff, dentre outros. A teoria sobre a morte e o morrer e suas idéias basilares dos pré-socráticos, passando por Kübler-Ross e o pioneirismo de associar a temática da morte com a educação como fez Maria Julia Kovacs através do laboratório de estudos sobre a morte na Universidade de São Paulo, também serão discutidos neste trabalho.

Ademais, como arcabouço teórico-metodológico, traremos as discussões empreendidas por Foucault, em especial, em sua terceira fase, da “escrita de si” e a Análise do Discurso de linha francesa.

Coletamos os registros do *corpus* desta pesquisa, através de entrevistas realizadas pela autora com alunos que tiveram a experiência de morte de um ente querido nos últimos cinco anos.

Este estudo se divide em duas partes, sendo elas: Parte I – Capítulos Teóricos: Da Morte e do Morrer, A morte e o morrer na Cultura Ocidental e Brasileira, A Análise do Discurso e A Escrita ou o Cuidado de si; – Parte II - Condições de Produção e Análise dos dizeres dos sujeitos que vivenciaram a morte, assim intitulados os subcapítulos de análise: Rosa é a cor da morte, Violeta é a cor da esperança, Lavanda é a cor da dor. A análise foi desenvolvida a partir de regularidades apresentadas no decorrer das entrevistas. Nossas considerações sobre essas regularidades estão expostas sob os itens;

- a) A Morte como um acontecimento (ou) A (in) capacidade humana de compreensão da morte como parte do processo de viver.
- b) Paradoxo: A interdição da morte X a necessidade de confissão sobre a morte.
- c) Duplo silenciamento: diante da morte: omite-se o nome do morto e o sofrimento dele no momento da morte.
- d) Idealização do morto como silenciamento dos (sobre os) defeitos.
- e) Medo da morte: efeito do silenciamento.
- f) A escola e o papel ambíguo perante a morte: de aconchego e de silenciamento.

E concluímos, neste presente estudo, sobre a necessidade de repensar a educação sobre a necessidade de se rediscutir a morte e o morrer e de suas consequências à educação, nas relações sociais.

Parte I – Capítulos Teóricos

Capítulo I - DA MORTE E DO MORRER

Neste capítulo, trataremos da morte e do morrer como objeto de conhecimento, de como o discurso sobre a morte constitui uma realidade na sociedade e constitui os sujeitos e a forma como esses sujeitos representam a morte. Também apresentaremos o discurso produzido pela Filosofia e pela ciência. Destacamos a importância do pensamento de Elizabeth Kübler-Ross, psiquiatra americana, que desenvolveu um estudo sobre os estágios do luto.

1.1 Da morte: Palavras Introdutórias

Sobre a morte não cabe à raça humana saber nada além do que aquilo que se percebem quando ela se apresenta na forma da morte do outro. É impossível ao ser humano pensar na morte de si mesmo. Esta impossibilidade é tamanha que, na linguagem, o homem só é capaz de expressarem-se sobre a própria morte quando se trata de hipérboles, numa linguagem exagerada e denotativa, ou metaforicamente.

Ele é capaz de dizer quando faminto que está “morrendo de fome”, mas isso não é em absoluto verdadeiro, posto que aquele que verdadeiramente está morrendo de fome sequer consegue falar e, nesta construção linguística, há o auxílio do verbo estar, conjugado na primeira pessoa do presente do modo indicativo. Ainda o homem costuma dizer ao ver um filme de terror que “está morrendo de medo”, o que é absolutamente falso, sendo que quando iniciou o filme ele já sabia que era uma fantasia criada por alguém com a condição de entretê-lo. Há ainda os mais românticos que dizem “morro de amor”, sobre essa forma de morrer nada há a fazer senão deixá-la aos cuidados dos poetas, porque só eles seriam capazes de fazê-la, pois quem ama, ama a si mesmo em primeiro lugar e, portanto, não morreria de amor pelo outro.

Quando em nosso idioma alguém diz “morri de alguma coisa”, como de raiva ou de nojo é sempre numa linguagem denotativa, para expressar uma forma exagerada de sentir, porque se alguém morresse como diz, sua morte seria diagnosticada de outra forma, por outro fator, como parada cardiorrespiratória, ou outra explicação médica e não da forma que o sujeito diz.

Com exceção dos exemplos acima e outros muito conhecidos do senso comum que representam as fantasias humanas sobre a morte e o morrer nada mais se poderia falar sobre a morte de si, além do que nos diz Elias (2001 p. 16-17):

Aqui encontramos, sob forma extrema, um dos problemas mais gerais de nossa época- nossa incapacidade de dar aos moribundos a ajuda e a afeição de que mais que nunca precisam quando se despedem dos outros homens, exatamente porque a morte do outro é uma lembrança de nossa própria morte.

É salutar notarmos que a nossa sociedade fez da morte um interdito, mas um interdito tão profundo que depois de milênios de história e após construirmos e destruirmos culturas singulares, através da dominação histórica dos países do ocidente sobre o novo mundo. Após milhares de milhões de experiências de morte e vida de também milhares de milhões de indivíduos, não fomos capazes de, como seres que se utilizam da linguagem para se comunicar e mais que isso para se constituir como sujeitos a partir dela; de criarmos um verbo para designar a morte de nós mesmos.

Para o nosso idioma, a forma de dizer de si ao mundo e pelo mundo, criado por nossa cultura, a palavra morte significa: Cessação da vida. Termo. Fim. Destruição. Ruína. Pesar profundo. (FERREIRA 2001, p. 472). O que nos leva a pensar que quem morre é um sujeito de uma oração, porque sendo sujeito de uma oração há sempre e necessariamente um verbo que demonstre esta ação causada ou sofrida pelo sujeito. Se quem morre é um sujeito de uma oração, ele é capaz de sofrer a ação na voz passiva do verbo, mas também de cometer a ação na forma ativa do verbo. Morrer em nosso idioma significa: “Perder a vida; falecer, finar-se, fenecer, expirar, desaparecer, descansar, desencarnar, ir, perecer, sucumbir, espichar, esticar. Extinguir-se, acabar-se. Perder o vigor, estiolar-se. Não chegar a efetuar-se. Parar de funcionar. Experimentar em grau muito intenso. Achar-se no fim da vida”. (FERREIRA, 2001).

Morrer é um verbo intransitivo, que tem uma conjugação regular, mas não transita para um complemento, tem significado próprio, ou melhor, ao se dizer morrer, entende-se a mensagem por si mesma. Ao se conjugar em português o verbo morrer, na primeira pessoa do singular do pretérito do modo indicativo, se faz essa conjugação sem uma relação direta com a realidade, com a conotação da oração. “Eu morri”, na prática não se pode dizer, a não ser, nas condições exemplificadas acima.

Compreende-se que ao sujeito que poderia dizer “eu morri”, a partir do momento em que o verbo fosse conjugado já não seria possível fazê-lo porque o sujeito da frase não estaria mais vivo para pronunciá-la, portanto, em linguagem conotativa esta conjugação é impossível em nosso idioma. O que não acontece no futuro do mesmo verbo, no mesmo modo de conjugação, “eu morrerrei”.

É possível ao vivente do nosso país dizer “eu morrerei”, porque esta é uma possibilidade dada, é mais que isto, é uma certeza dada a todo aquele que está vivo. A única possibilidade de essa mesma possibilidade não se tornar uma realidade é outra mais improvável ainda, o não nascer.

O sujeito que não nasceu nada diz, nada sabe, nada pensa, porque a ele foi negada a condição básica da vida - a existência.

O “eu morrerei” é uma realidade dada, mas que ao sujeito que conjuga o verbo parece sempre uma possibilidade remota. Algo que acontecerá um dia, num futuro, tão impessoal e distante como o verbo conjugado. Algo que nos remete à condição de mortal, mas não uma mortalidade imediata, dada, possível, condição única da vida que já está sendo gasta minuto a minuto, desde o nascimento. Essa realidade é tão premente que as pessoas contam o tempo em relação ao futuro como se caminhassem num *ad aeternum*, num caminho sem fim, onde os significados estão adiante, no próximo passo, numa nova oportunidade, numa nova perspectiva, numa nova alternativa e se esquecem que o que já foi vivido é o que realmente se teve. As experiências que se viveu e os sentimentos em relação a elas, a construção da vida é o que se fez; não o que se fará. Na próxima curva, da próxima estrada poderá não haver curva e muito menos estrada. O caminho *ex finitun* e a cada um de nós não cabe saber quanto termina e em que condições este fim se dará.

Para Elias (2001, p. 10), a consciência da morte faz parte da condição humana e diferencia a espécie humana de maneira singular entre as demais espécies da natureza:

A morte é um problema dos vivos. Os mortos não têm problemas. Entre as muitas criaturas que morrem na Terra, a morte constitui um problema só para os seres humanos. Embora compartilhem o nascimento, a doença, a juventude, a maturidade, a velhice e a morte com os animais, apenas eles, dentre todos os vivos, sabem que morrerão; apenas eles, podem prever seu próprio fim, estando cientes de que pode ocorrer a qualquer momento...

A ilusão que nossa cultura criou a partir de um verbo intransitivo para não pensar na própria morte não nos traz a inexistência dela, porque ela está aí, é condição dada ao vivente, ser mortal. Porque se debruçaram sobre esta realidade construiu-se Filosofia e sobre esta construção trataremos a seguir.

A discussão, neste capítulo, se dará em um primeiro momento como a Filosofia e as ciências modernas constroem a morte. O que se disse na história da Filosofia e o que se

diz na ciência contemporânea sobre a morte e o morrer. De que ponto de partida surgem estes questionamentos?

Um dos grandes desafios humanos foi o ato de cuidar dos corpos de seus mortos. O que fazer quando alguém próximo morria? O que fazer com o corpo que jazia e já não tinha mais serventia aos vivos, tornando-se fonte de infecção e de terror para os que sobreviviam nas batalhas, nas guerras, nas enfermidades, nos acidentes, nas mortes súbitas?

O pavor de ser enterrado vivo nas culturas que praticavam o enterramento. A necessidade do velório e o tempo para que ele acontecesse, os sinais vitais que com sua ausência indicam a condição do morto em hospitais de nossa contemporaneidade. Esse evoluir da história da morte é um intrigante movimento arqueológico que alguns já realizaram como Philippe Àries (1989).

Outras questões também se colocam como o cuidado com os que estão à beira da morte, como dar uma notícia trágica a um paciente terminal, o que falar, como falar, falar ou não falar? E aos parentes que perdem um ente querido o que dizer? Elias (2001, p. 19) diz que “a morte é um dos grandes perigos biossociais na vida humana. Como outros aspectos animais, a morte, tanto como processo quanto como imagem mneumônica, é empurrada mais e mais para os bastidores da vida social durante o impulso civilizador.” Sobre estes aspectos quem se colocou na estrada de forma pioneira foi Elizabete Kübler-Ross (1987). E no Brasil como esta discussão se inicia? Em que grau de desenvolvimento ela se encontra no século XXI? Também José de Souza Martins (1983) que realizou uma pesquisa sobre a história da morte no Brasil.

Estes dois pensadores são pioneiros no estudo sobre a morte na sociedade brasileira e mais recentemente sobre a forma de morrer com dignidade no caso dos doentes terminais e com relação à teoria dos cuidados paliativos na medicina e na enfermagem.

1. 2 A morte: Um brinde à filosofia e à ciência contemporânea

Muitos filósofos perderam algum tempo de suas vidas ou viveram algum tempo e utilizaram este tempo que possuíam para pensar sobre a morte. Desde o início do pensamento humano, já encontramos em Epicuro, o seguinte:

Então, o mais terrível de todos os males, a morte, não significa nada para nós, justamente porque, quando estamos vivos, é a morte que não está presente; ao contrário, quando a morte está presente, nós é que não estamos. A morte, portanto, não é nada, nem para os vivos, nem para os mortos, já que para aqueles ela não existe, ao passo que estes não estão mais aqui. E, no entanto, a maioria das pessoas ora foge da morte como se fosse o maior dos males, ora a deseja como descanso dos males da vida. (EPICURO, 2002, p.29).

Outro filósofo grego que discursou sobre o assunto foi Platão que referencia esta preocupação quando diz que “filosofar é aprender a morrer” e também diz que “Temer a morte, atenienses, não é outra coisa senão acreditar-se sábio, sem sê-lo, pois é crer que sabemos o que não sabemos” (JAPIASSU, 2006, p.194).

Pascal (1999) reconhece que estamos “todos condenados à morte”, mas como somos os únicos seres a ter consciência da própria finitude, nossa dignidade consiste em pensarmos a morte e a salvação.

Kant (2002), em sua revolução do pensamento filosófico, demonstra que a imortalidade da alma é um dos pressupostos indemonstráveis da razão prática, sendo os outros: a existência de Deus e a liberdade.

Heidegger (2006), em sua filosofia existencial, diz que a morte é o sinal da finitude e da individualidade humana que o homem precisa assumir para escapar da alienação de si e da banalidade do cotidiano, diz que a morte se desvela como a possibilidade absolutamente própria, incondicional e intransponível e que “no sentido mais amplo, a morte é um fenômeno da vida. Deve-se entender vida como um modo de ser ao qual pertence um ser-no-mundo.” (p. 28). Em Japiassu (2006, p.194) encontramos “a limitação da nossa existência pela morte é sempre decisiva para nossa compreensão e nossa apreciação da vida. Assim “este fim que designamos pela morte não significa, para a realidade humana (Dasein), um ser determinado, mas um ser para o fim, que é o ser deste existente”.

Sigmund Freud (1915, p. 327) elabora uma concepção de morte bem pertinente, quando diz que:

A crença na necessidade interna da morte não passa de uma das numerosas ilusões que criamos para nos tornar suportável o fardo da existência... no fundo, ninguém acredita em sua própria morte ou, o que dá no mesmo, em seu inconsciente cada um está persuadido da sua própria imortalidade.

Wittgenstein, citado por Japiassu (2006, p.194), diz mais recentemente, que “A morte não é um acontecimento da vida. A morte não pode ser vivida.”

Todos esses homens que apresentamos são pensadores que se colocaram na vida a serviço do pensamento, entre outros, o pensamento da morte. Estes excertos são uma demonstração de que desde os primórdios do pensamento humano, na origem da filosofia esta questão sobre a morte e o morrer já estava presente, ora como angústia, ora como motivo de preocupação apenas, ora como desejo de descobrimento.

1. 3 Personagens que fizeram da morte e do morrer seu personagem maior

ELIZABETH KÜBLER-ROSS

Psiquiatra americana foi pioneira no estudo sobre a morte e o morrer em hospitais. Durante vinte anos, dedicou sua vida a escutar pacientes em fase terminal, na sua maioria, vitimadas pelo câncer e a ajudá-los a morrer com dignidade. Seus estudos colaboraram com a criação do que se chama hoje na medicina de “cuidados paliativos”, que são os cuidados dispensados àqueles pacientes que não têm mais chances de cura. Segundo esta forma de tratar os doentes terminais, mesmo que não haja mais chances de cura e de continuação de vida para o paciente, é importante que ele não perca nem a esperança nem a vontade de viver para que possa aproveitar os últimos momentos de sua vida da maneira mais digna que lhe seja possível.

O primeiro estudo realizado por Kübler-Ross foi editado em 1987 com o nome de “Sobre a morte e o morrer” no qual a pesquisadora apresenta sua teoria sob os estágios do luto: a negação, a raiva, a barganha, a depressão e a aceitação¹:

O primeiro deles é a negação e o isolamento. Ao tomar conhecimento da fase terminal de sua doença, a maioria dos pacientes moribundos que entrevistamos reagiu com esta frase. “Não, eu não, não pode ser verdade”. Essa negação inicial era palpável tanto nos pacientes que recebiam diretamente a notícia no começo de suas doenças quanto naqueles a quem não havia sido dita a verdade, e ainda naqueles que vinham saber mais tarde por conta própria. (op., cit. p.49)... Quando não é mais possível manter firme o primeiro estágio de negação, ele é substituído por um sentimento de raiva, de revolta, de inveja, de ressentimento. Surge lógica

¹ Fizemos um recorte nas citações, por isso, elas se referem a diferentes páginas da mesma autora.

uma pergunta: “Porque eu?” (op., cit. p.61)... Contrastando com o estágio de negação, é muito difícil do ponto de vista da família e do pessoal hospitalar lidar com o estágio de raiva. Deve-se isto ao fato dessa raiva se propagar em todas as direções e projetar-se no ambiente, muitas vezes sem razão plausível (op., cit. p.62)... A reação dos parentes é de choro, e pesar, culpa ou humilhação; ou então, evitam visitas futuras, aumentando no paciente a mágoa e a raiva. O terceiro estágio, o da barganha é o menos conhecido, mas igualmente útil ao paciente, embora por um tempo muito curto (op., cit. p.62)... A maioria das barganhas são feitas com Deus, são mantidas geralmente em segredo, ditas nas entrelinhas ou no confessionário do capelão... Psicologicamente, as promessas podem estar associadas à culpa recôndita. O quarto estágio é o da depressão. Quando a depressão é um instrumento na preparação da perda iminente de todos os objetos amados, para facilitar o estágio de aceitação, o encorajamento e a confiança não tem razão de ser. (op., cit. p.93)

Neste texto, Kübler-Ross nos mostra aquilo que Freud apresentara; que ao ser humano é impossível conceber-se como um ser mortal. A raiva inicial é compreensível num paciente terminal porque, se todo ser humano se pensa imortal é natural que se sinta traído nessa promessa de imortalidade, que criou para si, na ilusão que viesse a ser cumprida.

Quando o sujeito se relaciona com a possibilidade da morte imediata de si mesmo, como uma realidade, surge uma nova possibilidade, a barganha. A barganha, que se apresenta como uma nova possibilidade de “enganar”, “iludir” não mais a si mesmo, mas a morte.

Conta-se que nessa barganha, com o possível direito de defesa realizado com o transcendente. É a Deus como juiz maior que se apela neste momento de desespero. Inicia-se, então, uma série de promessas, de rezas, orações e novenas, conforme a crença do moribundo ou de seus familiares.

Espera-se com tal barganha, a defesa da vida diante da ameaça da morte, contando-se neste momento com a intervenção maior da transcendência ou de seu representante responda ele pelo nome que se desejar ou crer.

O desafio que se apresenta àquele que lida com a morte do outro, ou que tem diante de si a iminência da própria morte, é a maneira como tratará a questão, e o tempo que haverá para se manter tal relação e ainda a qualidade possível de existir nesta relação com o moribundo ou com aquele que perdeu um ente querido ou ainda consigo mesmo, na condição de moribundo, ou futuro finado.

O próximo estágio para Kübler-Ross traz a importância desse momento com relação à família do moribundo e como essa relação modifica a qualidade de vida nos

últimos momentos desta; assim como pode intervir na forma como a educação contribui para tornar esse momento uma experiência pedagógica *sui generis* e vital, como se pode ver no excerto abaixo:

O paciente não deveria ser encorajado a olhar o lado risonho das coisas, pois isto significaria que ele não deveria contemplar sua morte iminente. Dizer-lhe para não ficar triste seria contraproducente, pois todos nós ficamos profundamente tristes quando perdemos um ser amado. No pesar preparatório há pouca ou nenhuma necessidade de palavras... um afago nos cabelos, um toque nas mãos já é suficiente. Não se confunda aceitação com um estágio de felicidade. É quase uma fuga de sentimentos. É como se a dor tivesse esvanecido, a luta tivesse cessado e fosse chegado o momento do “repouso derradeiro antes da longa viagem”. É também o momento em que a família carece de ajuda, compreensão e apoio, mais do que o próprio paciente; à medida que a véspera da morte encontra uma certa paz e aceitação, seu círculo de interesse diminui. (op., cit. p. 97)

Diz a psiquiatra, que as pessoas à beira da morte passam por este processo quando a morte é precedida de um longo tempo de enfermidade. E para Kübler-Ross, o prolongamento da doença era uma oportunidade para refazer laços que haviam se soltado por mágoas, intrigas, brigas entre familiares e amigos ou simplesmente para resolver as ausências que a vida traz para pessoas que se querem mais próximas.

Muitos dos seus pacientes foram estimulados a falar sobre seu adoecimento e inicialmente não se mostravam muito dispostos. Aos poucos a Dra. Kübler-Ross ia se tornando mais próxima do doente e com o tempo que se escasseava para estes, falavam de seus medos, desejos, sonhos e refaziam, em muitos casos, suas relações com os entes queridos e não era muito raro depois de terem resolvido estas perdas, finalmente morriam. Assim como era muito comum morrerem, logo depois de ter estado com uma pessoa que não viam há algum tempo.

PHILIPPE ÀRIES

Historiador francês que por muitos anos estudou e publicou diversas obras sobre como o homem ocidental se coloca diante da morte.

Para Àries, o mistério da morte sempre acompanhou o pensamento humano. Pesquisou a morte na civilização ocidental e disse como esta mesma civilização se comporta diante da morte do outro. Trouxe à luz da ciência numa pesquisa arqueológica

que em alguns capítulos nos lembra Foucault em sua primeira fase, Àries parte pela França e outros países da Europa para buscar as origens do tratamento dado à morte na sociedade ocidental. A construção dos cemitérios, os hospitais, as praças, as penitências, as carpideiras e todas as formas que os povos, principalmente os europeus, deram aos cuidados com a morte e com o corpo do morto.

MARIA JULIA KOVACS

Em relação à educação, finalmente surge uma pensadora que relaciona a morte e o morrer e a atividade educativa. Estamos falando de Maria Julia Kovacs, pesquisadora da USP que discute como a educação pode auxiliar no processo de perda de um ente querido, como auxiliar crianças, adolescentes e adultos enlutados. Diferente dos outros estudiosos citados neste capítulo, que estão mais diretamente ligados à questão da morte, relacionando-a com o adoecimento e a hospitalização, Kovacs discute a morte e o processo do luto dos parentes, familiares e amigos.

É de Kovacs a chefia do departamento dos estudos do luto da USP. Neste departamento, foi criada uma série de vídeos para serem utilizados nas escolas com a intenção de promover o debate sobre a morte desde a educação infantil até o ensino médio. Esta coleção se chama “Conversando sobre a morte” e Kovacs tem muitas publicações a respeito, entre elas, o livro “Educação para a morte”, editado pela EDUSP.

Em seus estudos, Maria Julia Kovacs, responsável pela criação do Laboratório de Estudos sobre a Morte (LEM), da Faculdade de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), prioriza o aperfeiçoamento da comunicação sobre morte, perdas e situações-limite, na tentativa de avaliar a complexidade desses fenômenos nas diferentes fases do desenvolvimento humano para os quais se percebe muito despreparo a ser superado.

Através de sua experiência no LEM, Kovacs verifica que os profissionais médicos, enfermeiros e psicólogos, ao cuidarem de pacientes próximos de morrer, para não estabelecer vínculos mais intensos, realizam suas atividades de maneira rotineira, valorizando os aspectos técnicos como proteção para o envolvimento com o sofrimento diante da morte. Preocupa-se com a inexistência, nos cursos de graduação e pós-graduação, de disciplinas voltadas para uma formação mais humanista, que envolva o processo de cuidar do doente e de sua família.

Ainda que a confrontação regular com o processo de morrer, com a morte e com o luto seja realidade constante na vida dos profissionais de Saúde, que nem sempre estão

preparados para lidar com esse fenômeno, os leva a pensar na sua fragilidade e na sua própria finitude. Nesta condição, tem-se demonstrado a partir de estudos e pesquisas a respeito da morte que o ser humano não dispensa a ajuda de outrem em momento tão crucial, nem na iminência da própria morte, nem quando ocorre a perda de um ente querido.

Educação para a morte: desafio na formação de profissionais de saúde e educação, de Maria Júlia Kovacs, é um livro onde discute a possibilidade de além de aprender sobre a morte, também aprender sobre o sofrimento que se apodera do profissional de saúde ao tratar de pessoas com risco de morte. Kovacs apresenta um elenco de interrogações e reflexões que afligem o homem desde os primórdios da humanidade, propõe que as escolas médicas também ensinem a compaixão, a sensibilidade e a amorosidade como capacidades dos profissionais de saúde, para compreenderem este processo de fim da própria vida e da vida dos seus.

Desde 1999, na condição de docente, Kovacs oferece o "Curso de Extensão Profissional de Saúde e Educação: a morte na prática do seu cotidiano", onde trata dos procedimentos de profissionais da saúde: médicos, enfermeiros, psicólogos em hospitais, escolas do campo da saúde e demais instituições nas quais a morte faz parte do cotidiano, relatando experiências vividas por professores e alunos no Instituto de Psicologia da USP.

A grande questão que Kovacs propõe, neste momento, à sociedade brasileira contemporânea consiste em saber o seguinte: "É possível uma Educação para a Morte?". Na tentativa de respondê-la ou problematizá-la, Kovacs cria cursos, viabiliza fóruns de discussão sobre o assunto, facilita reflexões e publica artigos e livros, nos quais salienta a necessidade de encaminhar os profissionais de saúde e educação para uma formação, que lhes permita enfrentar o processo de morte, a partir de uma preparação cognitiva, emocional, psicológica para contribuir e amenizar o sofrimento diante desse fenômeno humano, de modo que toda a vez que ele aconteça ou que se esteja em sua iminência, o aluno ou o docente tenha as condições de se deixar envolver pela situação do paciente, de sua família e faça desse sofrimento uma experiência pedagógica que de outra forma seria por si só inviável.

Mas Kovacs não escreve e publica numa sociedade qualquer. Ela escreve na sociedade brasileira contemporânea, na sociedade capitalista, do espetáculo e nessa sociedade não é possível falar da morte.

Talvez por isso os textos da professora Kovacs não tenham um alcance tão necessário quanto poderiam no âmbito da escola pública de Ensino fundamental e Médio,

não sendo tão conhecidos e utilizados, apesar de estarem disponíveis nas Diretorias de Ensino da Secretaria Estadual de Educação do Estado de São Paulo. Eu mesma utilizei uma das suas fitas há alguns anos atrás. Voltei à diretoria em questão, dez anos depois, e pude constatar que a última vez que a fita havia sido utilizada, foi na oportunidade em que a assisti. As pessoas que cuidam da videoteca da diretoria tiveram alguma dificuldade para encontrá-la, pois não sendo muito utilizada, estava escondida, no fundo do acervo e não era conhecida da pessoa responsável.

Além deste episódio com a fita da Dra. Kovacs, há na escola um silêncio absurdo sobre a morte e o morrer; aos professores é incompreensível, em sua maioria, que alguém se interesse por este tema, sempre que surge oportunidade de discuti-lo, a abordagem dada costuma partir para a questão religiosa ou espiritual. É muito difícil elevar esta questão à condição de tema produtor de conhecimento e seu discurso à condição de discurso científico ou filosófico.

A proposta inicial deste capítulo foi apresentar os principais teóricos sobre a morte e o morrer que durante a história da humanidade se destacaram. Fundantes nesta questão para o conhecimento do tema Epicuro, Kobler-Ross, Àries, Kovacs destacam-se neste momento por esta participação em publicações sobre o tema.

No próximo capítulo, discutiremos como a sociedade capitalista ocidental construiu o discurso sobre a morte e o morrer. Faremos uma discussão a respeito da cultura ocidental em relação à morte e como esta sociedade trouxe sua contribuição para a formação da sociedade brasileira, sincretizando a cultura branca européia, a cultura indígena e a cultura negra. Dando um novo formato à sua religiosidade, sua forma de dizer de si, seus costumes, sua espiritualidade, suas especificidades como princípios norteadores da sociedade em que hoje vivemos e nos constituímos como sujeitos.

Capítulo II - A MORTE NA CULTURA OCIDENTAL E BRASILEIRA

Neste capítulo, apresentaremos o desejo de imortalidade do Homem e a contradição entre este desejo e a realidade da presença da morte dos sujeitos e dos entes queridos. E como esta presença traz a perspectiva da morte de si mesmo. Como o discurso da morte de si só pode se apresentar a partir da linguagem na perspectiva da morte do outro.

Faremos uma breve incursão pela história da sociedade ocidental e também sobre a história da sociedade brasileira para tentarmos entender como estas sociedades, a ocidental e a brasileira especificamente, têm lidado com a morte e o morrer desde o início de sua história.

2. 1. O Homem Ocidental e o desejo da Imortalidade

Desde que a humanidade se formou, a morte e o morrer são uma incógnita para cada ser humano. A morte do outro é, a cada vez que acontece, e ela acontece com frequência, um desafio, para aqueles que ficam, tentar compreendê-la.

A compreensão da finitude humana parece ir além da capacidade humana. Vendo o fim de um ente querido, a pessoa se percebe ela, também, mortal. Ela também finita. Sua vida também acabará. Tudo o que tem um dia não será mais seu e as pessoas a quem ama, um dia, não a terão mais.

Por não pensar nesta possibilidade é que o ser humano constrói história, cultura, sociedade. Por pensar nesta possibilidade é que a humanidade constrói filosofia, religião, espiritualidade e arte.

A filosofia e a arte, sendo a capacidade humana de transcender a própria existência, têm, em si mesmas, representadas a possibilidade de existir após a finitude da vida de quem as produz.

Por procurar compreender tal possibilidade na existência humana, surgiram as explicações mitológicas e, posteriormente, a espiritualidade.

Ao homem racional não era possível a perspectiva de um dia deixar de existir. A consciência da própria morte fez dele um ser angustiado, porque a morte e o morrer não são apenas acontecimentos da ordem do biológico, físico e individual; eles trazem consigo

uma dimensão filosófica, social, antropológica, psicológica, estética, espiritual e postulamos, também, neste trabalho, pedagógica.

Não há ser humano que não se assuste quando a “indesejável das gentes” se aproxima dele através da morte de seus entes queridos. E toda vez que morre um ente querido é como se a morte estivesse avisando a cada um que o conhece, “o próximo haverá de ser você”.

Este medo ou receio surge como outro aviso igualmente necessário: *Carpe diem*, ou em bom português aproveite o dia porque é só o que você verdadeiramente tem ainda. Não sofra com o futuro, nem se preocupe muito com o depois, talvez ele nem venha a chegar para você.

Sofrer pelo que há de vir é condição *sine qua non* da espécie humana, como justifica Boff (2000, p.60):

Somos todos seres desejantes. Talvez o desejo seja a nossa experiência mais imediata e, ao mesmo tempo, mais profunda. Coisa que já Aristóteles vira e Freud colocou como eixo fundamental para entender o motor interno humano. A nossa estrutura de base é o desejo. E faz parte da dinâmica do desejo não ter limites. Não desejamos só isso ou aquilo. Desejamos tudo. Não queremos só viver muito, queremos viver sempre. Desejamos a imortalidade. E nos frustramos, porque o princípio da realidade nos mostra que somos mortais. Vamos morrendo devagarzinho, em prestações, cada dia, até acabarmos de morrer. Mas o nosso desejo é sempre virgem, sempre quer viver mais, quer prolongar o tempo, quer transcender a morte. A grande chave da pseudotranscendência é manipular nossa estrutura do desejo, é canalizar toda nossa potencialidade de desejo para uma coisa limitada e identificar essa coisa com a totalidade da realidade. É então que nos frustramos, porque o desejo quer o todo e só alcançamos a parte.

Passamos então nossa existência em busca de algo que nos falta, sem jamais discernimos o que verdadeiramente é aquilo do qual nós carecemos. É como se sentíssemos saudade de algo que não vivemos, de lugares que nunca visitamos e de pessoas com quem nunca nos relacionamos. Então, muitos de nós procuramos este desejo nas paixões, nas religiões, nas artes, na filosofia, na psicanálise. Nos casamos e nos divorciamos porque aquele ou aquela que era inicialmente nosso objeto de desejo, já não pode nos satisfazer, porque não desejamos a ele ou a ela, desejamos compreender nossa finitude, nossa aparente incompletude, nossa necessidade singular de transcendência, nossa avidez de imortalidade e de eternidade.

Algumas pessoas escutam este aviso, outras o despistam e fingem que não foi para elas, continuam produzindo e vivendo suas vidas como dantes, deixam de pensar na morte como se este ato, o de não pensar na sua inevitável presença, fosse suficiente para evitá-la. Àries (1989) nos diz sobre esta forma de vivenciar o nosso contato com a morte, porque para o autor não adianta deixar de pensar na morte, esta atitude não a retarda ou evita. E ainda nos faz observar que pensar na morte pode nos ajudar aceitá-la e a perceber que ela é uma experiência tão importante e valiosa como qualquer outra e que nós podemos fazer dessa experiência vivida na morte do outro uma experiência singular para nós mesmos. Quem também escuta o tal aviso, em demasia, paralisa sua existência, atordoado com sua possibilidade. Vive cada dia como se fosse o último e um dia, inevitavelmente, acerta.

Mas a morte e o morrer também têm sua história registrada na história da humanidade. Cada sociedade criou rituais próprios para sua cultura. No próximo item, discutiremos a sociedade ocidental e como ela se relaciona com a morte e o morrer entre nós, influenciando a sociedade brasileira. Aqui também merece uma explicação sobre qual sociedade brasileira estaremos discutindo, porque, neste caso, também, nossa diversidade é salutar. Faremos um corte de pesquisa na sociedade ocidental e brasileira.

2.2 A Morte na Sociedade Ocidental

Assim como em outros aspectos, nossa herança ocidental européia foi construída a partir da sujeição, no nosso caso, de parte da sociedade portuguesa, a partir de seus interesses econômicos, políticos e muitas vezes pessoais. A morte e o *post mortem* também tem uma história que, neste caso, foi construída em outro continente, por um número de anos incontáveis e outros mais incontáveis ainda de sujeitos. Para alguém menos avisado sobre o assunto, pode passar despercebido o fato da sociedade ter construído essa história, de os nossos ancestrais terem, eles mesmos, e de formas diferenciadas, lidado com a morte, com os recursos e as idéias possíveis em seu tempo.

Àries (1989, p. 44) nos resume como se deu esse processo de tratamento aos mortos no ocidente: “Enterro ad santus, povoamento em torno das basílicas cemiteriais, penetração das sepulturas nas cidades e vilas, no meio das habitações: essas foram as diversas etapas de uma evolução, que aproximam os vivos e os mortos anteriormente mantidos à distância.”

Na Europa da Idade Média, havia muitos rituais e formas de se enterrar os mortos que, por vezes, por causa das guerras ou epidemias, ambas muito comuns, o local onde as pessoas eram enterradas era definido por sua condição social. Segundo Àries (1989, p. 38):

Foi assim que os túmulos dos mártires atraíram as sepulturas, e como os mártires tinham sido em geral enterrados nas necrópoles comuns fora das cidades, as velhas zonas funerárias pagãs forneceram ao cristianismo seus pontos mais antigos e mais venerados.

Mas Àries (1989, p.40-41) também nos ensina como a Europa medieval foi acrescentando várias maneiras de tratar com a morte:

Houve um momento em que desapareceu a distinção entre o bairro onde se enterravam os mortos desde tempos imemoriais, e a cidade, sempre interdita às sepulturas. O desenvolvimento dos bairros novos em torno da basílica cemiterial já mostrava uma grande alteração: os mortos, primeiros ocupantes, não tinham impedido os vivos de se instalarem ao lado deles. Observa-se, portanto, aqui, em seus primórdios, o enfraquecimento da repulsa que os mortos inspiravam na Antiguidade. A penetração dos mortos para o interior dos muros, no coração das cidades, significa o abandono completo da antiga interdição e a sua substituição por uma atitude nova de indiferença ou de familiaridade. Daí por diante, os mortos deixaram completamente e por muito tempo de fazer medo.

A sociedade brasileira, assim como todo o ocidente cristão, desde o século XVIII dá à morte, um lugar de interdito, de tabu, por conta da necessidade de higienização social trazida pela revolução industrial e pelo positivismo na ciência médica e social. Como diz Martins (1983), a morte, tão presente outrora, tão familiar, vai apagar-se e desaparecer. Ela torna-se vergonhosa e objeto proibido.

Mesmo no século XX, por ser uma sociedade cristã e ocidental, a sociedade brasileira culturalmente transforma a morte em um tema interdito, como se refere Martins (1983, p. 63): “A civilização urbana e industrial intervém nas novas atitudes funerárias. Finalmente, um último tempo observado a partir dos anos 1950, mais especificamente: percebe-se uma revolução brutal e rápida nas idéias e sentimentos coletivos e tradicionais.”

A partir da década acima citada, nós passamos a encarar a morte como um tabu e escondê-la dentro dos muros do cemitério mais próximo. A escola como lugar privilegiado de sujeição vai cumprir, entre nós, seu papel de docilizadora dos corpos e tratará a morte por entre seus muros, também, como um tabu a não ser discutido, nem trazido aos palcos educacionais, esquecendo-se da sua função pública.

Como outros lugares públicos, a escola tem, também, a função de encontro e de socialização, como a igreja, o hospital, a prisão e os cemitérios. Estes lugares públicos, cada um com sua função, tem também uma função socializadora e educativa.

O que nos chama atenção é a mudança social e pública do cemitério. Se nos primeiros tempos em que passou a ser um lugar para se enterrar os mortos, especificamente para isso criado, era também um lugar de encontro da comunidade. Um lugar onde as pessoas se encontravam não apenas para velar e enterrar seus mortos. Àries (1989, p.73-74) nos ilustra como era o cotidiano no início da utilização dos cemitérios.

O direito de asilo fez do cemitério, ao mesmo tempo que um lugar público de reunião, um lugar de mercado e de feira. Os mercadores ali gozavam das concessões de imunidade, aproveitavam do concurso dos fregueses atraídos pelas manifestações religiosas, judiciárias ou municipais. Os dias de peregrinação eram também dias de feira. (...) Na realidade, nenhuma autoridade jurídica ou moral impediu a igreja e o cemitério de servirem de local de reunião para toda a comunidade, enquanto esta sentiu necessidade de se reunir periodicamente, toda inteira, para se administrar diretamente e também ter a sensação de vida em comum. (...)

Cada sociedade estabelece sua forma de realizar determinadas ações em lugares também determinados. Com o iluminismo surgiram os espaços públicos diferentes daqueles praticados na idade média, onde a vida ocorria em feudos, em uma sociedade acostumada com a vida rural. A modernidade traz à vida na cidade um significado dado, na história da humanidade apenas às cidades-estados da Grécia, mas, neste caso, com a participação de “cidadãos” apenas, para uma parte ainda muito restrita da população que assim poderia ser considerada.

Com a modernidade e sua filosofia propulsora, o positivismo, a crença na ciência se aprofunda de tal forma que os lugares leigos e laicos passam a substituírem os religiosos e seus dogmas. A vida em comunidade já não é tão cotidiana, a teoria do indivíduo iniciada por Locke² e pretendida por Bentham³ passa a nortear a política e as formas sociais de expressão da idade da técnica. A praça pública, os locais privilegiados de

² **John Locke** (Wrington, 29 de agosto de 1632 — Harlow, 28 de outubro de 1704) foi um filósofo inglês e ideólogo do liberalismo, sendo considerado o principal representante do empirismo britânico e um dos principais teóricos do contrato social.

³ **Jeremy Bentham** (15 de fevereiro de 1748 – 6 de junho de 1832) foi um filósofo e jurista inglês. Juntamente com John Stuart Mill e James Mill, difundiu o utilitarismo, teoria ética que responde todas as questões acerca do que fazer, do que admirar e de como viver, em termos da maximização da utilidade e da felicidade

reuniões sociais e festas deixam de ser os cemitérios medievais e passam a ser as praças da modernidade; enquanto que os cemitérios se tornam cada vez mais lugares para os mortos e só para eles; aos vivos cabe ir lá apenas para depositar um ente querido na sepultura. Sobre este aspecto, Àries (1989, p.84), nos diz:

O positivismo não delirava ao fazer da prefeitura o templo leigo; a igreja tinha representado perfeitamente esse papel durante séculos. O motivo estava antes no progresso das formas burocráticas na vida pública e na administração, o desaparecimento do sentimento global da comunidade vivida. Anteriormente, a comunidade manifestava com festas sua consciência coletiva, liberava por meio de diversões o excesso de suas forças jovens no próprio lugar onde realizava as reuniões religiosas, judiciais, políticas, comerciais: no cemitério.

Nestes tempos de Modernidade que se seguiu, desde o século XVIII, nossa sociedade esqueceu que alguns lugares são sagrados por sua existência e os simbolismos dos mesmos surgiram dos rituais e das necessidades de explicações para o consolo das dores e do refrigério das mesmas. Os lugares de reunião social atualmente continuam os mesmos dos que iniciaram a sociedade capitalista cristã ocidental, mas é muito difícil para nós colocarmos entre eles o cemitério, pois o frequentamos, ultimamente, apenas em momentos muito tristes, desoladores, dos quais não gostaríamos de nos aproximar, pois a ideologia dominante nos prega que um dia poderemos não precisar mais vivenciá-los. E o cemitério que hoje tem como sua função a de nos fazer refletir sobre a morte de algum ente querido, já teve outra função e o que fazíamos no cemitério, hoje, fazemos na praça. Àries (1989, p.70) nos ensina que “Então, a função de lugar público passou do cemitério para a praça vizinha. Mas durante muito tempo, antes de ficar isolado, o cemitério foi a grande praça pública”.

Desde sempre a morte existiu entre nós. Seja como acontecimento natural, seja como acidente, seja como condenação por erros cometidos contra outros ou contra a lei, ela sempre esteve entre nós.

A seguir, traremos alguns exemplos de como é vista na sociedade brasileira.

2.3 A Morte na Sociedade Brasileira

Quando éramos uma sociedade tribal, os mitos de origem e finitude nos aplacavam a alma e a religiosidade de nossa sociedade nos dava as respostas que desejávamos. Os

rituais indígenas tratam a morte como um acontecimento necessário para a harmonia do lugar ocupado pela tribo.

Os Carajás tem uma explicação sobre a morte que muito nos ensina, segundo Boff (2000, p.31-34):

Os Carajás têm um mito fantástico. A cultura carajá no bananal é riquíssima... Segundo o relato dos Carajás, o Criador os fez imortais. Eles viviam como peixes na água, nos rios, nos lagos. Não conheciam o sol, a lua, as estrelas, nada, apenas as águas. No fundo de cada rio onde estavam, havia sempre um buraco de onde saía uma luz com grande intensidade. E este era o preceito do Criador: “Vocês não podem entrar nesse buraco, senão perderão a imortalidade.” Eles circundavam o buraco, deixando-se iluminar com as cores e sua luz, mas respeitavam o preceito, apesar de ser grande a tentação. “O que há lá dentro?” Até que um dia, um carajá afoito se meteu pelo buraco adentro. E caiu nas praias esplêndidas do rio Araguaia, que são praias alvíssimas, belíssimas. Ficou maravilhado. Viu o sol, pássaros, paisagens soberbas, flores borboletas. Por onde dirigia o olhar ficava cada vez mais boquiaberto. E quando chegou o entardecer e o sol sumiu, pensou em voltar para os irmãos. Mas aí apareceram a lua e as estrelas. Ficou ainda mais embasbacado e passou a noite se admirando da grandiosidade do universo. E quando pensou que já ia avançado na noite, o sol começou a despontar. Ao lembrar-se dos irmãos, ele retornou pelo buraco. Reuniu todos e contou: “Irmãos e irmãs, meus parentes, vi uma coisa extraordinária, que vocês não podem imaginar.” E descreveu sua experiência. Aí, todos queriam passar pelo buraco luminoso. Então, os sábios disseram: “Mas o Criador é tão bondoso conosco, nos deu a imortalidade, vamos consultá-Lo”. E foram consultar o Criador, dizendo: “Pai, deixe-nos passar pelo buraco. “É tão extraordinária aquela realidade que o nosso irmão afoito nos descreveu”.” E o Criador, com certa tristeza, respondeu: “Realmente, é uma realidade esplêndida. As praias são lindíssimas, a floresta apresenta uma biodiversidade fantástica” (O Criador já falava o nosso dialeto moderno) E continuou: “Vocês perderão a imortalidade”. Todos se entreolharam e se voltaram para o Carajá afoito que primeiro violara o preceito. E decidiram passar pelo buraco, renunciando à imortalidade. A divindade então lhes disse: “Eu respeito a decisão que tomaram. Vocês terão experiências fantásticas de beleza, de grandiosidade, mas tudo será efêmero. Tudo vai nascer, crescer, madurar, decair e por fim morrer. Vocês participarão deste ciclo. É isso que querem?”E, todos unanimemente afirmaram: “Queremos.” E foram. Cometeram o ato de suprema coragem para terem a liberdade de viver a experiência da transcendência. Renunciaram a vitalidade perene, renunciaram a imortalidade. E até hoje estão lá, os Carajás, naquelas praias lindíssimas... Os Carajás fizeram a experiência da transcendência. Essa passagem é a transcendência, que revela a grandiosidade do ser humano, mas também sua dramaticidade, pois ele deve morrer, tendo sempre o desejo de viver.

Este mito dos Carajás, tão belamente narrado por Boff nos remete a outro mito, o mito da caverna escrito por Platão, também conhecido como “Alegoria da caverna” que, em linhas gerais, apresenta a idéia de que um grupo de homens vivia em uma caverna,

desde o nascimento, acorrentados pelo pescoço, pelos punhos e pelos tornozelos. Esses homens só conheciam a sombra que o sol fazia na caverna com sua luz e as sombras que um grupo de homens projetava sobre a caverna, como propaganda do que seria a realidade para esses homens acorrentados. Certo dia, um dos homens conseguiu sair da caverna e depois de ser ofuscado pela luz do sol, conhecendo a realidade fora da caverna, encantou-se e resolveu voltar e contar aos seus irmãos de sorte o que seria o mundo fora de lá. Mas ao contrário de suas previsões os seus irmãos de sorte o mataram por não acreditarem em suas palavras.

O mito de Platão e o mito dos Carajás nos apontam uma diferenciação de como a sociedade de cada povo citado, os Carajás e os gregos, fundadores da nossa cultura, observam a vida e a morte.

Para os Carajás, foi preciso fazer a experiência da transcendência para descobrir o que havia dentro do buraco. É preciso coragem e curiosidade para renunciar ao desejo maior do ser humano, a imortalidade, em troca de uma beleza efêmera e vulnerável. Mas o espanto em face do desconhecido seduziu nossos ancestrais de tal modo que eles, corajosamente, optaram por ter por pouco tempo a experiência de conviver com a profundidade da vida e da passagem pela morte, para ter uma vida em plenitude. Percebemos que, neste mito, Boff não diz sobre a experiência da dor a que o ser mortal se submete em função da mortalidade escolhida. A dor, experiência que sempre acompanha a idéia que o ser humano faz da experiência de morte. Morte e dor que no imaginário humano são companheiras inseparáveis, sendo a segunda relacionada com a primeira, quando se expressa o medo da própria morte, ou da experiência da morte de um ente querido.

No mito da caverna, os homens já estão na caverna e apenas um ao sair se depara com a beleza e a grandiosidade da vida fora da caverna, (o buraco no mito carajá). Este ao sair e voltar não é mais reconhecido como um dos seus, e, suas idéias de um mundo fora da caverna são rejeitadas pela comunidade por não acreditarem em suas observações. Fica claro que Platão traz no mito a dificuldade do povo grego antigo de conviver com o diferente daquele que enxerga, Platão utiliza a alegoria como uma forma de apresentar o ser em si do filósofo na sociedade grega; aquele que está no mundo para ser incompreendido, aquele que não será ouvido, nem respeitado, aquele que, por vezes, será dado como louco.

Já na sociedade carajá, o índio afoito é ouvido e seu relato aceito pelos seus, inclusive pelos mais velhos da sociedade; que dando credibilidade a um dos seus membros

resolvem, mesmo sem terem eles mesmos entrado no buraco, renunciar a imortalidade que já lhes era dada para experimentar aquilo que era novo e proposto por um membro afoito de seu grupo.

Certamente a diferença que se coloca por estes dois mitos de sociedades diferentes, mas ambas, fundadoras da sociedade brasileira deixam claras a capacidade de ouvir e a diferença que essa capacidade pode fazer na vida de cada sujeito e da sociedade em que ele está inserido. Uma sociedade, por ouvir perdeu a imortalidade, mas ganhou a possibilidade de viver, mesmo que de modo efêmero a beleza da realidade da vida. Outra, por não escutar o relato daquele que sai, aprende e volta, permanece na caverna, sem consciência que fora dali existe outra realidade, maior e mais bela que aquela em que está inserido.

A sociedade brasileira foi formada inicialmente pela mistura dos povos europeus, representados pelos descobridores portugueses, pelos povos nativos, a quem estes chamaram de indígenas e aos povos africanos, aqui trazidos para serem utilizados como mão de obra na construção da riqueza de Portugal.

Quando os portugueses, aqui chegaram, ainda na Idade Média, trouxeram uma outra morte, a morte que livraria do pecado, a possibilidade de ressurreição após muito sofrimento e também a vitória sobre a morte através da “verdade” da vida eterna. Sobre esta morte na sociedade medieval que batizou a sociedade brasileira, Elias (2001, p.23) discute:

A vida na sociedade medieval era mais curta; os perigos, menos controláveis; a morte, muitas vezes mais dolorosa; o sentido de culpa e o medo da punição depois da morte, a doutrina oficial. Porém em todos os casos, a participação dos outros na morte de um indivíduo era muito mais comum.

A vida eterna seria conquistada por aqueles entre os que fossem batizados em Nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo ou em Nome de Jesus Cristo, Nosso Senhor. Para isso, era preciso, se branco fosse, nascer num lar católico e ter pais que fossem batizados com nomes cristãos. Se fosse índio, haveria de negar os seus deuses, converter-se e adotar um nome cristão para ser batizados na igreja. Foi para isso que o Padre José de Anchieta cruzou os mares, seguido de muitos outros depois dele. Se fosse negro, escravo, não haveria salvação possível porque não tinham alma. Só depois de alguns séculos Roma os dotou de almas e então puderam rezar nas igrejas reservadas aos homens pretos, talvez não seja por acaso que algumas têm o singelo nome de Igreja da Nossa Senhora da Boa

Morte do Rosário dos Pretos, era também importante que fossem batizados com um nome cristão.

Trazendo os escravos para cá, os portugueses trouxeram ainda mais, uma outra morte. A morte, às vezes desejada, como condição de libertação e cultuada de formas diversas. A religiosidade africana trouxe a veneração da *anima* da natureza e suas energias/orixás desconhecidas daqueles que já habitavam as terras e desconhecidos também dos portugueses que acabavam de chegar por aqui.

Na condição de escravizados, trouxeram da mãe África os orixás, energias que ajudavam a aplacar as dores e, se cultuados de maneira correta, poderiam ajudar ainda mais, fechando os corpos dos guerreiros para não serem alvo fácil de doenças e de tentativas de assassinatos, e isso era muito valioso para quem vivia sob o açoite do chicote do senhor. Morrer para os moradores das senzalas era uma experiência possível diariamente, porque viviam sob as ordens e os humores dos senhores e donos, senhores e donos também das suas vidas, para quem não custava muito matar-lhes.

Trouxeram da África os orixás, energias da natureza que ajudariam quando evocados, mas passaram a cultuá-los de maneira diferente aqui no Brasil, criaram uma nova forma de reverenciá-los, o candomblé.

O candomblé, segundo estudos, é uma religião tipicamente brasileira, pois na África não foi encontrada como se pratica no Brasil. Ele foi para a África a partir do Brasil.

Nesse culto afrobrasileiro, criado nos terreiros das senzalas, existe uma energia da natureza para cada necessidade humana. Em relação à morte e o morrer existe um especificamente. A energia, ou orixá, que representa a morte e o morrer é o orixá OMULU ou OBALUAYÊ, que logo foi sincretizado na figura católica de São Lázaro.

Omulu ou Obaluayê é o orixá da varíola, muito relacionado com as pestes. Ele é capaz, segundo a crença, de dizimar centenas de vidas ou uma só. Quando há uma morte no terreiro ou uma doença ameaçadora, o “pai de santo” ou a “mãe de santo” faz um ritual para Omulu afastar do local ou da pessoa, a doença. Para isso se faz festa, se convida Omulu para dançar na roda e o “pai de santo” ou a “mãe de santo”, sacerdote ou sacerdotisa do candomblé, oferece sua comida preferida. Depois de satisfeito o orixá, a pessoa doente melhora, porque Omulu leva a doença que estava na pessoa ou na comunidade, consigo, para o reino dos orixás. A doença vai embora sem maiores explicações sanitárias ou científicas.

Com o decorrer dos tempos, tudo isso se fundiu de uma forma única e o que era negro virou branco também. Depois já não se sabia onde se iniciava uma cultura e onde terminava a outra. Já não se tinha mais a cultura indígena, negra e portuguesa, porque já haviam construído, com sangue, suor, lágrimas, festa e amor a cultura brasileira.

Esta cultura brasileira desconhece a morte. A vida no Brasil é comemorada a cada dia. Seja produzindo, seja dançando, seja cantando, enfim, vivendo. A sociedade brasileira só se lembra da morte, quando ela ocorre perto de quem se ama, ou melhor, com quem se ama. Quando perdemos um ente querido, nos percebemos mortais e, por um tempo, procuramos nos cuidar um pouco mais e melhor. Logo depois esquecemos e continuamos a viver como se ela não existisse. Mesmo em lugares em que ela deveria ser refletida para nos ensinar sobre si, só a discutimos duas vezes por ano: Na semana Santa em que nos lembramos da morte de Cristo e no dia dois de novembro quando “comemoramos” o dia de finados e nossos mortos são visitados por um bom número de familiares em suas sepulturas nos cemitérios. Discutimos também nas UTIs dos hospitais, fora dela, nos hospitais, procuramos falar sobre a melhora do paciente e de como será a vida dele “daqui pra frente”, quando sair do hospital, mesmo sabendo que ele não voltará para casa quando sair de lá.

Quando se visita um ente querido doente, não é de bom tom, entre nós falarmos verdadeiramente de sua condição e de seu estado de saúde, falamos de banalidades e disfarçamos nossas preocupações para ele não ficar preocupado consigo mesmo, e com as verdadeiras condições em que se encontra.

Mas será que os doentes terminais, ou não, não desejariam falar sobre seu verdadeiro estado de saúde? Essa visita não seria mais produtiva se conversássemos sobre a possibilidade de morte do sujeito em questão e de nossos sentimentos por ele ainda vivo?

O que aconteceria se, desde a tenra idade, nos preparasse para este evento; enriquecendo nosso presente, repensando nossos afetos, refletindo sobre a vida que estamos levando, treinando nosso desapego, nossa capacidade de amar e nos deixássemos amar pelos outros?

O que aconteceria se pudéssemos, quando doentes, planejar a nossa ida dessa vida de maneira organizada e dentro do nosso tempo de vida nos preparar para a morte como nos preparamos para comprar uma casa nova ou um carro ou para uma viagem?

O que aconteceria com a nossa sociedade se nos dispuséssemos à preparação para a morte no tempo que temos, que é o tempo presente? Se vivêssemos nos preparando para a nossa finitude como possibilidade real na vida? Se não víssemos a morte como fatalidade

ou acidente e que sempre acontecesse com os outros e nos percebêssemos como mortais e capazes de realizar as nossas coisas para quando ela chegar? Deixaríamos nossos entes queridos menos atordoados? Deixaríamos de realizar algo de importante para “curtir a vida”?

O que aconteceria se, nas escolas nós estudássemos sobre a morte e o processo de morrer? Discutíssemos com os adolescentes e jovens sobre como gostariam de viver a sua vida sabendo que são mortais?

Quando ao discutirmos sobre a morte na nossa sociedade atual, percebemos que morremos muito quando jovens e entre nós morremos mais como jovens rapazes do que como jovens moças. Segundo a revista “Guia do estudante: Atualidades 2009, distribuída nas escolas estaduais paulistas para o Ensino Médio como proposta de preparação para o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio): “É perigoso ser jovem no Brasil.” Neste artigo escrito por Martha San Juan França, a autora discute a morte dos jovens nas grandes cidades do Brasil de hoje “a proporção dos homicídios na faixa dos 15 aos 24 anos é 170% maior que nas demais faixas etárias.” (2009, p.135) Como causas da nossa violência contra os jovens são apontadas pela autora algumas, entre as quais: a desigualdade social, a concentração de renda, o crime organizado, a violência policial e os acidentes de trânsito.

Os jovens brasileiros estão morrendo cedo demais- e de maneira violenta. Pesquisas divulgadas nos últimos meses demonstram que, a proporção de mortes por homicídio e acidentes de trânsito, as causas externas, são altíssimas entre os jovens, uma das maiores da América Latina. Os índices de violência, de modo geral, são elevados em todo o continente- quatro vezes maior do que a média mundial. Pior: as maiores vítimas de morte violenta são os jovens com idade entre 15 e 24 anos. No Brasil, a porcentagem de mortes por assassinato nessa faixa etária é de 170% maior do que a de qualquer outra faixa etária. A probabilidade de um jovem brasileiro ser vítima de homicídio é 30 vezes maior que a de um jovem europeu e 70 vezes maior que a de um morador da Inglaterra, da Áustria ou do Japão. (2009, p.134)

Haverá algum perigo muito grande, à sociedade capitalista ocidental e brasileira o estudo mais aprofundado da finitude humana que justifique esse comportamento em relação ao tema da morte e do morrer?

Ao invés de todas as questões acima e a despeito das mesmas, o que podemos observar na sociedade que construímos é um despreparo técnico, filosófico, psicológico e, principalmente pedagógico e existencial, dos profissionais das áreas de saúde e das ciências humanas em lidar com o tema da morte e do morrer.

Esse despreparo é elevado quando estamos diante da morte de um aluno ou de um colega numa escola. Não se sabe o que dizer ou não dizer. Ficamos calados e procuramos distrair a pessoa com outros assuntos. E muitas vezes nos policiamos para não tocarmos no assunto durante as aulas ou próximo do sujeito em questão como se essa atitude, de não dizer a palavra, mudasse a realidade dos acontecimentos e o sofrimento proveniente dessa realidade ou de sua falta de explicação e maiores esclarecimentos sobre o tema, assim mesmo, sem falar a palavra morte ou morrer.

Discutir a morte e o morrer como experiência pedagógica é salutar para a sociedade atual. Considerando que a sociedade do espetáculo na qual vivemos está baseada na capacidade de cada sujeito se expor e ser considerado como objeto de consumo, observamos que a sociedade interdita a morte como objeto de conhecimento e a relega ao plano único da subjetividade e da vida restrita à casa da família enlutada.

Trazer à morte um caráter de acontecimento social e pedagógico é o fator e a concepção mais relevante do presente estudo.

Neste capítulo, apresentamos as questões fundantes para a discussão sobre o tema. Trouxemos à luz da Filosofia e da ciência, a perspectiva da morte para a discussão pedagógica. Pretendemos com essa proposta trazer à morte o caráter social e pedagógico necessários para aprendizagem e o desinterdito do tema no âmbito da sociedade em que vivemos, ou ao menos compreender o seu discurso e como este se constitui nos sujeitos contemporâneos.

Para trazer a constituição deste discurso sobre a morte e o morrer na escola pesquisada, apresentaremos, a seguir, a teoria da Análise do Discurso de linha francesa. Discutiremos seus principais conceitos e pensadores neste próximo capítulo.

Capítulo III - ANÁLISE DO DISCURSO

Neste capítulo da dissertação, apresentaremos os pressupostos teórico-metodológicos da Análise do Discurso (doravante AD) de linha francesa que subsidiará a análise do *corpus* da pesquisa.

A Análise do Discurso costuma ser concebida no imbricamento de três grandes correntes do pensamento: a linguística, o marxismo e a psicanálise, considerados fundantes para esta disciplina. O encontro dessas três correntes que vão culminar na AD e implicará em ressignificações de alguns conceitos com os quais a teoria irá trabalhar.

Assim, iniciaremos este capítulo apresentando tais conceitos: discurso, interdiscurso, sujeito, condições de produção, imaginário discursivo, heterogeneidade, e formação discursiva. Em um segundo momento, revisitaremos as três fases pelas quais passou esta teoria e as suas implicações para se proceder à análise.

3.1 Discurso, Sujeito, Condições de Produção, Formações Discursivas

Entre os conceitos colocados pela Análise do Discurso, o mais fundamental deles é o conceito de discurso. Embora o termo discurso seja conhecido em nosso dia-a-dia, como apresentado pelo dicionário enquanto uma “exposição metódica sobre certo assunto, arrazoado” (FERREIRA, 2001, p.239), encontramos a seguinte definição no Glossário de termos do discurso (FERREIRA, 2005, p. 13): “discurso é o objeto teórico da Análise do Discurso, que se produz socialmente através de sua materialidade específica (a língua); prática social cuja regularidade só pode ser apreendida a partir da análise dos processos de sua produção, não dos seus produtos”.

O discurso é dispersão de textos e pode ser entendido como prática derivada da própria concepção da linguagem, marcada pelo conceito de social e histórico com a qual a Análise do Discurso trabalha. É importante ressaltar que essa noção de discurso nada tem a ver com a noção de parole/fala referida por Saussure, segundo Ferreira (2005). Por sua vez, Orlandi (2001, p.15) apresenta discurso como sendo “assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando.” E pode-se

acrescentar que “observa-se também a mulher falando, já que o discurso é uma possibilidade humana.” (aspas minha).

Todo discurso dito é entendido como interdiscurso, aquele que perpassa, atravessa o discurso, porque aquele ou aquela que diz o discurso não existe fora de um contexto histórico, social, religioso, científico, filosófico que lhe são contemporâneos. Vê-se isso claramente quando a autora desta dissertação coloca a questão da mulher na fala da autora citada. No texto original citado, de Orlandi, usa-se “homem”, mas o que se entende por homem contemporaneamente não está posto perpetuamente, fixo, imutável; a concepção de homem é construída pela sociedade em que ele vive. O homem já teve concepções tantas quanto os modelos de sociedade que o Homem foi capaz de criar. E este jogo de palavras realizado acima com a questão da mulher também é muito contemporâneo da sociedade em que vivem ambas as autoras; posto que em outras épocas da história ou ainda nesta época em que este texto está sendo escrito, mas em culturas outras este termo “mulher” não deve/ não devia e não pode/ não poderia ser escrito.

Após essa breve digressão, retomamos o termo interdiscurso. Para Ferreira (2005, p. 17);

[ele] compreende o conjunto das formações discursivas e se inscreve no nível da constituição do discurso, na medida em que trabalha com a ressignificação do sujeito sobre o que já foi dito, o repetível, determinando os deslocamentos promovidos pelos sujeitos nas fronteiras de uma formação discursiva. O interdiscurso determina materialmente o efeito de encadeamento e articulação de tal modo que aparece como o puro “já-dito”.

A Análise do Discurso não existe sem a concepção de sujeito que lhe é fundamental e encontra-se atrelada à noção de discurso, conforme visto acima. Para a AD o que interessa não é o sujeito em si, como uma entidade, mas como uma forma-sujeito, constituída historicamente e que na sociedade contemporânea corresponde a um paradoxo: é um sujeito ao mesmo tempo livre e submisso. Livre para tudo dizer desde que submetido às regras lingüísticas e sociais às quais ele se encontra exposto. Por isso, a AD cunha o termo assujeitamento, isto é:

[o] movimento de interpelação dos indivíduos por uma ideologia, condição necessária para que o indivíduo torne-se sujeito de seu discurso ao, livremente, submeter-se às condições de produção impostas pela ordem superior estabelecida, embora tenha a ilusão de autonomia. (FERREIRA, 2005, p.12)

Este termo exige uma discussão mais aprofundada porque outros autores pensaram sobre o sujeito e tentaram defini-los a partir daquilo que o sujeito não é como o fez Authier-Revuz (1982, p. 136) “o sujeito não é uma entidade homogênea, exterior à língua, que lhe serviria para traduzir em palavras um sentido do qual seria a fonte consciente.” A partir do que o sujeito não é pode-se ter uma idéia melhor do que ele possa vir a ser. Algo de que não se pode falar por si só.

A forma sujeito não existe a priori, ela se constrói a partir da historização de sua participação social e de tudo o que ela também deixa de fazer, por desejar não fazer ou por não poder fazer e, além disso, não como sendo uma possibilidade superior a outra, também do seu fazer e desejar, do seu dizer de si.

Em termos práticos pode-se colocar o fato do sujeito ser sempre falho e impreciso e de lhe ser impossível olhar-se a si mesmo e por inteiro uma única vez na vida. O ser humano nunca se vê a si mesmo, só ao outro, por inteiro. É um ser que não conhece o seu rosto, porque nunca se viu. O que se vê é o reflexo invertido de si, no espelho. Quem me vê não sou eu é o outro. O outro pode me ver, mas não pode ver a si mesmo, quem o vê, sou eu. O outro que me vê no espelho e que me dá a ilusão de que sou eu que me vejo não me diz como eu sou. Tudo o que eu sei sobre mim são suposições tais como quaisquer outras suposições que eu possa fazer sobre alguém que eu jamais vi, mas saiba da existência. Então o primeiro engano que o sujeito faz é sobre si mesmo e de como é a face que ele mostra para o mundo, para o outro.

O sujeito pode manter uma relação ativa dentro de uma dada Formação Discursiva: assim como é determinado, também a determina, por força de sua prática discursiva. Ou seja, o sujeito não só é determinado pela Formação Discursiva, mas, também, a determina.

As “condições de produção” do discurso consistem em outro conceito que interessa à Análise do Discurso. Ao analista, é importante levantar as condições de produção nas quais o discurso analisado emerge. Estas consistem, em última instância, no momento sociohistórico dentro do qual um determinado aparece, enquanto acontecimento, no sentido explicitado por Pêcheux (2002)

As condições de produção podem ser a época em que foi construído o discurso, sua moral estabelecida, as leis vigentes, a economia e o papel social do sujeito que constrói o discurso em tais condições, visto que ao homem medieval era inviável construir um discurso sobre transplante de órgãos ou biodiversidade, posto que, os temas não estavam postos para a sociedade da Idade Média e tais conceitos não poderiam ter sido construídos no discurso medieval. Para Ferreira, condições de produção

São responsáveis pelo estabelecimento das relações de força no interior do discurso e mantém com a linguagem uma relação necessária, constituindo com ela o sentido do texto. As condições de produção fazem parte da exterioridade linguística e podem ser agrupadas em condições de produção em sentido estrito (circunstâncias de enunciação) e em sentido amplo (contexto histórico). (op., cit., p. 13)

Diante dessas condições de produção da imagem que o sujeito faz de si, ele se mostra ao mundo num idílio de que será compreendido pelo outro como supõe ser compreendido pelo outro que ele vê no espelho.

No intuito de melhor compreender as condições de produção e sua importância para a AD, lembramos do mito de Jacinto. Este era um jovem muito belo e vivia correndo pelos campos a procura de ser visto pelo Deus Apolo e tornar-se assim seu amante. Todos os dias Jacinto se colocava a correr em busca do Deus que amava e olhava para o alto na intenção de encontrá-lo. Certa vez, ao se aproximar de um rio (espelho) viu seu reflexo e supondo ser Apolo que o chamava, jogou-se no rio morrendo afogado. Apolo, em sua misericórdia, transformou Jacinto, numa planta cuja flor bem perfumada conserva as características do jovem apaixonado pelo Deus mais belo do Olimpo e que não conhecendo a própria face confundiu a si mesmo com a de Deus. E é por isso que a flor Jacinto ou jasmim nasce voltada para o rio que lhe reflete.

As condições de produção inicialmente para o sujeito, elas são dadas. O ser humano nasce e nascer é um verbo intransitivo, não pede complemento. A criança nasce. Mas quem nasce, nasce numa família, numa época e em condições sociohistóricas dadas. A partir do momento em que o sujeito nasce essas condições de produção passam a ser produzidas também por ele, que vão dar significados para as coisas e para as pessoas e para si mesmo, tendo a ilusão de ser o sujeito de sua própria história, conforme nos explica (BRANDÃO, 2004, p. 48):

Concebida por Foucault (1969) ao interrogar-se sobre as condições históricas e discursivas nas quais se constituem os sistemas de saber e, depois, elaboradas por Pêcheux, a noção de formação discursiva representa na Análise do Discurso um lugar central da articulação entre língua e discurso.

A noção de formação discursiva (doravante FD) nos remete a Foucault e a Pêcheux e estão vinculadas às condições de produção, conforme discutido acima. As FDs funcionam a partir de dois fundamentos: a paráfrase e a polissemia (ORLANDI, 2001).

Estes dois conceitos trazem à discussão a possibilidade de que enquanto o sujeito tenta fechar seu discurso numa abordagem tal que o discurso fique redondo (paráfrase), único, significativo, a polissemia mostra suas contradições, os espaços vazios, os interdiscursos que existem nas palavras ditas pelo sujeito.

As FDs vão apresentar o sujeito de forma que ele pareça dono do discurso. Que seu assujeitamento seja confundido com o ser “responsável único” pelo discurso proferido, como se ao sujeito fossem dadas todas as condições de decisão e o tempo necessário para fazê-lo. Porém sabe-se, desde Marx, que numa sociedade construída para o capital os sujeitos que a compõem dependem das condições de sua classe social para serem donos de pelo menos parte de suas falas. A uma determinada classe social é dado o direito de falar sobre si e sobre as demais, ainda assim dentro de algumas regras estabelecidas pela sociedade em que se vive, como no exemplo citado do discurso da mulher. Para outra classe social não são dadas as mesmas condições de poder e de tempo para dizer o que se pode ou o que se quer, o tempo e o lugar e a classe social em que se vive determinam que discurso se pode e se deve fazer. Segundo Ferreira (2005, p.15), FD deve ser entendida como:

Manifestação, no discurso, de uma determinada formação ideológica em uma situação de enunciação específica. A FD é a matriz de sentidos que regula o que o sujeito pode e deve dizer e, também, o que não pode e não deve ser dito (Courtine, 1994) funcionando como lugar de articulação entre língua e discurso. Uma FD é definida a partir de seu interdiscurso e, entre formações discursivas distintas, podem ser estabelecidas tanto relações de conflito quanto de aliança. Esta noção de FD deriva do conceito foucaultiano (1987) que diz que sempre que se puder definir, entre um certo número de enunciados, uma regularidade, se estará diante de uma formação discursiva. Na Análise do Discurso este conceito é reformulado e aparece associado à noção de formação imaginária.

A Análise do Discurso nos oferece um referencial metodológico de análise possibilitando um instrumento de análise e levantamento das imagens das práticas dos sujeitos que se apresentam através das técnicas do dizer de si. Um dos fatores constituintes do discurso e fundamentais da Análise do Discurso é o outro. O outro constituído na figura das pessoas que interferem no discurso do sujeito, seja de forma a justificar o discurso deste, seja de forma a contrariar seu discurso. Este Outro é uma contribuição trazida da psicanálise no seu conceito de inconsciente. É no inconsciente e suas imagens criadas, a partir da percepção da realidade ou de imagens oníricas, que o sujeito constitui uma forma de se perceber como sujeito. O outro na Análise do Discurso

está relacionando ao conceito de alteridade formulado por Lacan, e pode ser entendido como

Termo cunhado por Lacan para explicar a dualidade do sujeito. Vincula-se às produções formuladas a respeito da função do Eu e a complexa estrutura aí presente, envolvendo os conceitos do outro (pequeno) e o Outro (grande). O Eu não se encontra como uma forma fechada em si, mas tem relação direta com um exterior que o determina. (op., cit., p. 11)

O sujeito é entendido como descentrado: um mesmo sujeito é, efetivamente, outro (os outros com os quais se relacionou e se relaciona), noção que advém de Bakhtin enquanto polifonia (COURTINE & HAROCHE 1988). O Outro (maiúsculo) advém dos estudos de Lacan e remetem ao inconsciente. Lacan (1998) aborda esta questão detalhadamente no texto “o estágio do espelho como formador da função do eu”, de 1949.

Para a AD não importa a verdade do discurso dito, já que a verdade não é um “ser em si” como na concepção de Heidegger. Para os teóricos da AD, não existe o “ser em si” como constituinte de uma essência, algo que só existe no âmago de cada ente. Por sua vez, os pensadores da ontologia entendem que cada ente ou coisa tem em si um ser que é a sua essência ou a sua razão de existir. Assim cada semente tem em si, a árvore que um dia será, cada criança tem em si, a pessoa adulta que um dia será. Todavia para a AD, o que existe é o discurso e o sujeito que se constitui a partir do discurso que faz. Foucault (1998, p.20) nos diz, sobre os regimes de verdade que alicerçam os discursos em nossa sociedade:

Apoiados nos mesmos regimes de verdade que alicerçaram nossa sociedade, que é a mesma desde ou mesmo antes de Sócrates. Creio que essa vontade de verdade assim apoiada sobre um suporte e uma distribuição institucional tende a exercer sobre os outros discursos... uma espécie de pressão e como que um poder de coerção...E a razão disso é, talvez, esta: é que se o discurso verdadeiro não é mais, com efeito, desde os gregos, aquele que responde ao desejo ou aquele que exerce o poder na vontade de verdade, na vontade de dizer este discurso verdadeiro, o que está em jogo, senão o desejo e o poder?

Ainda, para o mesmo autor, nossa sociedade contemporânea convive com uma vontade de verdade, entendida do seguinte modo:

O discurso verdadeiro, que a necessidade de sua forma liberta do desejo e libera do poder, não pode reconhecer a vontade de verdade, que o atravessa; e a vontade de verdade, essa que se impõe a nós há bastante

tempo, é tal que a verdade que ela quer não pode deixar de mascará-la. (1998, p.20)

Assim, o discurso mascara esse desejo de verdade, para o sujeito. Sendo o sujeito constituído e constituindo a si mesmo pelo discurso que profere, o sujeito que profere o discurso, mostra-se, se constitui, a partir do discurso que apresenta e também a partir das lacunas deixadas nele, com ou sem a intenção de escondê-la, quanto mais o sujeito apresenta o seu discurso, mas ele se mostra a si mesmo, mais ele diz de si, mais ele escreve de si, mesmo naquilo que ele esconde.

O não dito aquilo que o sujeito tenta esconder no seu discurso aparentemente coerente e justificado através de exemplos, de ações, de leituras, de citações, de produções acadêmicas é apresentado por Foucault como algo que a sociedade pode e trata como interdição, diz o filósofo que:

Em uma sociedade como a nossa, conhecemos é certo, procedimentos de *exclusão*. O mais evidente, o mais familiar também é a *interdição*. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala: temos aí o jogo de três tipos de interdições que se cruzam, se reforçam ou se compensam, formando uma grande complexa que não cessa de se modificar.” (FOUCAULT, 1998, p. 9).

O não dito aparece no discurso do sujeito como apresentado acima, ou como diz Foucault como intervenção do discurso social. Nem sempre o sujeito pode dizer tudo o que quer, na maioria das vezes, esse sujeito não pode, não deve e muitas outras ele não quer dizer tudo. Ele se mostra, mas também se esconde através do seu discurso.

Para a AD, não há categorias de análise, pois o sentido do discurso está no sujeito que diz ou no sujeito que lê o discurso dito por outro. Não existe um sentido pré-estabelecido no discurso. Ele não fica pronto, guardado, preservado, esperando que alguém o descubra, ele é constituído pelo sujeito que lê.

A língua que interessa à AD é aquela que mantém uma relação com a ideologia que pode ser observada, por isso, a contribuição do marxismo como proposta ideológica foi fundamental para a construção da AD, assim como a da linguística. Sobre o discurso nos diz Foucault (1998, p.10):

Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o

desejo e com o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso – como a psicanálise nos mostrou- não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que-- isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que pelo que se luta o poder do qual nos queremos apoderar.

Para Foucault, o discurso não é arma de luta que leva ao poder, mas o discurso é o poder, é aquilo pelo qual se luta, não com o qual se luta. Tal afirmação nos leva a ver a relação íntima que o discurso mantém com os regimes de poder.

A perspectiva da AD é quebrar a relação aparentemente harmônica entre o emissor, a mensagem e o receptor, pois o emissor é um sujeito construído por uma ideologia e transpassado por vários outros conceitos, também ideológicos. O receptor, por sua vez, é construído por ideologias outras e transpassado por conceitos outros, estando longe de receber uma mensagem neutra, subjugada, sem intenções ideológicas.

Para a AD, é inconcebível a leitura de uma obra sem a análise da ideologia vigente à época do autor da obra e sem a participação também ideológica do sujeito leitor. Uma obra atribuída a Platão, filósofo da antiguidade grega, tem um sentido contemporâneo de acordo com o que sujeito leitor vai estabelecer com o sentido dado às palavras escritas. Porém lida com a ideologia contemporânea, atravessado pelo conhecimento da história da Grécia antiga, das suas vivências construídas na atualidade, por seus conceitos construídos pela sociedade contemporânea em que vive. O texto de Platão não tem um sentido próprio, o sentido é dado ao texto de Platão pelo sujeito contemporâneo que o lê. O texto de Foucault será lido daqui há séculos por outro sujeito atravessado por outros discursos e com outra ideologia construída. O sentido de um texto foucaultiano no século XXIII será o que o leitor do século XXIII atribuir a este. O sentido não está lá no texto esperando para ser descoberto. Ele se revelará a quem lê através das categorias de sentido que o leitor tiver para construí-lo.

O discurso de um sujeito é revelador também nessa forma de ser. Como um prisma, ele reflete a luz do sujeito que o diz. Não é homogêneo, não se apresenta em sua totalidade. Em sua materialidade linguística reflete as mudanças no sujeito que o profere. A cada face deste prisma, o sujeito do discurso se apresenta de forma diferente, apresenta uma face que treina para mostrar-se, apresenta em seguida outra face pretende que vejam aqueles, que tem contato com o discurso proferido e também apresenta o discurso que ele, o sujeito, tentava esconder através das lacunas entre as palavras ditas.

A partir da década de sessenta do século XX com Pêcheux a AD incorpora o discurso marxista que passa a percebê-la também como um instrumento de libertação das classes dominadas. Para Pêcheux, o sujeito era dominado, centrado e o discurso era algo fechado. Esses conceitos vão sendo fragmentados com a participação de Foucault e também de Lacan.

O sujeito deixa de ser controlado, centrado e passa a não ser nem centrado, nem controlado, mas também não pode ser controlador. O discurso não é mais homogêneo e as formações discursivas vão se alterando. Surge no discurso da AD o conceito de esquecimento. O esquecimento vem dar conta daquilo que escapa do sujeito. A originalidade do discurso é posta em questão. A discussão torna-se interessante naquilo que o discurso do sujeito tem de não controlado, de inconsciente e de ideológico.

A AD incorpora os conceitos de inconsciente e de ato falho para explicar o esquecimento, ou melhor, os esquecimentos, já que se trata de dois. O primeiro esquecimento trata da questão da originalidade do dizer. O segundo esquecimento trata da questão da unicidade do sentido. Esquecimento ou ilusão é a qualidade do esquecimento que permite ao sujeito produzir seja arte, seja ciência, seja filosofia, porque o sujeito esquece que tudo é já dito, tudo é memória, nada é original e por isso produz. Neste esquecimento, há duas possibilidades de heterogeneidades: a heterogeneidade constitutiva que é o texto todo do sujeito, e a heterogeneidade mostrada que são as citações colocadas no texto, mas que são dizeres de um sujeito outro. A heterogeneidade mostrada é a ilusão de que o resto do texto é do autor, porém, já não há autor, pois o tudo é já dito. É memória. Para Ferreira, (2005, p.16), heterogeneidade discursiva é um:

Termo utilizado pela Análise do Discurso para destacar que todo discurso é atravessado do outro por outros discursos. Estes diferentes discursos mantém entre si relações de contradição, de dominação, de confronto, de aliança e/ou de complementação. Authier (1990) distingue duas ordens de heterogeneidade: (1) a heterogeneidade constitutiva do discurso (que esgota a possibilidade de captar linguisticamente a presença do *outro* no *um* no discurso do locutor) e (2) a heterogeneidade mostrada, por sua vez, ainda segundo a autora, divide-se em duas modalidades: a *marcada*, da ordem da enunciação e visível na materialidade linguística; e a *não marcada*, da ordem do discurso e não provida de visibilidade.

Uma das características do esquecimento é o fato de o sujeito esquecer que tudo o que ele diz não será entendido da forma que ele supunha ter dito ou pretendia dizer, pois não há linearidade na relação, enunciador, enunciado, enunciatário. É preciso (re) explicar o enunciado e cada vez que isso acontece corre-se o risco do sujeito que ouve ou que lê

tenha uma idéia sobre o enunciado dito que não seja a idéia originalmente pensada pelo sujeito enunciator.

Com o enunciado sendo dito pelo sujeito enunciator, de uma forma e sendo recebida pelo sujeito enunciatário de outra forma surge para a AD a discussão sobre o sentido do enunciado. O sentido não está no enunciado, esperando para ser “decodificado” pelo sujeito enunciatário, ele, o sentido, está no sujeito que ouve ou que lê o enunciado emitido. O sujeito enunciator, não existe em si mesmo, ele ocupa uma posição-sujeito, toda vez que entra em contato com um enunciado, pois ele é efeito de sentido. Após o enunciado ser recebido pelo sujeito enunciatário, ele, o sujeito enunciatário que antes ocupava um lugar que não era o do sujeito que recebia aquele enunciado, não deixa de existir, se desloca, torna-se memória; memória que, por sua vez, também é esquecimento, seja como ideologia, seja como inconsciente. O sujeito está no mundo e reage a este mundo através do discurso, ora através da ideologia, ora através de memória. Ele se constitui a cada vez que o discurso exige um deslocamento ou uma tomada de decisão para ocupar um lugar que não seja o que já está ocupando. Ele não pré existe, o discurso não pré existe. São construções do já dito, da memória.

Para se construir a Análise do Discurso se fez necessário abrir mão de saberes cristalizados e abrir-se também para uma nova possibilidade. Unir-se Marx, Freud, Lacan, Foucault, Pêcheux, Althusser e Revuz é uma forma inovadora de se conceber a linguagem que é a expressão de um sujeito cujo sentido está no que diz ou no que deixa de dizer. Compreendê-lo é a função daquele ou daquela que se coloca nesta aventura.

3. 2 Épocas da Análise do Discurso

Tendo visto os principais conceitos da AD, neste item, explicitaremos as fases pelas quais passou.

Para se compreender a AD se faz necessário conhecer e compreender a sua história. A história da AD se compõe em três fases. Na primeira fase da AD, o processo de produção discursiva é concebido como uma máquina autodeterminada e fechada sobre si mesma. Nesta fase da teoria, entendia-se o sujeito como autor de seu próprio discurso, não se percebendo como assujeitado, servo de seu discurso. A língua, nesta fase, é percebida como uma língua natural, como se não fosse determinada pelas condições de produção e

ideológicas do sujeito. Sobre esta fase da Análise do Discurso, Pêcheux (1997, p. 313) nos diz que

AD-1 é um procedimento por etapa, com ordem fixa, restrita teórica e metodologicamente a um começo e um fim predeterminados, e trabalhando num espaço em que as “máquinas” discursivas constituem unidades justapostas. A existência do *outro* está, pois, subordinada ao primado do mesmo.

A fase I da AD parte do levantamento de palavras e proposições que pertencessem a um conjunto de discursos engendrados por uma, e apenas uma, máquina discursiva. Nesta fase, supunha-se que existiam discursos homogêneos e não se admitia a heterogeneidade discursiva. Não havia condições teóricas para a possibilidade de se discutir a interdiscursividade, o que mais tarde veio a ser muito importante para o desenvolvimento da teoria.

Foi nesta fase que houve o rompimento com a idéia de reducionismo na linguagem em que se compreende a mesma como apenas um instrumento de comunicação.

Ainda nesta fase surge a concepção de análise de sentido entre discursos, pois eles todos estão interligados. Um discurso remete a outro e esses dois a outros mais, que se cruzam em novos discursos.

A última característica desta fase é a proposta de articular o discurso em sua dimensão linguística e historicossocial, através da análise de suas condições de produção; o que traz também em seu bojo a concepção de efeitos de sentido, pois ao analista se torna necessário caracterizar o que profere o discurso, enquanto que o discurso proferido é analisado a partir das condições de produção de seu “autor”.

A fase II da AD é o momento em que toma de empréstimo a Michel Foucault a noção de formação discursiva e esta é incorporada à estrutura da AD. Essa contribuição de Foucault é fundamental para aquilo que se tornou a teoria a partir de então. Outra importante contribuição para a AD, nesta fase, é o conceito de interdiscurso, definido acima, neste texto. Para Pêcheux (1997, p. 315) o grande momento desta fase é que:

A insistência da alteridade na identidade discursiva coloca em causa o fechamento desta identidade, e com ela a própria noção de maquinaria discursiva estrutural... e talvez também a de formação discursiva. Do ponto de vista dos procedimentos, AD-2 manifesta muito poucas inovações: o deslocamento é sobretudo sensível ao nível da construção dos *corpora* discursivos, que permitem trabalhar sistematicamente suas

influências internas desiguais, ultrapassando o nível da justaposição contrastada.

O que caracteriza a terceira fase da AD é a emergência de novos procedimentos, através da desconstrução das maquinarias discursivas. O princípio teórico está fundado no *outro*, o pressuposto de uma AD com ordem fixa explode e surge a idéia de produção em espiral como citada por Pêcheux para ilustrar esta fase. O autor diz que o desenvolvimento de numerosas pesquisas sobre os encadeamentos intradiscursivos – interfrásticos- permite à AD3 abordar o estudo da construção dos objetos discursivos e dos acontecimentos no fio intradiscursivo. (PÊCHEUX, 1997)

Nesta fase, o conceito de máquina discursiva estruturada, fechada, coesa é explodida pelos teóricos da AD; aprofunda-se, como dissemos, o conceito de interdiscurso e a noção de alteridade é valorizada como fundante do discurso dito.

A ênfase da terceira fase é dada às tentativas de diálogo da AD com outras áreas como a história, a linguística e a psicanálise, aprofundando a importância dada ao conceito de interdiscurso do ego do sujeito que diz o discurso.

3.3 Implicações para a análise do discurso

Para Maingueneau (1987), a AD traz uma reflexão sobre a própria *identidade discursiva*. Ou seja, fazer análise discursiva significa verificar qual a identidade dos discursos analisados, através do levantamento de suas regularidades.

Ademais, segundo Orlandi (1997, p.7), Pêcheux propõe uma forma de reflexão sobre a linguagem em que não cabe um olhar acomodado, pois tem por base os entremeios do discurso. Sendo assim, é exigido do analista atenção para com as regularidades e os escapes produzidos no momento da enunciação.

A reflexão proposta por Pêcheux (1997, p. 9) envolve três caminhos: “o do acontecimento, o da estrutura e o da tensão entre descrição e interpretação”. O primeiro nos remete ao momento histórico-social, que tem como pivôs sujeitos perpassado pela(s) ideologia(s) e que não têm poder sobre o próprio dizer.

O segundo caminho é o da estrutura. Temos as mais variadas possibilidades de construção de nossos discursos, pois a organização dos termos da oração, a seleção de algumas palavras em detrimento de outras, os tipos de verbos utilizados, por exemplo, podem apontar para o analista do discurso elementos constitutivos do acontecimento e dos

sujeitos envolvidos nele. Já o terceiro caminho é o da análise, propriamente dita, que nada mais é do que a tensão entre descrição e interpretação (remetendo à memória) na análise do discurso.

Assim sendo, a AD consiste, para nós, em uma “ferramenta” de análise, ou melhor, um arcabouço teórico-metodológico, que nos permitirá olhar para o *corpus* e ver para além do meramente linguístico, qual seja, de modo a proceder a análise no entrecruzamento dos interdiscursos que atravessam os dizeres de si sobre a morte.

No próximo capítulo, apresentaremos, a partir de Foucault, o referencial teórico da “escrita de si”.

Capítulo. IV - A ESCRITA (OU O CUIDADO) DE SI

Neste capítulo, traremos uma reflexão sobre a terceira fase da obra de Foucault, a escrita ou o cuidado de si. Como o discurso sobre a morte se apresenta na perspectiva do cuidado de si? Para Foucault, a escrita de si é uma forma que o sujeito encontra para se constituir na sociedade. Observar como o sujeito se constitui e se mostra a partir do discurso social sobre a morte é a proposta deste capítulo.

Foucault, para se referir ao cuidado de si, traz à luz nestes tempos de transição entre modernidade e pós-modernidade, os costumes da antiguidade grega e como se davam em outros tempos esta proposta de cuidado.

O filósofo nos diz que o berço da civilização ocidental, além de outros legados, nos dotou, também, da consciência da necessidade do cuidado. Segundo Foucault, o cuidado na Grécia se iniciava com o jovem que era apresentado a um homem adulto e com este aprendia os princípios do cuidado de si, a pederastia. Este aprendizado se dava a partir do cuidado do próprio corpo, em seguida, o jovem aprendia a cuidar dos outros, das pessoas da própria família e logo depois era apresentado ao cuidado da cidade, este sim, o fim último desta aprendizagem.

O cuidado com a cidade era representado pela atividade política, desenvolvida só por homens adultos e livres, que possuíam bens, não podendo estes mesmos homens exercer tal atividade quando perdiam sua liberdade.

Na Grécia, era comum o pagamento de dívidas através da escravidão voluntária e temporária de si e de outros membros da família. Estando, portanto, o homem, que exercia esta escravidão e apenas no momento em que a exercia, como forma de pagamento de suas dívidas em relação a outro homem grego e só aos gregos; impedido de exercer sua atividade política na *Ágora*, principal praça pública da cidade. Sobre isto, nos diz Foucault (2004, p.147):

Nenhuma técnica, nenhuma habilidade profissional pode ser adquirida sem exercício; não se pode mais aprender a arte de viver a *technê biou*, sem uma *askêsis* que deve ser compreendida como um treino de si por si mesmo: este era um dos princípios tradicionais aos quais, muito tempo depois, os pitagóricos, os socráticos, os cínicos deram tanta importância. Parece que, entre todas as formas tomadas (e que comportava abstinências, memorizações, exames de consciência, meditações, silêncio e escuta do

outro, a escrita – o fato de escrever para si e para o outro- tenha desempenhado um papel considerável por muito tempo. Em todo caso, os textos da época imperial que se relacionam com as práticas de si constituem boa parte da escrita. É preciso ler, dizia Sêneca, mas também escrever. E Epicteto, que, no entanto, só deu um ensino oral, insiste várias vezes sobre o papel da escrita como exercício pessoal: deve-se meditar (*meletan*), escrever (*graphein*), exercitar-se (*gummazein*): “que possa a morte me apanhar pensando, escrevendo, lendo. Ou ainda: “Mantenha os pensamentos noite e dia à disposição (*prokheiron*); coloque-os por escrito, faça sua leitura; que eles sejam o objeto de tuas conversações contigo mesmo, com um outro (...) se te ocorrer algum destes acontecimentos chamados indesejáveis, encontrarás imediatamente um alívio no pensamento de que aquilo não é inesperado.

O cuidado de si para os gregos antigos era a base da filosofia e da política da época. Foucault nos diz: “É um gabinete médico (*aitreion*) a escola de um filósofo; não se deve, ao sair, ter gozado, mas sofrido” (FOUCAULT, 2007, p. 61). O filósofo nos mostra que este aprendizado do cuidar de si, nem sempre é algo prazeroso ou festivo, que se pretende que seja aprendizado e para se aprender algo se não basta sofrimento e esforço, sem eles tão pouco o aprendizado é possível.

Para a compreensão das técnicas do cuidado de si, gostaria de apresentar a comparação entre um eremita e um filósofo. Comparados em suas diferenças e em seus cuidados para consigo mesmo de maneiras salutares. Lembrando-se que o eremita é aquele que vive isolado numa montanha a meditar. Mas pode ser também uma pessoa que não consegue se relacionar com os seus contemporâneos e que por isso vive isolado na sua montanha social. Sendo o filósofo aqui o personagem de Gramsci quando ele diz que: “Todos os homens são filósofos”.

Para cuidar de si é necessário ver-se. Para ver-se é necessário um espelho. Seu espelho é o outro. O ver-se só é possível no outro. Solitário, o eremita olha para fora, para o alto ou para o abismo. O abismo lhe tira ao mesmo tempo a oportunidade e a necessidade do contato com o outro. Ele se relaciona consigo mesmo. Essa relação lhe parece suficiente. Para Foucault (2007, p. 57), “tem-se aí um dos pontos mais importantes desta atividade consagrada a si mesmo, ela não constitui um exercício de solidão, mas sim uma verdadeira prática social.”

Em sociedade, o filósofo olha para si ao entrar em contato com o outro. O outro para Foucault não era um outro qualquer, se faz salutar ser um outro intransigente, franco, que incomode para provocar a incomodação no meio da sociedade. Incomodada, a sociedade transforma-se para continuar a mesma, revestida de novas formas de poder. Tudo parece travestido numa roupagem nova e brilhante, translúcida pela nova forma de

pensar. As relações de poder não mudam, elas permanecem as mesmas. Faz-se a sociedade, então renovada, revolucionária, incorpora saberes, produz ciência, filosofia, tecnologia. Novas ciências são criadas, e as relações de poder que outrora eram só de poder e poder econômico se transformam numa relação em que já não basta ter o poder, a terra, o ouro, também é preciso saber, por isso, cria-se mais ciência, novas ciências, novas tecnologias e esses novos saberes são incorporados às imutáveis relações de poder que, segundo Foucault, já não são mais relações de poder apenas, elas se tornam relações de poder/saber.

Filosofar é cuidar de si, através do cuidado do outro, da sociedade, da política. Nenhuma prática é mais reservada na humanidade que a sexualidade. Cuidar de si, de seu corpo de sua sexualidade, utilizando-se de técnicas contemporâneas pode ser uma tentativa do sujeito, de quebrar tabu, justificar preconceitos, ou ainda, justificar em nome da liberdade qualquer postura por mais que esta agrida ou incomode a si e aos demais. Alerta-nos Foucault que os sujeitos podem repensar-se a partir dos controles que lhe são impostos. Exercer tais controles é o cuidado de si.

Saber limitar-se para não agredir a si mesmo, nem aos outros é saber cuidar de si. Se filosofar é cuidar de si, filosofar é saber cultivar os limites. Para cultivar estes limites, uma das reflexões que se pode fazer é, a partir dos dois primeiros domínios de Foucault as relações de poder/saber, discutir sua terceira fase a ética, a relação do ser consigo ou o governo de si; a construção da alteridade. A alteridade pode produzir a constituição de uma subjetividade baseada em um governo de si mesmo. Mesmo que seja como diz Foucault (1995, p. 236): os processos de subjetivação ou modos de existência são as várias maneiras de se inventar subjetividades, segundo regras facultativas em uma luta contra “todas as formas de sujeição – contra a submissão da subjetividade”.

É necessário que a escrita de si seja uma constante como expressão do cuidado de si. Através de pensamentos, diários, mais modernamente de *blogs*, essa habilidade de dizer de si toma corpo e passa ao outro o que pensa de si aquele que escreveu, o que disse de si.

Para Foucault (2004b, p. 156), escrever é “se mostrar, se expor, fazer aparecer seu próprio rosto” e significa que a escrita de si pode apontar subjetividades outras que se constitui no exercício do narrar-se.

A escrita de si ainda tem em Larrosa o seguinte significado:

(...) a idéia de experiência formativa, essa idéia que implica um se voltar para si mesmo, uma relação interior com a matéria de estudo, contém, (...) a idéia de viagem. Experiência (...) e, justamente o que se passa numa viagem (...), o que acontece numa viagem. E a experiência formativa seria, então, o que acontece numa viagem e que tem suficiente força como para que alguém se volte para si mesmo, para que a viagem interior. (LARROSA, 2006, P. 64)

A viagem a que Larrosa se refere está para aquele que escreve como para o artista seja ele músico, dançarino, pintor, assim como para o filósofo, em seu exercício de escrita ou de fala, como uma atividade de narrar-se.

Escrever, compor, dançar, filosofar é, quase sempre, em sua peculiaridade uma atividade solitária.

Na obra de quem escreve ou em outra qualquer das já citadas há sempre a solidão de quem produz; muitos deles precisam se desligar do mundo para que haja uma produção de qualidade. Não é raro que pessoas destas áreas do conhecimento humano se refiram a *insights* em determinados momentos em que se encontravam a sós, ou quando acompanhados de muitos pareciam se desligar do mundo a sua volta.

Quem exerce a tarefa de escrever, o faz por necessidade, é dizendo através da palavra que o escritor mostra ao leitor, seja um ou mais ou ainda para si mesmo como leitor de sua obra, quem é aquele que escreve.

Escrever para quem o faz passa a ser uma atividade de dizer-se e a escrita, como propõe Foucault (2004a, 145) é:

A escrita de si aparece aqui claramente em sua relação de complementaridade com anacorese; ela atenua os perigos da solidão: oferece aquilo que se fez ou pensou a um olhar possível; o fato de se obrigar a escrever desempenha o papel de um companheiro, suscitando o respeito humano e a vergonha; é possível então fazer uma primeira analogia: o que os outros são para o asceta em uma comunidade, o caderno de notas será para o solitário.

Os apontamentos são para quem escreve seu segredo mais absoluto. Não pode haver afronta maior a um ser humano, tenha ele dez ou sessenta anos, a leitura de suas notas ou de seu diário por alguém não autorizado. Antigamente quem abria uma carta endereçada a outro cometia uma falta gravíssima, na contemporaneidade não se pode ler o e-mail alheio sem sua devida autorização, em alguns casos ocorrem até divórcios por invasão de privacidade. Sobre este aspecto dos cadernos de notas o mesmo Foucault no mesmo texto citado nos diz:

Os hupomnêmatas, no sentido técnico, podiam ser livros de contabilidade, registros públicos, cadernetas individuais que serviam de lembrete. Sua utilização como livro de vida, guia de conduta parece ter se tornado comum a todo um público culto. Ali se anotavam citações, fragmentos de obras, exemplos e ações que foram testemunhadas ou cuja narrativa havia sido lida, reflexões ou pensamentos ouvidos ou que vieram à mente. (op., cit., p. 147)

A escrita de si é uma forma de cuidado de si. Quem escreve, o faz na tentativa de conhecer-se, e, portanto melhorar-se. Era da prática da escola, os cadernos de apontamentos, como os citados acima pelo filósofo, muito usados ainda por estudantes mais aplicados. A tentativa de tomar notas se dava para se conhecer o próprio texto e melhorá-lo. Quando se tomava notas em diários guardados à chave se fazia para registrar seus dias, sua história e a leitura e releitura deles levava à tentativa de aprimoramento.

Neste sentido, encontramos em Uyeno (2006, p. 3) o conceito de *ethos* como expressão do cuidado de si, como acontecia na antiguidade clássica:

Para os gregos, (...) embora o cuidado de si seja ético em si mesmo, implica relações complexas com o outro nos sentidos ativo e passivo (...) implica uma posição ativa em relação ao outro, no sentido de que esse *ethos* da liberdade é também uma maneira de cuidar dos outros. Daí um homem ser livre, se conduz adequadamente, governando sua mulher, seus filhos e sua casa. Nisso também reside a arte de governar. O *ethos* também implica uma relação com os outros, já que o cuidado de si permite ocupar na cidade, na comunidade ou nas relações interindividuais o lugar conveniente – seja para exercer uma magistratura ou para manter relações de amizade. Implica também a relação passiva com um outro, uma vez que, para cuidar bem de si, é preciso ouvir as lições de um mestre. Precisa-se de um guia, de um conselheiro, de um amigo, de alguém que lhe diga a verdade.

Para a autora acima citada, o conceito de cuidado de si na Grécia não era possível senão a partir de uma relação com o outro, uma relação de alteridade. Ao grego antigo, cuidar de si significava uma relação com a comunidade a qual se pertencia, pois ao homem grego não era possível uma existência antissocial, eremita, ou solitária, no sentido de desapegar-se da comunidade. A excelência do cuidado de si, nesta época, estava no cuidado com a cidade, na atuação política e na presença na *Ágora*.

Participar da vida pública era, para o homem, uma obrigação moral que o elevava à condição de cidadão. Então, para o exercício desta cidadania preparavam-se os gregos no treino da escrita, dos apontamentos, da oratória, da argumentação e do estudo incansável da Filosofia.

Esse conhecimento não se resumia às questões da prática da vida pública, era também exigido, ao cidadão, uma vida privada regrada e treinada num *ethos* que não viesse a manchar-lhe a reputação na sua atuação de homem público.

Na busca do cuidado de si, em relação ao outro, se faz necessário o preparo para ouvir. Ouvir o outro na figura do mestre, do conselheiro, do amigo ou de si mesmo.

Outro não é, senão o dizer de si, a escrita de si, o objetivo de quem tem o hábito de escrever e se encontra encarcerado, muitos deles escrevem na prisão, mesmo que antes de perder a liberdade nunca tenha tido tal hábito. Sobre estes textos Foucault apresenta a seguinte discussão:

assim eram oferecidos como um tesouro ... nos quais eram dados os argumentos para lutar contra uma determinada falta (como a cólera, a inveja, a tagarelice, a lisonja) ou superar alguma circunstância difícil (um luto, um exílio, a ruína, a desgraça, *a prisão*) (grifo meu) .(op., cit., p. 148)

A liberdade negada ao corpo é sublimada pela tentativa de liberdade através das palavras escritas, sejam elas registros de seus dias na prisão como fizeram autores clássicos, de Jean Genet, Sade, a Graciliano Ramos, entre outros célebres, seja como tentativa de comunicação à família ou amigos como o fez o apóstolo Paulo de Tarso em suas cartas transcritas no Novo testamento, seja para realizar literatura. Muitos centros de ressocialização tratam a questão da escrita com seriedade, é notória a iniciativa da Secretaria de Administração Penitenciária do Estado de São Paulo, com relação a esta questão quando promove entre seus reeducandos concursos literários de prosa e poesia. Muitos aprenderam a ler na prisão e se sentem livres para dizer de si através de sua nova conquista; a possibilidade do uso da palavra escrita.

O que podemos perceber é que a escrita é, em sua maioria, quer consciente, quer inconscientemente, uma escrita de si. Quem escreve, escreve porque precisa dizer algo a alguém, ainda que este alguém seja ele mesmo. O mesmo Foucault nos diz sobre estes textos:

Sob a chancela da antiguidade e da autoridade se desenvolvia uma ética muito explicitamente orientada para o cuidado de si na direção de objetivos definidos como: recolher-se em si, atingir a si mesmo, viver consigo mesmo, bastar-se a si mesmo, aproveitar e gozar de si mesmo. (op. cit. 149)

Interessante é notar como esta escrita de si ocorre nos textos em que se lê a vida de outro. Muitas biografias são escritas porque o personagem estudado, apesar de ser um autor publicado, tinha muitos textos inéditos, que só são conhecidos *post mortem*, mesmo que em vida o autor tenha tido a oportunidade de fazê-lo. A título de ilustração, há os exemplos de Nietzsche e de Fernando Pessoa, cujas obras estavam guardadas por anos até que alguém resolveu publicá-las. A questão que fica é por que, se tiveram tempo de fazê-lo, não publicaram eles mesmos, as obras? Por que escolheram outras e não aquelas para serem guardadas do grande público? No caso de Nietzsche, a enfermidade que o acometia pode ter sido responsável por grande parte de sua obra continuar inédita até a sua morte, mas por que publicar umas e não outras quando estava em seu perfeito estado de saúde mental? Se Fernando Pessoa vivia tantas vidas e dava a seus heterônimos tanta liberdade de dizer de si, por que não publicou alguns dos seus textos e eles continuaram inéditos até a sua morte? Muitos à sua época nem se davam conta de que Álvaro de Campos, Alberto Caieiros ou Ricardo Reis fossem o mesmo Pessoa.

Em países cuja produção de sujeitos contemporâneos se dá pela qualidade de sua obra, a falta de oportunidade não dita regras da subjetividade, e, a questão financeira não inviabiliza a publicação das obras daqueles que se põem a escrever, como acontece nesse nosso país, porque alguns escritores demoram tanto para expor suas obras e outros só o fazem com idade avançada?

A questão da escrita de si está para a pesquisa sobre a morte e o morrer assim como está a Filosofia para a Educação. Uma relação intrínseca mantém as duas discussões. Viver bem é trazer à vida a sua condição de mortal, saber-se mortal é necessário ao ser humano como vivente capaz de projetar sua existência, e, a morte não é uma desgraça a ser evitada. Em Foucault, encontramos uma discussão entre Sêneca e Lucilius sobre esta questão:

Mas, para Lucilius, a quem ela é enviada, e para Sêneca, que a escreve, ela desempenha o papel de um princípio de reativação: reativação de todas as razões que possibilitam superar o luto, se convencer de que a morte não é uma desgraça (nem a dos outros, nem a sua própria). E graças ao que é leitura para um, escrita para outro, Lucilius e Sêneca terão assim reforçado sua preparação para o caso de que um acontecimento desse gênero venha a ocorrer com eles. (op., cit., p. 155)

Preparar-se para a morte é uma atitude filosófica no sentido de preparar-se para viver bem consigo mesmo, principalmente, pois nos diz Freud: “Se queres suportar a vida, prepara-te para a morte.” (FREUD, 1974, p. 339).

Suportar a vida para o pai da psicanálise tem um preço e um peso singular. Quem suporta algo, nem sempre neste suportar sofre ou sente prazer. Suportar para o nosso idioma, na compilação de Ferreira (2001, p. 693) significa “ter sobre si, sustentar, resistir, aturar, tolerar, sofrer com resignação, paciência, transigir com, aceitar, admitir a presença ou a ação”, tem ainda uma conotação de aguentar, ir levando, driblando, contornando. Preparar-se para a morte, no dizer de Freud poderia ser ir levando a vida, cotidianamente, enquanto aprende a desapegar-se dela e viver em direção a morte, que se espera seja apenas mais um ato ao final da vida.

Este capítulo da “escrita de si” encerra a primeira parte desta dissertação. A seguir, apresentaremos a segunda parte deste trabalho, iniciando com as condições de produção, a partir das quais se deu o levantamento das entrevistas e quem são nossos sujeitos. Na sequência, dedicar-nos-emos à análise.

PARTE II

CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO E ANÁLISE

Capítulo I – METODOLOGIA OU CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO

Sobre as condições de produção desta pesquisa pode-se dizer que não foi muito simples realizá-la. Inicialmente precisávamos descobrir quem comporia o *corpus* da pesquisa. Sendo a pesquisa sobre o tema da morte e do morrer há de se ter muita cautela ao colocar o tema porque as pessoas costumam não gostar muito de discuti-lo. Em experiências anteriores, já ouvi, entre outras pérolas, os seguintes discursos: “Por que este tema?” , “Não tem outra coisa para discutir não?” , “Ai que horror fazer uma pesquisa sobre isso.” , “Esquece, não vai ter nenhuma faculdade que vai aceitar um tema desses.” , “Isso não é assunto de pesquisa.” Poderia escrever aqui muitas páginas sobre o que já ouvi nesta trajetória.

Uma das entrevistas que compõe esta dissertação é a entrevista de Rosa. Uma aluna de EJA (Educação de Jovens e Adultos) que faz parte do período noturno na escola onde foi realizada. Ela era aluna do Ensino Médio, regularmente matriculada e nos concedeu a entrevista, quando ainda era aluna da escola e cursava o terceiro termo, equivalente ao terceiro ano do Ensino Médio. Logo após esta entrevista, ela terminou o ensino médio e não continuou os estudos em nível superior. Escolhemos Rosa porque, quando da apresentação inicial na disciplina que eu lecionava (Filosofia), ela disse a todos que estava ali “para ser a mãe que o meu filho queria que eu fosse”.

Apliquei um questionário na turma porque pretendia descobrir, entre os alunos, aqueles que tiveram a morte de um ente querido nos últimos cinco anos. Rosa era uma delas.

Depois de conversar com vários deles, que responderam sim ao questionário, descobri que, entre outros, o caso de Rosa era especial porque ela perdera um filho. Um filho único e de morte natural, ou seja, não foi assassinado. Ele morreu dormindo, quando ia ser pai. Pai adolescente. A discussão do caso de Rosa se aplicava muito bem à linha de pesquisa da Análise do Discurso, que norteia esta pesquisa. Marcamos a entrevista numa noite de reunião porque, nestas datas, a escola fica mais tranquila e silenciosa. Gravamos a entrevista. Rosa chegou para a entrevista aparentemente tensa e após a mesma, ela me revelou que passara o dia inteiro, tensa e ensaiando o que me falaria.

A entrevista transcorreu num clima bem tranquilo, dentro do possível. Apesar de querer passar uma imagem de alguém segura, houve momentos em que Rosa se

emocionou e chegou às lágrimas, no momento em que ela explicou como ocorreu a morte do filho, numa segunda feira pela manhã, ao ir acordá-lo para trabalhar. Ela o encontrou sem vida. Nas palavras de Rosa, “Aí foi...” Esse aí foi é a materialidade de um sentimento de impotência de uma mãe diante do corpo morto do filho único. Essa entrevista difícil, mas esclarecedora encontra-se em anexo (ANEXO I) na íntegra e também foi analisada sendo selecionados alguns trechos, no capítulo de análise.

Após a entrevista de Rosa, entrevistei também Violeta, uma jovem estudante do Ensino Médio que no decorrer da pesquisa foi aprovada na Faculdade de Enfermagem e, neste momento, é aluna de curso superior, mas à época da entrevista era colega de turma de Rosa. A entrevista foi realizada na escola, numa sala vazia, num outro dia de reunião, mas não foi possível ouvir a mesma e tivemos que refazê-la. Refizemos e a transcrição foi realizada. A entrevista de Violeta encontra-se em anexo (ANEXO II).

A nossa terceira entrevistada recebeu o nome de Lavanda e foi entrevistada após o início dessa dissertação. A entrevista de Lavanda se deu em sua casa, após uma conversa por telefone e a sua aceitação em realizá-la. Encontra-se no anexo III desta dissertação na íntegra.

Para a realização da pesquisa, os nomes dos sujeitos pesquisados foram alterados e cada sujeito recebeu o nome de uma flor, que também pode ser o nome de uma cor, e de uma fragrância. Os sujeitos pesquisados estavam cientes de que uma pesquisa em Educação era realizada e que eles faziam parte da mesma. E a problemática era a morte e o morrer e sua relação com a educação. Todos estiveram, durante todo o tempo, disponíveis para a entrevista e se dispuseram a participar gratuitamente e a elas se faz necessário expressar a nossa gratidão.

Para iniciarmos a apresentação de cada uma de nossas entrevistadas, faremos um breve resumo de suas histórias de vida, percebida por nós, pela entrevista e pela relação que estabelecemos com elas. Optamos por esse resumo de suas histórias porque a análise dar-se-á por excertos de suas entrevistas, a partir de regularidades observadas em seus discursos e as suas histórias poderão esclarecer certos aspectos que não serão por nós abordados nos excertos.

1.1 Rosa: A cor da perda

Rosa era, à época em que me concedeu esta entrevista, uma aluna de EJA que respondeu um questionário sobre a perda de entes queridos. Este tema era parte integrante

das aulas de Filosofia ministradas por mim, numa escola estadual com EJA em nível de ensino médio. Para fazer parte da pesquisa, estabelecemos os seguintes critérios: pessoas que, sendo alunos da EJA, perderam um ou mais entes queridos nos últimos cinco anos e se dispusessem a responder a entrevista.

Perdas na vida de Rosa foram muitas, entre elas destacamos: perdeu a mãe aos quatro anos de idade, e por ela ser alcoólica diz não ter sentido falta da mesma, perdeu a adolescência devido a uma gravidez não planejada, que lhe trouxe à condição de mãe aos quatorze anos de idade; perdeu os estudos, pois por devido a gravidez abandonou os estudos para dedicar-se à família; perdeu o trabalho, pois com a gravidez desistiu de trabalhar para cuidar da família; perdeu o marido, que arrumou uma amante e ela ao descobrir, pediu o divórcio; perdeu o casamento, por causa de uma traição do marido; perdeu o filho, que morreu; perdeu o neto, pois sua nora não a permite vê-lo; perdeu a família, com o divórcio e a morte do filho; perdeu a casa, porque seu marido não pagou o financiamento e eles tiveram que vendê-la por um valor muito baixo.

A forma como Rosa se constitui a partir de cada uma destas perdas é o que há de mais interessante em sua entrevista como o leitor poderá ver na parte da análise desta dissertação.

Rosa apresenta uma característica peculiar em relação à escola. Quando aluna da EJA, era na escola que mantinha toda sua vida social, pois, no trabalho como doméstica, ficava sozinha durante todo o dia enquanto sua patroa trabalhava fora; não tendo com quem conversar no trabalho, era na escola, onde encontrava os amigos e colegas que procurava falar a respeito de tudo o que pudesse, inclusive sobre a morte de seu filho, assunto bem conhecido na escola em que estudava.

Após a morte do filho, Rosa retorna à escola e dá novo sentido a sua vida a partir da decisão de voltar a estudar.

1.2 Violeta: a cor da esperança

Violeta foi a mais jovem de nossas entrevistadas. Aluna de EJA, quando da entrevista, já frequenta a universidade, no curso de Enfermagem. Está feliz da vida e pretende se casar em breve.

Teve uma vida de altos e baixos na infância, mas foi cercada de amor e de compreensão por parte daqueles que a educaram. Perdeu a pessoa que ocupava o lugar de mãe por várias vezes, mas outra imediatamente assumia este lugar; e esta vacância do

papel de mãe deixou em Violeta um receio/medo de que a última pessoa a quem chamasse de mãe também morresse.

Perdas na vida de Violeta foram muitas, entre elas, Violeta perdeu a mãe biológica; a mãe adotiva, que era sua tia; o pai que a entregou à tia e nunca mais apareceu; a irmã que morreu muito jovem; o irmão, na mesma condição da irmã e a bisavó.

Observar, a partir da análise, como Violeta se ressignifica como sujeito e que rumo ela dá a sua vida a cada perda é muito interessante, assim como as explicações que ela supostamente cria para si mesma e para a morte de seus entes queridos.

Por ser ainda muito jovem, as perdas na vida de Violeta são tratadas de uma maneira diferenciada, quando comparadas às perdas das demais entrevistadas, pois Violeta não perdeu nem filho, que ainda não tem, nem marido que também não é o caso.

As mortes, no caso de Violeta, se dão todas por doença e repentinamente, são ataques cardíacos, derrames e outras que ficaram sem explicação.

A única perda, que não se tratou de morte é o caso de seu pai biológico, substituído por outro, a quem ela, hoje, chama de avô, pois é o pai de sua mãe adotiva, que é sua prima biológica e, posteriormente, por seu pai adotivo, a quem ela atualmente chama de pai.

Essas trocas constantes de casa e de mães são uma das características mais importantes no discurso de Violeta. Quando na entrevista, ela discursa sobre esta fase de sua vida, deixa claro, no tom de sua voz e na velocidade com que resume a mesma, a ansiedade que estas lembranças lhe provocam e como ainda é difícil lidar com tanta mudança em sua vida.

1.3 Lavanda: a cor da dor

Sobre a entrevista de Lavanda, é necessário inicialmente uma explicação. Ela não estava originalmente entre os sujeitos selecionados para a entrevista. Só depois de analisar as entrevistas dadas e rever os questionários é que vimos em Lavanda um sujeito de interesse maior para esta pesquisa. Então deixamos de lado outras duas entrevistas já transcritas e entramos em contato com ela por telefone.

Ela prontamente nos atendeu e concedeu a entrevista em sua casa, onde fomos num feriado para conversar sobre a sua vida e sua dor.

A entrevista foi realizada com Lavanda, na condição de ex-aluna, posto que a entrevistadora já não trabalhasse mais na escola em que ela ainda estudava. Isso não foi empecilho para que a entrevista ocorresse num clima amistoso e saudoso, porque a relação

entre a turma e a entrevistadora era uma relação bem afetiva e de responsabilidade com a construção do conhecimento na disciplina de Filosofia, ministrada pela docente, neste momento, no papel de entrevistadora.

As perdas na vida de Lavanda foram muitas, entre elas, podemos citar a perda do pai devido a um infarto, aos quarenta e dois anos de idade; da mãe biológica, que lhe entregou para a vizinha e sumiu; do filho, morto a tiros perto de sua casa ao sair da escola; do marido, morto num assalto ao estabelecimento comercial da família; da família, que se desestruturou com a morte do pai; do namorado, que ao saber da sua gravidez do primeiro filho, desapareceu; da segunda família, a família de sua patroa que a acolheu, quando da sua gravidez na adolescência; da moradia devido ao comportamento apresentado por seu filho, caracterizado por violência verbal e física em relação ao filho da filha da patroa; da patroa/mãe, que por algum tempo assumiu o papel de mãe compreensiva que era, quando de sua gravidez na adolescência e que lhe pediu para ir embora por causa da relação que se dava entre seu neto legítimo e o filho de Lavanda; do papel de filha da patroa, papel esse que Lavanda apresenta em seu discurso, transparecendo certa tristeza pela perda desta relação.

Lavanda destoa das demais entrevistadas por ser uma mulher na casa dos trinta anos, mãe de três filhos e viúva.

Perdeu, como Rosa, um filho adolescente, mas ao contrário dela, seu marido foi morto num assalto. As mortes no caso de Lavanda são duas e são mortes em consequência direta da violência urbana.

A forma como Lavanda lida com essas duas perdas é diferente, por causa do significado que dá ao morto em cada caso.

Lavanda é uma mulher sofrida como Rosa e Violeta no início da vida, pois perdeu aqueles que ocupavam a função sujeito de pai e mãe, mas, como no caso de Violeta, a função de mãe foi substituída por outra pessoa, que veio a perder mais tarde e no seu caso não houve uma terceira pessoa a ocupar esta função sujeito. Como Rosa, foi mãe adolescente e passou a viver para a família que constituiu, no seu caso, só ela e o filho.

Casou-se novamente, desta vez com um homem com quem teve mais dois filhos, e que veio a ser assassinado anos depois.

Após a morte do marido, num assalto, Lavanda retorna à escola e dá novo sentido a sua vida a partir da decisão de voltar a estudar.

Tendo resumido as histórias de vida de nossas entrevistadas, a seguir, faremos um breve confronto de suas histórias, confronto este que norteará a análise.

Todas as entrevistadas foram alunas de um curso de EJA, perderam um ou mais entes queridos nos últimos cinco anos. Perderam a mãe antes dos cinco anos de idade, foram criadas por outras famílias. Rosa e Lavanda perderam um filho. Todas tiveram mortes por doença na família. Apenas Lavanda teve, em sua família, casos de mortes provocadas por violência. Em todos os casos ocorreram mortes na juventude.

Rosa e Lavanda apresentam um discurso inicial de quem tem o poder de resolver/decidir viver para o filho e/ou marido, quando se casam por causa de uma gravidez precoce.

Nos três casos aparece a necessidade de falar sobre a morte dos entes queridos. Todas discursivizam sobre a omissão do assunto na escola e da impossibilidade de falar sobre a morte com colegas e professores.

A ausência do nome do morto é uma constante nos três casos, assim como a escola como referência de volta à vida, no caso de Rosa e de Lavanda. A presença do duplo silenciamento: Não se fala o nome do morto, não se fala do sofrimento dele.

Também aparece muito enfaticamente o discurso de vitimização da entrevistada em relação à vida. Ainda há de se destacar a inexistência da entrevistada antes da morte do filho, no caso de Rosa e do marido no caso de Lavanda.

Uma das características desta dissertação é utilizar-nos das analogias dos nomes de cores, flores e perfumes para destacarmos a intensidade com que as nossas entrevistadas se ressignificam a partir de sua experiência de vida. O dizer de si de cada uma delas inicia-se num tom bem claro e vai se intensificando conforme vai mostrando-se durante a entrevista.

Capítulo II – ANÁLISE

A Morte como um acontecimento

(ou)

A (in) capacidade humana de compreensão da morte como parte do processo de viver

Ao analisarmos as entrevistas, percebemos algumas regularidades nos discursos das mesmas e que nortearão nossa análise. São elas: paradoxo: a interdição da morte X a necessidade de confissão sobre a morte; o duplo silenciamento diante da morte: omite-se o nome do morto e o sofrimento dele no momento da morte; idealização do morto como silenciamento dos (sobre os) defeitos; medo da morte: efeito do silenciamento e a escola e o papel ambíguo perante a morte: de aconchego e de silenciamento.

Apresentaremos, a seguir, os resultados de análise, a partir das regularidades observadas nos dizeres de nossas entrevistadas.

2.1 Paradoxo: A interdição da morte X a necessidade de confissão sobre a morte

Já nos referimos, na parte teórica deste texto, que a sociedade ocidental interditou a morte, através das pesquisas de tantos que a este tema se dedicaram, entre eles, Àries e Martins; pudemos demonstrar, como se deu essa interdição, como aconteceu durante as fases da história da ocidentalidade, como a morte, antes um acontecimento doméstico e familiar, tornou-se, através da necessidade de higienização social, trazida pela Modernidade e pelas ciências da saúde, entre as quais a medicina e a enfermagem, um acontecimento cada vez mais restrito aos hospitais e casas de saúde. Se há algumas gerações morria-se entre os seus, agora, morre-se cercado por tubos, máquinas e pessoas estranhas.

Não se fala da morte entre os vivos, o que é um paradoxo, pois para Elias (2001), “a morte é um problema dos vivos, os mortos não têm problemas.” Diante dessa afirmação, supomos que, aos vivos, cabe a discussão sobre a morte.

Assim, é muito forte e evidente esse paradoxo da interdição e necessidade de falar sobre a morte, nos discursos de nossas entrevistadas, como apontamos, a seguir.

Ao ser solicitado, em entrevista, a falar da morte de seu filho, Rosa nos diz:

E1

...Por mais que esse é um assunto dolorido. É um assunto muito dolorido, mas me faz bem falar disso. Sabe. Eu consigo desabafar. Sabe. Você expondo é uma coisa realmente dolorida, mas me faz bem assim eu não fico com aquilo guardado pra mim, eu consigo desabafar, eu consigo esclarecer está sendo. Esse momento pra mim eu não vou dizer pra você que está sendo fácil. Não tá sendo fácil mesmo. Eu passei o dia inteiro pensando nisso, eu falei meu Deus, eu tenho que ter forças pra conseguir fazer isso. Mas ao mesmo tempo é bom pra mim. Sabe. Não só com você, mas tocar neste assunto a turma fala, é dolorido? É dolorido, só que hoje em dia eu consigo vê isso como que eu vou dizer pra você? Um refúgio? Não. Não seria um refúgio. Sabe, seria uma saída pra eu poder ir aceitando isso que aconteceu, e se você não conversa, você não fala você vai guardando pra você, é onde sua cabeça vai ficando mais confusa você pensa: eu vou desanimar, eu vou parar, mas eu não posso, de forma nenhuma, eu não posso. É bom, é bom conversar por mais dolorido que seja é bom eu me desabafo, você vê que eu chorei um pouco, mas agora eu já estou mais controlada...

Neste excerto, Rosa inicia seu discurso apresentando uma contradição logo na sua primeira frase quando afirma: *“Por mais que esse é um assunto dolorido. É um assunto muito dolorido, mas me faz bem falar disso.”* Tal contradição permeia o discurso de Rosa quando se trata da morte de seu filho e do falar sobre ela. É um paradoxo esta atitude de Rosa porque se, de um lado, ela expressa sua dor, possivelmente a maior dor a que ela já foi exposta, a dor da morte de um filho, e este tema, a morte de seu filho é, para Rosa muito dolorido, falar sobre ele é algo considerado por ela como algo que faz bem. Para expressar o bem que falar sobre a morte de seu filho lhe faz, Rosa apresenta em seu discurso termos de um mesmo campo semântico como: *“desabafo, refúgio e saída”*, que significam “colocar algo para fora”.

Dos termos acima, dois chamaram muito a atenção, “refúgio e saída” como em: *“Um refúgio? Não. Não seria um refúgio. Sabe, seria uma saída pra eu poder ir aceitando isso que aconteceu.”*

Rosa deixa claro que não é um refúgio, palavra que, segundo o dicionário Aurélio, significa: “asilo, abrigo, apoio, amparo, mas afirma ser uma saída cujo significado é ato ou efeito de sair, lugar por onde se sai, movimento de sair” (FERREIRA. 2001 p.66). Segundo seu discurso, Rosa não está procurando amparo, abrigo ou apoio, ela não quer ser apoiada pelos demais em sua dor, a busca de Rosa é encontrar uma saída para este

sofrimento todo. Por ser muito dolorido, Rosa não procura se esconder, se asilar, ela busca sair do sofrimento, nesta busca, encontra-se a necessidade de escrita de si.

A expressão “dolorida” ou “dolorido” surge no discurso de Rosa num total de cinco vezes, enquanto a expressão “faz bem falar, é bom conversar. É bom”, surge quatro vezes, sempre seguindo uma expressão sobre a dor. Essa materialidade linguística nos deixa ver que a dor gera uma necessidade de confissão. A confissão da sua dor, para outra pessoa, alivia a dor. Como diz Rosa: “*é bom conversar por mais dolorido que seja é bom, eu me desabafo*”. E desabafo, substantivo utilizado por Rosa significa: “ato ou efeito de desabafar”, que, entre outros, tem o significado de “desafogar-se, desentranhar-se e expressar o que sente ou pensa” (op.cit. p. 244). Notamos que Rosa usa “desabafar-se”, verbo reflexivo, no sentido de “eu desabafo”, “eu me desentranho”, “eu me ponho para fora”, “eu me desafogo”. Neste caso, o sujeito e o objeto coincidem, é como se ela falasse consigo mesma, tal é, possivelmente, a perspectiva da escrita de si, postulada por Foucault, ao falar, escrever para o outro, o sujeito está falando e escrevendo para si, mais do que para o outro, ou ainda, existe um outro dentro de cada um de nós, com o qual, infalivelmente, nos defrontamos o tempo todo. Note-se que não é alguém ou algo fora de Rosa que a afoga, e, sim, ela mesma que se desabafa, tentando sair do refúgio em que esconde para depois procurar uma saída para si mesma. Mas essa saída procurada por Rosa choca-se com o interdito social do falar sobre a morte, materializado pelo verbo “controlar” como vemos, no final deste mesmo excerto, quando Rosa afirma: “*mas agora eu já estou mais controlada*”.

Neste momento, aparece no discurso, o interdito social ao tema morte e o falar sobre a morte, gerando a necessidade de confissão, pois ao dizer que “*agora eu já estou mais controlada*”, Rosa também diz que o discurso social a controla, ela diz está mais controlada, quem está controlada não é alguém que se controla, é alguém que é controlada, por outro, pela sociedade, pelo interdito da morte, pela “ordem do discurso” da morte: “pode-se até falar, mas para se livrar”, “falar para calar”.

Rosa diz que o tema é dolorido, mas em nenhum momento, ela menciona o tema em questão: a morte do filho. Ela parece evitar o uso do termo “morte”, utilizando para isso a palavra “*assunto*”, em momento algum ela diz morte, ou diz o nome do filho, durante toda a entrevista concedida a esta autora. Para se referir à morte do filho, ela utiliza várias instâncias linguísticas como “*assunto*”, “*coisa*”, e pronomes indefinidos “*isso*”, “*aquilo*”, “*isso que aconteceu*”. Ela trata a morte do filho, o nome do filho e a morte em si como um interdito. Ela interdita o nome do filho na entrevista toda, como veremos

adiante, assim como o tema morte. Mesmo quando ela diz “*é bom conversar*” não termina a frase, é bom conversar sobre o quê? E quando ela diz “*por mais que seja dolorido é bom, eu me desabafo*”, desabafo o quê? Desabafar sobre o quê? Essa “fuga” da palavra morte, e a interdição ao nome do filho nos apontam um paradoxo no discurso de Rosa.

Também surge no discurso de Violeta a questão da interdição da morte e a necessidade que esta interdição desperta de falar sobre o acontecimento da morte de um ente querido, como a seguir:

E 2

É... Falar né. Acho que a gente guarda muita coisa dentro da gente, quando a gente perde alguém, você fica pensando em tudo aquilo que você passou com a pessoa ou deixou de passar com ela. E tá tudo ali. Tá tudo guardado dentro da gente, então, quando a gente fala, parece que tá eliminando um pouco todo esse fardo. Que você carrega e principalmente da culpa, porque lá no fundo todo mundo carrega culpa pela pessoa ter ido embora, pelo que você fez, pelo que deixou de fazer, pelo que deixou de dizer. A vida que você deixou de dar. Eu acho que falar é sempre bom para eliminar mesmo o que... a gente sabe que lá no fundo as coisas acontecem mesmo e não tem como voltar atrás. A gente tem que realmente aprender a viver direito com os que ficaram. Fica sempre um aprendizado. Acho que falando, discutindo, abrindo o coração mesmo, você ganha forças prá lembrar dessa pessoa o quanto melhor possível, que tira um pouco da tristeza,. Você passa a lembrar de tudo o que você passou com ela, dos momentos bons, e não fica com aquela coisa de que ela morreu...

Neste excerto, parece muito explicitamente a troca de pronomes (a gente, no lugar de nós como se fosse um “eu” e também um “você” como se fosse um “eu”). Violeta alterna esses pronomes, em seu discurso para dizer de si, “escondendo” assim, atrás do “a gente/nós” o “eu” que não suportaria os dizeres, mas tem necessidade de se expressar.

Outra materialidade linguística importante é a repetição do verbo “falar” nas suas conjugações (fala, falar, falando) por cinco vezes, podendo indicar a necessidade que tem Violeta de expressar sua dor, através da palavra.

Ainda observa-se expressa outra materialidade linguística nos verbos “guardar”, “carregar” e “passar”, seguidamente e na sequência, por três vezes num único parágrafo. Para Violeta, esta perda *é um fardo que se guarda para ser carregado até passar*.

Neste excerto, Violeta traz um dos estágios do luto apresentado por Kubler-Ross, na parte teórica deste estudo, neste caso, o da raiva (1987, p. 49). Aparece, em seu discurso, explicitamente “*quando a gente fala, parece que tá eliminando um pouco todo esse fardo. Que você carrega e principalmente da culpa, porque lá, no fundo, todo mundo*

carrega culpa pela pessoa ter ido embora, pelo que você fez, pelo que deixou de fazer, pelo que deixou de dizer. A vida que você deixou de dar.”

Essa culpa, que caracteriza o segundo estágio, o de raiva, apresentado por Kübler-Ross (1987), é muito conhecido por quem perde um ente querido. É como culpado, por ter morrido, que o morto é visto pelos vivos, mas é, também, como culpado que o enlutado é visto socialmente logo após a morte de um ente querido, não é uma culpa relacionada à morte do outro, mas é uma culpa relacionada à falta de alegria, de felicidade, a traição da promessa de felicidade perene que a sociedade faz em relação às pessoas. Ninguém tem o direito de morrer, menos ainda o de sofrer com a perda. Sobre este segundo estágio, o estágio de raiva, que traz entre outros componentes a culpa, nos diz a pesquisadora:

Contrastando com o estágio de negação, é muito difícil do ponto de vista da família e do pessoal hospitalar lidar com o estágio de raiva. Deve-se isto ao fato dessa raiva se propagar em todas as direções e projetar-se no ambiente, muitas vezes sem razão plausível... A reação dos parentes é de choro, e pesar, culpa ou humilhação; ou então, evitam visitas futuras, aumentando no paciente a mágoa e a raiva (op., cit., p. 62).

A culpa/raiva é entendida como interiorizada no corpo/alma do sujeito; como pode ser evidenciado pelo uso do verbo “guardar” (FERREIRA, 2001, p 357) e a preposição de lugar “dentro”, contradição com os termos “eliminando, abrindo o coração, discutindo” num contexto em que Violeta afirma que, ao falar, o sujeito se abre, e esta abertura “*tira um pouco da tristeza*”, pois vai se “*eliminando um pouco todo esse fardo*”.

Observa-se, assim, que a culpa/raiva se manifesta pelo uso do substantivo, “*fardo*” que significa “coisa mais ou menos volumosa, ou pesada, destinada a transporte, carga, o que moralmente custa carregar” (op., cit, p. 313).

Violeta parece afirmar que a morte de um ente querido é “uma carga pesada que se carrega aos lugares em que se vai, e, que moralmente esta carga recai sobre os ombros daquele que perde um ente querido”.

Então podemos concluir que é necessário se livrar do fardo e da carga guardada dentro, para que se possa “*ganha(r) forças prá lembrar dessa pessoa o quanto melhor possível; é preciso falar: Acho que falando, discutindo, abrindo o coração mesmo*”.

Quando Violeta se refere a um fardo a ser carregado e que falar sobre o tema ajuda a eliminá-lo, está se referindo ao interdito que a sociedade apresenta em relação à morte e ao morrer. Interdito que Martins considera quando diz que “a morte acabou por ser banida,

ocultada, proibida das preocupações do homem ocidental do nosso século; ela chega a ser até algo obsceno, um verdadeiro tabu.” (1983, p.62)

Esta característica de tabu que a sociedade ocidental dá à morte e aparece no discurso de Violeta, como um “fardo”, pode significar nas palavras de Martins: “que ocultando a morte é a própria vida que o homem atual atinge” (op., cit., p.62).

2.2. Duplo silenciamento: diante da morte: omite-se o nome do morto e o sofrimento dele no momento da morte

A partir do discurso das nossas entrevistadas, pudemos perceber o que, na parte teórica desta dissertação já foi dito pelos pensadores Áries e Martins, o interdito social da morte na sociedade ocidental. Embora já tenhamos apresentado, acima, o interdito como uma categoria, nesta parte, focaremos o interdito do nome e do sofrimento do morto.

Não falar o nome do morto é uma regularidade que ocorre nas três entrevistas, por esta razão chama tanto nossa atenção. Nem Rosa, nem Violeta, nem Lavanda se referem ao morto pelo nome. Em Rosa, parecia natural, sendo que ela perdeu o filho. No caso de Violeta, era mais evidente porque ela perdeu diversas pessoas, inclusive duas mulheres que ocuparam o lugar de mãe, a quem ela chama de primeira mãe ou mãe biológica e segunda mãe. No caso de Lavanda, apesar de ter perdido o pai, o filho e o marido, nenhum é nomeado.

Outra regularidade observada é a ausência do momento da morte, ou do sofrimento vivenciado no momento da morte, pelo morto. No caso de Rosa, o filho morre enquanto dorme, quando amanhece, ela vai acordá-lo e ele está morto. Ela dormia enquanto o filho tinha uma crise que o levou à morte. Nada viu nem ouviu. Nada diz sobre esse momento tão importante e nem sobre a doença que devia ser “grave” para levá-lo à morte. Violeta, com todas as mortes pelas quais perdeu as pessoas queridas, apresenta em seu discurso o momento da morte de sua tia (segunda mãe) apenas como uma dor de cabeça. Os demais mortos, no discurso de Violeta, não sofreram ou sentiram dor, assim como o filho de Rosa e os entes queridos de Lavanda cujo filho morreu na viela e ela só soube na manhã seguinte e o marido que morreu num assalto. Quem sofre, no caso de Lavanda, é a pessoa que se lembra do morto. Quem sofre é quem fica com a memória do ente querido que não existe mais. O sofrimento do morto, na hora da morte, se acontece, não há como saber, pois não aparece no discurso de nossas entrevistadas, mas o delas sim é relatado com palavras e às vezes com lágrimas.

Iniciamos apresentando um excerto de Rosa:

E3

...Há cinco anos. Há cinco anos eu tive a morte do meu filho. Faz cinco anos que ele faleceu. Ele faleceu de infarto clínico, constatado pelos médicos, infarto clínico devido a uma crise de bronquite. E ele tava em crise. Eu conversei com ele no sábado, no domingo e na segunda feira por volta das seis e meia quando eu fui acordá-lo pra ir trabalhar, ele já estava morto. Aí foi... O mundo acaba né, por que a única coisa que me passou na hora foi chamar o resgate. O único número que eu consegui decorar na hora que veio na cabeça foi o resgate. Do contrário. É uma barra né isso pra você. Um filho, um pai, uma mãe, um irmão que você perde. Você consegue superar mais rápido, mas um filho. É uma dor que não tem o que você dizer não, sabe eu vou superar. Não tem superação. Um filho é uma dor que não tem superação. Ainda mais uma perda assim como foi a dele. Eu conversei com ele no domingo às onze da noite e às seis e meia quando eu fui acordá-lo pra trabalhar ele tava morto...

Rosa, quando fala de seu filho, tem um comportamento muito interessante, ela nunca diz o nome do filho, refere-se ao mesmo apenas como “ele” ou “meu filho”, mas faz isso constantemente, de forma que se torna bem característico em seu discurso, como veremos, ao longo da análise

Nesse fragmento, podemos perceber a certeza que Rosa tem que não conseguirá superar a morte do filho, em sua materialidade linguística ela deixa claro com um “*Aí foi...*”, os três pontinhos revelam a dor da morte, aquilo para o qual não se tem o que dizer, por isso, deixa para o leitor preencher. Ela elenca os familiares possíveis de serem perdidos e superados: “*um filho, um pai, uma mãe, um irmão que você perde. Você consegue superar mais rápido*”. Tal enunciado é quebrado pela conjunção adversativa “*mas*”, antes de colocar “*um filho*” e reiterar várias vezes, em seu dizer, a impossibilidade de aceitar, ou superar essa perda. Outra materialidade que evidencia a dor encontra-se no seguinte dizer: “*O mundo acaba né*”. Percebe-se claramente, a partir deste trecho, que Rosa não tem dúvidas sobre sua incapacidade de superar a perda de seu filho. A morte do filho significa, para ela, o fim de sua própria vida, materializado no sujeito da oração “o mundo” que rege o verbo “acabar”. O seu mundo, a sua vida é que acaba junto com a do filho.

E, como já dissemos acima, Rosa não relata a doença do filho e o sofrimento que essa doença deve ter lhe causado, culminando em uma morte solitária, na calada da noite, sem que a mãe visse ou ouvisse alguma coisa, enquanto dormia, na mesma casa. Só nos relata: “*Eu conversei com ele no sábado, no domingo e na segunda feira por volta das seis e meia quando eu fui acordá-lo pra ir trabalhar, ele já estava morto*”. A evidência de que

ele estava bem (embora em crise), de que ela não esperava essa morte está, na necessidade, em sua entrevista, de elencar os dois dias antes de sua morte: sábado e domingo, enfatizando o seu bem estar. Ou seja, ele estava bem, conversando, não morrendo. Assim, Rosa não nos revela a dor do filho, antes da morte.

Violeta nos diz sobre esse momento de dor, em relação ao morto e do sofrimento do morto na hora da morte nos seguintes termos:

E4

...da minha tia eu tenho uma vaga lembrança assim, eu lembro que era final de ano. Nós estávamos na praia, na casa que eu me lembro que nós tínhamos lá. E eu lembro que foi uma coisa assim. Ela sentiu muita dor de cabeça. Estava todo mundo junto, a família toda reunida porque era época de réveillon. Ela foi dar comida pro cachorro, quando baixou a cabeça ela sentiu muita dor. Foram levar ela pro hospital, pro pronto socorro, aí começou a correria e ela veio a falecer lá mesmo, foi na Praia Grande mesmo...

Neste excerto, Violeta apresenta sua impressão sobre a morte de suas mães, Inicialmente afirma não se lembrar da morte da mãe, mas diz se lembrar da morte da tia, modo como se refere à segunda mãe, algumas vezes em seu discurso. O discurso apresenta a morte como um acontecimento que fica na lembrança, por esta razão se dá o uso repetitivo do verbo “lembrar” e do deverbal “lembrança”: “*eu tenho uma vaga lembrança assim, eu lembro que... que eu me lembro... E eu lembro que... eu lembro...*”. Violeta apresenta a morte de sua segunda mãe como uma lembrança. Lembrança de algo que aconteceu no passado e aparentemente já está resolvido em sua vida atualmente. Ela diz que ficou: “*lá mesmo, foi na Praia Grande mesmo.*” Este distanciamento espacial que se materializa linguisticamente no “*lá mesmo... na Praia grande mesmo*” traz à lembrança algo que ficou no passado, que ficou distante, que está guardado num local distante. Violeta apresenta a morte da mãe como um momento de dor e correria: “*ela sentiu muita dor... aí começou a correria e ela veio a falecer*”. Provavelmente, como uma criança, Violeta não entendia nada do que acontecia e não sabia como reagir.

Por sua vez, para Lavanda, o momento da morte de seu filho é experienciado, do seguinte modo:

E5

...É foi. Ele morreu com três tiros na cabeça na rua da escola, que ficava bem perto da minha casa. Era cinco minutos de casa. Era só cinco minutos. Ele estava na escola,

quando terminou a última aula, ele saiu junto com os outros e não veio para casa. No dia seguinte acharam o corpo perto da escola, na viela. Depois do enterro me disseram que eles estavam atrás dele. Que iam matar ele. Que ele sabia e tinha ido se despedir da namorada. Eu não sei. Tento não pensar nisso porque se ele tivesse vivo, agora, eu ia visitar ele na prisão e eu não queria isso nem pra mim, nem pra ele, nem pros irmãos dele. É muito sofrimento e chega de sofrimento. Já foi demais. Por causa dele todo mundo na minha família sofreu demais. Eu, meu marido, o J., a A e foi muito difícil, quando ele morreu também foi muito difícil...

O tempo indicando distância aparece no discurso de Lavanda como uma materialidade importante a ponto de ser repetido por duas vezes: “*Era(m) cinco minutos de casa. Era(m) só cinco minutos*”. Lavanda marca, no seu discurso, a proximidade do local da morte de sua casa, provavelmente, apontando a banalidade que envolveu a morte do filho e falta total de controle que ela tinha sobre sua vida e sua morte. Apesar da dor, a morte é ainda melhor do que a dor de vê-lo na cadeia: “*se ele tivesse vivo, agora, eu ia visitar ele na prisão e eu não queria isso nem pra mim*”.

Como os excertos acima, também, não se vê materializada a dor do morto. Sabe-se que ele sabia que iria morrer, porém, nem a mãe sabia disso, só soube que ele próprio esperava a morte, depois que ela ocorreu. Ele sabia e até se preparava, despedindo-se da namorada, mas não da mãe. Porém, a dor da mãe, pela morte do filho fica transparecida no excerto acima. Na verdade, a dor de Lavanda parece transcender a morte e vale pela vida vivida junto ao filho: “*Por causa dele todo mundo na minha família sofreu demais. Eu, meu marido, o J., a A e foi muito **difícil**, quando ele morreu também foi muito **difícil**...*”. Os termos “sofrer” e “difícil” indicam, neste trecho, a dor da vida e morte. O sofrimento, em vida, fica evidenciado pelo uso de “também”, atrelado ao verbo “morrer”, ou seja, se eles, também, sofreram quando ele morreu, isso significa dizer que sofriam enquanto ele vivia. Contudo, não vemos o sofrimento do menino, nem em vida, nem na morte, só dos vivos que contam a partir de sua memória. Perguntamo-nos, como teria sido a vida desse menino? O quanto teria sofrido em vida e na hora da morte? Contudo, só sabemos que morre com três tiros em uma viela perto da casa. Aos mortos, só o silêncio, mesmo da vida.

Vale ressaltar que Lavanda não pronuncia o nome do filho, terminamos a entrevista, sem sabê-lo. Afinal, não tinha uma boa relação com o mesmo e, para ela, “melhor nem pensar”. Se, para os entes queridos, é difícil falar da morte, para Lavanda, em relação ao filho, a interdição é ainda maior, atingindo o pensamento.

Para finalizar, não poderíamos deixar de apontar que, segundo o trecho acima, o menino teria morrido depois de sair da escola, da última aula, sabendo que tal poderia acontecer. E, como fica a escola? Como esse menino agiria em sala de aula? O que a escola poderia ter feito? Qual o seu papel social? Questões que ficam no vazio, no vazio deixado pela morte.

No excerto abaixo, Lavanda fala da morte do marido:

E6

...Há dois anos meu marido morreu. Ele foi abrir nossa mercearia e quando se aproximou da porta, eles chegaram e atiraram nele. Depois entraram e levaram as coisas. Quando a polícia chegou ele já estava morto. Eu tava em casa arrumando as coisas pra mandar J pra escola e o telefone tocou, quando eu atendi era a notícia da morte dele. Sei lá. Na hora eu me acabei. Eu me acabei. Minha vida se acabou. Não me levaram junto com ele, mas me deixaram viva pra sofrer tudo sozinha...

Tanto no caso do excerto em que Lavanda relata a morte do filho, quanto no caso deste acima em que relata a morte do marido, surge o discurso sobre a morte porém, o sofrimento é omitido. Quando Lavanda diz sobre o filho: *“Ele morreu com três tiros na cabeça”* e a respeito da morte do marido *“Há dois anos meu marido morreu. Ele foi abrir nossa mercearia e quando se aproximou da porta, eles chegaram e atiraram nele*, ela não diz sobre o sofrimento deles, as marcas no corpo, a dor não aparece, a idéia da morte no discurso da nossa entrevistada acompanha o discurso higienizante da sociedade em que vivemos e de onde o interdiscurso social a que já nos referimos anteriormente nesta dissertação. Porém, se, por um lado, há o morto, por outro, há a morte, em vida, daquele que continua vivo. Lidar com a dor da morte é, costumeiramente, materializado como morrer em vida. Vemos isso em Rosa, como em E1 e neste excerto acima. “Acabar” e “sofrer” materializam o luto dos vivos: é como se não houvesse mais vida possível para os vivos. *“Na hora eu me acabei. Eu **me acabei**. Minha vida **se acabou**. Não me levaram junto com ele, mas me deixaram viva pra sofrer tudo sozinha..”*. “Acabar” aparece na forma reflexiva “acabar-se” de dois modos (*eu me acabei* e *minha vida se acabou*). Em ambos os casos, a ênfase é dada no sentido de “alguém acabar consigo próprio por não ter mais condições (ou razão) para viver”.

A seguir, passamos para outra regularidade encontrada no *corpus*.

2.3 Idealização do morto como silenciamento dos (sobre os) defeitos.

A quem possa interessar, a sabedoria popular anuncia: “Quem quer saber se é amado morra ou se mude”. Este ditado popular, tão arraigado na cultura brasileira, traz à memória uma realidade. Toda vez que alguém morre deixa de ser de bom tom comentar suas dificuldades e seus fracassos, os defeitos, então, não devem ser lembrados. O morto recebe *status* de herói. É muito comum de uma pessoa que não tinha muita relação com outra, depois de morto, tornar-se, no discurso do outro, seu amigo íntimo. Se a morte for violenta, é possível tornar-se mártir. A história está cheia de exemplos em que, ao morrer martirizado, o sujeito é considerado um perigoso marginal, mas depois de algum tempo morto, a memória dos seus entes queridos, o torna alguém superior. A nossa principal religião é sustentada pelo discurso *post mortem* de um homem que, quando estava vivo foi acusado, julgado e condenado pela (in) justiça de sua época. Segundo seus seguidores, cuja fé é fundadora de nossa cultura, a maior (in) justiça cometida contra um ser humano. E essa (in) justiça sustenta dois mil anos de história, de cultura e de filosofia construídas a partir de sua figura emblemática.

A respeito dessa questão, surge no discurso de nossas entrevistadas uma aparente contradição. Enquanto Rosa participa do discurso do bom morto, aparentemente Violeta e Lavanda não comungam desta mesma opinião, mas só aparentemente, pois um olhar um pouco mais aprofundado mostra que esta relação de idealização, nos casos de Violeta e Lavanda, está diretamente ligada à relação que essas mantinham com os entes queridos falecidos.

Violeta idealiza sua relação com as suas duas mães mortas, mas em relação ao irmão ela diz:

E7

*...O meu irmão também ele faleceu. Também ele faleceu super jovem assim com 33 anos. Também ele levava uma vida desregrada, **mas** de uns anos pra cá ele tinha melhorado muito, **mas** sabe que a saúde ela traz, problemas de saúde traz repercussões a longo prazo. Tudo aquilo que ele investiu errado, repercutiu na vida dele sendo tirada tão cedo, né? Ele também faleceu de infarto. Ele não resistiu e faleceu o ano passado. Ele não era casado, não tinha filhos, **mas** aí ficou, ficou assim um vazio que é essa coisa né?...*

Podemos notar, nesse excerto, a repetição do pronome “ele”. Violeta inicia sua frase dizendo “*O meu irmão também ele faleceu*” e coloca o pronome “ele” nesta frase como se estivesse tentando se afastar do personagem que é seu irmão. Uma tentativa talvez de afastar-se para não sofrer. Parece que ela está falando de alguém que conhecia pouco, alguém por quem não precisa sofrer. O pronome ele é repetido oito vezes em um parágrafo curto. Sobre a forma de seu irmão levar a vida, Violeta diz que “*Também ele levava uma vida desregrada, Tudo aquilo que ele investiu errado, repercutiu na vida dele sendo tirada tão cedo, né?*”. Neste momento da entrevista, Violeta apresenta um irmão por quem ela aparentemente culpa/responsabiliza pelo fim da própria vida, pela vida “desregrada” que levou. Entretanto, no fio discursivo aparece uma conjunção adversativa que demonstra o sentido do discurso, aquele que ela não diz, quando inicia a conversa. A conjunção “mas” é apresentada três vezes a seguir: “*mas de uns anos pra cá ele tinha melhorado, mas sabe que a saúde ela traz, problemas de saúde traz repercussões a longo prazo mas aí ficou..., ficou assim... um vazio... que é essa coisa né?*”. E talvez por não possuir argumentos que sustentem uma defesa mais arrojada da memória do irmão, Violeta relembra o vazio que fica. Outra vez surge no discurso o vazio, este não ser que é a morte, a indizível, como acontecimento. Toda vez que Violeta vai discursar sobre a vida desregrada do irmão, surge um “mas”, um vazio, um interdito da morte e do morto.

A partir do discurso sobre a *vida desregrada* do irmão, Violeta parece dar significado à morte, a partir do fato dele ter levado uma *vida desregrada*. É como se esta forma de levar a vida desse significado à morte de seu irmão, tão jovem quanto suas duas mães e sua irmã. As mortes do irmão e da irmã têm uma justificativa semelhante, a vida desregrada, coisa que não acontece em relação às demais mortes com as quais Violeta teve que conviver.

Vejamos mais um trecho sobre as mortes de entes queridos de Violeta:

E8

...Como ao falar da minha segunda mãe, eu tenho só lembranças boas dela, uma grande mulher, eu acho que ela só deixou coisas boas, que eu pudesse lembrar. Aquela pessoa que você gostava... Você gostava dela por tais qualidades, corre o risco sim dessas qualidades aumentarem... Morreu muito jovem, aparentemente saudável, trabalhava. Tinha uma vida corrida e justamente faleceu assim, repentinamente... Sei que era muito bom... Sempre me trataram com muito carinho como uma sainha que ela costurava e ela fazia. Ela fazia roupa pra mim, tanto é que eu tenho guardada até hoje roupa que ela fazia... Mas foi uma grande guerreira. Eu tenho boas lembranças dela...

Neste excerto, surge a idealização da relação com a pessoa morta. O próprio discurso apresenta uma problematização da supervalorização do morto, quando Violeta diz: “*Você gostava dela por tais qualidades, corre o risco sim dessas qualidades aumentarem*”. Do ponto de vista da materialidade linguística, o enunciado se apresenta como se o sujeito estivesse falando consigo próprio, se perguntando até que ponto as suas memórias a respeito da morte não lhe traem. Trata-se do monólogo interior, como se repentinamente o sujeito se desse conta de algo que lhe escapava, talvez, a emergência de “insights” do inconsciente. Pode-se dizer que é o efeito da memória, memória que é esquecimento, segundo Orlandi (2001).

O discurso de Violeta não deixa dúvidas quanto à idealização do morto e também da relação que se mantinha entre Violeta e sua segunda mãe. Este interdiscurso da idealização do morto surge, em suas palavras, nas lembranças que ela diz trazer da mãe: “*eu tenho só lembranças boas dela, uma grande mulher, eu acho que ela só deixou coisas boas, que eu pudesse lembrar.*”

Quando Violeta afirma que “*eu tenho só lembranças boas dela*”, está se referindo às memórias que traz da mãe, memórias que não são só suas, devem ser também das pessoas com as quais ela conviveu, porque em seguida ela diz: “*eu acho que ela só deixou coisas boas, que eu pudesse lembrar.*” Quem acha não tem certeza, se ela diz: “*eu acho*”, ela diz que supõe, imagina, não tem certeza sobre as lembranças que sua mãe lhe deixou. Mas mesmo assim, em sua lembrança, ela era “*uma grande mulher*”. Devemos nos lembrar que Violeta, quando perdeu a primeira e a segunda mães, era ainda uma criança muito pequena e suas memórias têm muito de memórias formadas pelos discursos daqueles com os quais ela convive e conviveu.

Neste trecho, Violeta apresenta claramente como percebia uma das mulheres a quem chamou de mãe. Mulher jovem, aparentemente saudável, trabalhadora. Mulher que tinha uma vida corrida, e, justamente “*faleceu, assim, repentinamente*”. O advérbio de modo “repentinamente” demonstra a tentativa de Violeta dizer de que modo a sua segunda mãe vivia, como levava sua vida e como Violeta a percebia, “aparentemente saudável” e, portanto, a partir de uma idealização.

A seguir, apresentamos um excerto de Rosa:

...Ele tava numa fase muito boa da vida. Ele ia ser pai. A namorada tava grávida de três meses e então ele tava muito contente devido à relação que ele tinha com o pai dele que não era uma relação como que eu vou dizer... De carinho, de afeto e sim o lado financeiro, ele sempre falava que ele queria um filho pra mostrar pro pai dele como que se amava um filho. Como que se amava um filho. Que ele ia mostrar isso pro pai dele. Ele tava muito contente com essa gravidez. Ele queria este filho. Eles tinham planejado esse filho para fevereiro. Ele conversou comigo e disse: Mãe eu vou engravidar a T. Só que aí Deus quis que a coisa se antecedesse porque provavelmente já tava tudo como se diz: Deus escreve certo por linhas tortas. Ele morreu antes. Ele morreu antes de fevereiro. Morreu dia 22 de dezembro. Morreu na antevéspera de natal. Sabe fazem cinco que ele morreu, mas pra mim é como se fosse hoje. É uma dor que não tem igual, que não tem comparação. A cada dia 22, você lembra disso, você tenta não sofrer por isso, mas é inevitável. Realmente é muito inevitável, mas a vida segue, infelizmente, a vida segue. Ele era filho único...

Neste trecho da entrevista, Rosa relata uma conversa que teve com seu filho sobre a paternidade dele e ela afirma: *“Ele conversou comigo e disse: Mãe eu vou engravidar a T”*. Postulamos que tal diálogo dificilmente ocorreu, trata-se de uma idealização pós-morte, muito comum em nossa sociedade, para a qual, o morto é sempre um sujeito “sem defeitos”. Portanto, parece-nos muito mais uma criação livre e uma interpretação do desejo de Rosa de ter (tido) uma relação perfeita com seu filho, relação esta em que houvesse espaço para este tipo de diálogo e abertura suficiente para que ele acontecesse desta forma. Um rapaz de dezessete anos, que namora uma moça de dezesseis, dificilmente teria maturidade para decidir ter um filho, planejar o nascimento dele e ainda contar para sua mãe o que iria fazer. Mais raro ainda seria uma mãe concordar com esta gravidez e auxiliá-lo a planejá-la, sabendo que seu filho de dezessete anos tinha uma saúde muito frágil e ainda não era suficientemente independente para tomar essa decisão. No máximo, Rosa teria se conformado com tal situação.

Neste mesmo fragmento, percebe-se uma situação difícil que o jovem teve que lidar em vida: a relação com o pai. Assim, na mente da mãe, o rapaz queria ser pai *“devido à relação que ele tinha com o pai dele, que não era uma relação, como que eu vou dizer... de carinho, de afeto e sim o lado financeiro”*. O pai do filho de Rosa, alguém cujo nome, também, não é citado durante a entrevista, era um pai ausente, segundo as palavras de Rosa *“ele sempre falava que ele queria um filho pra mostrar pro pai dele como que se amava um filho. Como que se amava um filho. Que ele ia mostrar isso pro pai dele. Ele tava muito contente com essa gravidez. Ele queria este filho.”* Rosa apresenta o filho dela a partir do desejo deste de ser pai também. Não o desejo de ser um bom pai, mas de ser um

pai que pudesse mostrar ao outro, no caso o pai dele, “*como que se amava um filho*”. Insistentemente, ela diz que ele queria ter este filho e que estava muito contente com a gravidez, mas Rosa não diz dela, como a mãe Rosa se sentia com a gravidez de um filho adolescente e da entrada de duas novas personagens em sua vida, sua nora e seu neto.

A idealização de Rosa se estende desde a infância, como em:

E10

... Devido à relação que eu e ele tínhamos. Nos não éramos mãe e filho, nós éramos antes de tudo, nos éramos amigos. Eu contava tudo pra ele. Ele contava tudo pra mim. Eu criei ele assim... Eu fui pai e mãe dele porque a parte afetiva sabe, era eu quem fazia... Ele era pequeno, eu reunia os amigos dele e ia jogar bola com eles. Ele queria ir pra parque, era eu que levava. Era eu que brincava com ele nos brinquedos. Eu criei ele assim, eu dei tudo pra ele... Eu sei que ele se foi, mas eu sei que eu consegui ser a mãe que eu queria ter tido. E eu não tive. É como eu te falei. Me faz falta sim. Me dói muito, porque eu não perdi um filho só. Eu perdi a minha companhia. Eu perdi tudo. Tem dia que eu paro, eu falo: Meu Deus eu não vou agüentar!...

Rosa mostra, neste excerto, que seu discurso a respeito da sua relação com o filho demonstra o desejo de ter tido uma relação idealizada. Ela viveu a infância do filho como se fosse a sua, dando “*tudo pra ele que eu não tive.*” Dar tudo o que não teve para seu filho incluía viver intensamente a infância dele como se fosse ela também uma criança “*ele era pequeno, eu reunia os amigos dele e ia jogar bola com eles. Ele queria ir para o parque, era eu que levava. Era eu que brincava com ele nos brinquedos.*” Rosa também manifesta que sua relação com o filho era como uma relação de amigos e que a parte afetiva era ela que fazia.

A perda do filho é vivenciada, por Rosa, como a perda do “Rumo de vida”, como no excerto abaixo:

E11

... Me faz falta sim. Me dói muito, porque eu não perdi um filho só. Eu perdi a minha companhia. Eu perdi tudo. Tem dia que eu paro, eu falo: Meu Deus eu não vou agüentar. Tem dias que eu falo: Eu não vou pra escola. Eu vou trabalhar porque eu tenho que trabalhar. Tem dias que eu falo, eu vou cair numa depressão, mas eu tenho que lutar contra isso porque eu sei que não era isso que ele queria...

Neste trecho da entrevista, Rosa apresenta sua confusão. Ela parece bem confusa com relação aos seus desejos, sua reação e mesmo sua luta para continuar vivendo. Outra

vez, nota-se a repetição, um efeito de retórica no seu discurso. Por três vezes, Rosa inicia a oração com “*tem dias que eu*”, seguido de um verbo de ação “falar” e de uma consequência negativa, referente à perda, ela fala “*não vou aguentar*”, “*não vou para a escola*” ou ainda “*eu vou cair em uma depressão*”. As materializações de tais sentimentos, no discurso, indicam certa consciência e luta de nosso sujeito contra tais efeitos negativos em sua vida. Mas, no final do excerto, Rosa quebra esse dizer negativo com um “mas”, que instaura o efeito de luta de nosso sujeito, como em “*mas eu tenho que lutar contra isso porque eu sei que não era isso que ele queria.*”. Quem não queria? O filho. E é por ele e, de modo especial, por uma memória idealizada que Rosa decide continuar a vida. Ademais, observa-se que Rosa fala consigo própria. Trata-se de um efeito do discurso do sujeito que está rememorando algo e diz de si no ato da enunciação, como se tivesse falando consigo próprio em um passado.

Em seguida, Rosa volta a falar do filho morto e de como ele era uma pessoa maravilhosa. Podemos notar que ela está falando como mãe e que, para ela, seu filho era perfeito. Depois de morto, ele passa a ser idealizado, como já dissemos acima, nesta pesquisa.

E12

...Meu filho era uma criança assim, era um adolescente, porque quando morreu ele estava com dezoito anos. Ele era um filho exemplar. Ele era um filho assim... Desde a primeira, do prezinho, até ele morrer, que ele fez o segundo colegial, inclusive aqui na mesma escola, ele não repetiu nenhum ano. Ele foi direto. Eu não tinha uma reclamação dele. Ao contrário, os professores me chamavam para elogiar ele pra mim...

Neste excerto, Rosa discursiviza sobre a infância de seu filho e de como essa infância foi perfeita, notamos a idealização da infância do filho na perfeição do papel de mãe realizado por Rosa, enquanto seu filho crescia, brincava e frequentava a escola.

Muito dificilmente, no corre-corre que é a vida escolar de uma professora, ela vai chamar uma mãe para elogiar-lhe o filho. Elogios são apresentados em reuniões marcadas antecipadamente, talvez, nesses momentos, os professores lhe tecessem um elogio ou outro sobre a atuação dele como estudante, mas chamar a mãe para elogiar faz parte da fantasia de idealização do próprio filho tal qual o fato dele ser “*um filho exemplar.*”

Quando Rosa diz: “*Ele era um filho exemplar*”, ela tem um ideal de filho, um exemplo que, segundo Rosa, o seu filho cumpriu enquanto viveu. Exemplar, segundo o

dicionário é “um adjetivo daquele que pode servir de exemplo, ou que pode ser imitado ou copiado” (FERREIRA, 2001, p. 304).

E, nas palavras de Rosa, ser um filho exemplar, além de outras características, é necessário ser um estudante também exemplar porque ela diz sobre o filho que: “*ele não repetiu nenhum ano. Ele foi direto. Eu não tinha uma reclamação dele*”.

Assim, na entrevista, Rosa discute como sentiria a possibilidade de ter (ou ter tido) outro filho, nos seguintes termos:

E13

...Eu arrumar outro filho, eu acho que um filho não substitui o outro, poderia até arrumar, mas eu não quero, eu não quero porque quando ele quis um irmão eu não consegui dar pra ele porque que agora eu vou arrumar outro, não quero...

Outra evidência de idealização do filho morto é a discussão da (im)possibilidade de Rosa ter outro filho, que surge no final de sua entrevista. Neste momento, é importante ressaltar que não foi colocada esta questão para Rosa, pois durante a entrevista, a entrevistadora, em momento algum cogitou esta possibilidade. A questão de ter ou não outro filho surgiu espontaneamente no discurso de Rosa, como se vê, no excerto acima.

Este excerto traz um conflito entre o querer e o conseguir. O filho queria um irmão e Rosa não conseguiu realizar essa vontade do filho: “*...quando ele quis um irmão eu não consegui dar pra ele...*”, então ela se pune por esta falta dizendo: “*poderia até arrumar, mas eu não quero, eu não quero...porque que agora eu vou arrumar outro, não quero...*

Rosa diz, ao mesmo tempo, que não quer e por três vezes reforça este não desejo de ser mãe novamente, utilizando-se do advérbio “não” como partícula de realce e se manifesta na materialidade linguística em: “*não quero... eu não consegui... não quero...*

Rosa diz que não conseguiu, sendo que no início do parágrafo relata que “*poderia até arrumar*”. Para nós, fica a pergunta, se poderia por que não que diz que não conseguiu? O que teria impedido Rosa de dar um irmão ao filho? Por que, em seu discurso atual, surge esta falha em seu papel de mãe? Percebe-se, com este discurso, novamente a culpa por não ter tido uma relação perfeita, ainda que essa relação seja idealizada.

Desse excerto, é importante ressaltar seu início: “*Eu arrumar outro filho, eu acho que um filho não substitui o outro poderia até arrumar, mas eu não quero*” porque, nesse

início, Rosa apresenta sua idéia de idealização, ao dizer da (im) possibilidade de substituir um filho por outro ou seria a culpa que surge, de mesmo que inconscientemente haver o desejo de que esta substituição possa vir a acontecer, pois sabemos que nenhum sujeito é insubstituível seja qual for a função sujeito que desempenhe.

Como ficou Rosa após a morte do filho é o que vemos, a seguir:

E14

...Um ano depois que ele morreu neste período de um ano depois da morte dele eu fiquei um ano sobre a base de calmante, médicos calmante, porque eu achava que eu tinha que morrer junto. Só que (depois) desse um ano eu parei, me deu uma luz assim,... Ele tava com o terno que ele foi enterrado porque o pai dele fez questão que ele tinha que ser enterrado de terno. Um roqueiro ser enterrado de terno. Ele tava com o terno que ele foi enterrado ele só veio por causa do meu sofrimento...

Neste excerto, Rosa comenta que o filho era roqueiro e que o pai quis enterrá-lo de terno. Embora, sutil, trata-se de uma crítica ao pai, que quis continuar fazendo valer o seu desejo, mesmo depois da morte do filho.

Rosa se lembra das conversas que teve com o filho e essas conversas se repetem em sonho e de como esse filho, mesmo morto, se preocupa com o sofrimento da mãe a ponto de aparecer-lhe em sonho porque *“ele só veio por causa do meu sofrimento.*

A idealização do filho se estende pós-morte, em seus sonhos, como em:

E15

... eu comecei lembrar das conversas minhas com ele, quando ele falava: mãe você precisa reagir. Eu sonhava com ele. Eu conversei com ele em sonho, ele só falou assim pra mim: Mãe eu estou bem, eu só preciso que a senhora reaja...

A idealização do filho de Rosa apresenta diversas nuances. Neste excerto, Rosa idealiza sua relação como filho transcendendo a morte, pois o filho, mesmo morto e por esta condição, ou não podendo estar presente em corpo, se utiliza do mecanismo do sonho para ajudá-la em sua dor. Rosa, primeiramente, diz se *“lembrar das conversas minhas com ele. Quando ele falava: mãe você precisa reagir”* e, em seguida, surge o discurso sobre o sonho na mesma frase *“Eu sonhava com ele. Eu conversei com ele em sonho, ele só falou assim pra mim: Mãe eu estou bem, eu só preciso que a senhora reaja”*.

Neste excerto, Rosa inicia dizendo que conversava com o filho sobre sua reação e depois que sonhava com ele sobre a sua reação diante da morte dele. Mas, para que Rosa pudesse reagir, se fazia necessário a certeza que o filho estava bem, por isso, ele lhe diz em sonho: “*Mãe eu estou bem, eu só preciso que a senhora reaja*”. Podemos concluir que a reação de Rosa não é uma decisão sua, e, sim, a necessidade do filho morto. Rosa só decide reagir, quando o filho lhe diz em sonho, lhe dando o aval; “*eu só preciso que a senhora reaja*”.

Ela utiliza do discurso idealizado, como sendo do filho, o verbo “preciso” na primeira pessoa do singular (eu) no sentido de ser “necessário, urgente”, o filho necessitava de maneira urgente da reação de Rosa, por isso, ela está autorizada a reagir. Interessante também é notar o tempo em que o verbo está conjugado, o presente, o filho diz “*eu preciso*”, depois de morto, em sonho, ele ainda precisa que ela reaja.

A reação de Rosa se dá a partir da necessidade do filho. É o filho que precisa de sua reação, não ele que precisa reagir. É o filho morto de Rosa, aquele que cuida dela que lhe autoriza a reagir. Ainda aquele que “*veio por causa do (seu) sofrimento*”.

Em Lavanda encontramos esta idealização quando ela diz:

E16

...Ele era um bom pai, um bom marido, teve muita paciência com meu outro filho.

Lavanda apresenta sua forma de lembrar-se da memória do marido morto no excerto acima. Dizer que ele era um bom pai e um bom marido não diz muito de uma relação. Ela é bem econômica ao lembrar-se do marido e acrescenta que ele teve bastante paciência com o seu “outro filho”.

Outro efeito do silenciamento da morte em nossa sociedade consiste, ao nosso ver, no medo de morrer que têm os vivos, como apresentaremos, a seguir.

2.4 Medo da morte: efeito do silenciamento

Uma categoria de análise ou uma expressão recorrente no discurso de nossas entrevistadas foi à referência ao medo da morte. O medo da morte, que pode ser

compreendido como o medo da finitude, do anonimato perpétuo, da inexistência, o medo do não ser. Esse não-ser, segundo Parmênides de Eléia (2006, p. 212-213), “é aquilo que não é”.

Para este pressocrático se o “ser é aquilo que é” e dessa afirmativa surgiu e prevalece toda a teoria ontológica que culmina em Heidegger e Sartre; o não-ser é apenas, nas palavras do filósofo, “aquilo que não é” e sobre o que não é, pouco ou nada se pode falar, é necessário que Schopenhauer inaugure a teoria do nada para trazer as bases Nietzscheanas do niilismo. Todavia, nos discursos de nossas entrevistadas, encontramos muito desse medo ancestral que nos limita e nos faz transcender a partir do desejo de imortalidade.

Violeta, quando fala da morte de seus familiares, expressa sobre o medo que tem nas seguintes palavras:

E17

...Olha eu não vou falar pra você assim que eu não tenho medo. Todo mundo tem medo de expirar Mas como todo mundo eu tenho medo de morrer, mas não é uma coisa que eu trago em mim, ah porque a minha mãe, minha segunda mãe, minha irmã, meu irmão morreram cedo eu acho que eu também vou morrer cedo, eu não sei, talvez sim, talvez não, mas eu não fico encanada não, mas eu tenho medo sim em relação às pessoas que eu gosto, sobre toda a minha família, a minha mãe, as minhas tias até porque nós somos todo mundo da mesma forma, né? Somos todas primas de sangue, então eu fico preocupada em relação a isso, mas infelizmente a gente não pode fazer muito, mas eu tenho medo sim, tenho medo de perder a minha mãe, as minhas tias sim...

O sentimento expresso por Violeta com relação à morte prematura de sua família é o medo. Medo em relação à própria finitude, à finitude de suas tias e de sua mãe por serem ,como ela mesma diz; “*todo mundo da mesma forma, né? Somos todas primas de sangue*”. E surge numa adversativa o sentimento de impotência, de vazio quando ela afirma: “*mas infelizmente a gente não pode fazer muito, mas eu tenho medo sim, tenho medo de perder a minha mãe, as minhas tias sim*”

Mas Violeta continua o seu discurso sobre o medo da morte, vinculando-o ao medo de falar sobre ela:

E18

...o tema morte. Tema esse que não é pra ser temido, quanto mais se temer falar, ficar se escondendo dela, acho que não é bem assim, porque quando a gente se depara com isso na nossa vida, na nossa família, com um amigo, como ultimamente quando um amigo meu perdeu o pai. A gente vai ao velório, vai ao enterro e a gente percebe que muitas das

peçoas, elas têm medo de num momento como esse, as peçoas têm medo de não ter o que falar...

Este trecho não fala do “medo” da morte, mas de novo do silenciamento, medo do desconhecido, nossa sociedade é uma sociedade falante, medo de não saber o que falar sobre a morte. Como falar de uma coisa não vivenciada? A morte é um problema dos vivos que não sabem o que falar, pois nunca a experienciaram.

Percebemos, nestes excertos transcritos acima, que o medo vivenciado não é só o medo da morte, nem o medo da morte de si mesmo e podemos analisar esta questão das seguintes maneiras.

Todo ser humano sabe que morrerá, um dia, mas o não saber quando lhe traz o conforto de que este momento tardará a chegar ou será postergado *ad aeternum* pelo desenvolvimento de novas técnicas e descobertas científicas.

A outra análise que podemos fazer é que, apesar desta certeza, não podemos ter mesmo a certeza de como será o nosso não existir. Toda vez que pensamos na morte, na nossa própria morte, ainda que estejamos na eminência de que ela ocorra por enfermidade grave ou por uma situação em que corremos algum risco de perdermos a vida, ainda assim, somos nós, seres pensantes, e na condição de pensantes, pensamos e, se pensamos, já dizia Descartes, é porque existimos, a capacidade de pensar sobre a própria existência ou a ausência da mesma só nos pode dar uma certeza, a de que ainda estamos vivos, portanto, não morreremos, ainda, não deixamos de existir.

Nós, seres humanos, não tememos a nossa própria morte, senão, vejamos, como podemos temer algo que não conseguimos, nem em pensamento ou imaginação, experimentar. Se nada vem à razão que não tenha passado antes pelos sentidos, como sabemos desde Locke, não há sentido humano que nos traga a experiência do não estar.

A possibilidade da morte de si para cada um de nós é uma possibilidade tão remota que, para nós, ela é inexperienciável. Nós não acreditamos nela. Pode ser que não acreditemos porque, se fosse possível, tal possibilidade nos seria insuportável.

A inexistência é algo que não podemos provar, experimentar, experienciar. Por essa razão, quando experienciamos algum tipo de morte, na morte de um ente querido e essa experiência nos remonta à possibilidade da morte de nós mesmos, não encontramos na fala, expressão alguma. Emudecemos. O mais falante e expressivo dos homens, diante da morte, se cala. O que se pode fazer em relação à morte do outro e não da nossa, mas daqueles que amamos é a arte, principalmente a música e em alguns casos, a filosofia.

Violeta traz em seu discurso sobre o velório do pai de um amigo a materialidade linguística que vem ao encontro da nossa afirmação acima: “*A gente vai ao velório, vai ao enterro e a gente percebe que muitas das pessoas, elas têm medo de num momento como esse, as pessoas têm medo de não ter o que falar.*”. O medo expresso por Violeta não é só o medo da morte é o medo de quem não tem “*o que falar*”. O não falar é o não expressar, o não dizer. O silêncio, o absurdo. Todo silêncio, para o ser humano, é um absurdo. O silêncio só tem sentido aos ouvidos humanos, quando ele se torna intervalo entre dois sons, então ,ele faz parte de uma forma de dizer de si, a música, a arte.

Outra de nossas entrevistadas, Lavanda, traz, também, em seu discurso referência a este silêncio como momento do assombro, do absurdo, quando diz:

E19

...mas naquele momento né? Acaba tudo. Não tem o que dizer...

A expressão da impotência diante da morte, do absurdo que ela representa para cada um de nós no momento em que ocorre é expressado por Lavanda de maneira bem econômica, como podemos observar no excerto acima. Quando ela diz: “*mas naquele momento*”, ela utiliza de um substantivo que indica tempo: “*momento*”. Este termo “*momento*” é um substantivo que não pode ser definido, é impreciso. Não se pode mensurar quanto tempo dura um momento. Pode-se dizer numa linguagem conotativa, que toda a vida de alguém correspondeu a alguns momentos ou que um momento pode parecer uma eternidade. Lavanda utiliza também o pronome “*naquele*” que, agregado a momento, dá a noção de tempo, de onde, adjunto adverbial de tempo. “*Tudo*”, pronome indefinido, usado como sujeito da frase, imputa ao discurso sobre a morte, ou sobre o medo da morte, o efeito de sentido de desconhecido, de um fim que não se sabe, só que tudo, a vida, com todas as suas implicações, acaba. Dizer “*naquele momento*” é dizer de algo que não se sabe, por um tempo que não se pode determinar. Fora das categorias tempo/espaço, a mente humana não concebe pensamento, se não há pensamento, não há fala, não há expressão possível.

Agora, peço ao leitor que observe cuidadosamente as seguintes expressões de Lavanda e Rosa, oriundas dos excertos aqui transcritos concomitantemente: “*Na hora eu me acabei. Eu me acabei. Minha vida se acabou*” e “*Aí foi... O mundo acaba*”

É interessante notar, nos excertos acima, o dizer de Lavanda e Rosa quando do momento em que se dão conta de que perderam um ente querido, a utilização, nos dois casos, do verbo “acabar”. Elas não se utilizam de outro termo para se expressar, mas enquanto Rosa diz: “*Aí foi... O mundo acaba*”, no sentido de uma expressão de totalidade, o mundo, tudo em volta acaba. Para Lavanda, o que acaba é outra coisa, quando ela diz: “*Na hora eu me acabei. Eu me acabei. Minha vida se acabou*”. Pode-se notar a diferença entre os discursos de Rosa e de Lavanda. Se no primeiro caso, é “*o mundo (que) acaba*” e então resta a pessoa que fala, no segundo caso, “*Na hora, eu me acabei. Eu me acabei. Minha vida se acabou*”, o discurso de Lavanda apresenta que quem se acabou não foi o mundo e sim, o sujeito. O uso do verbo acabar se dá no mesmo tempo, o pretérito perfeito do indicativo, mas de modos diferentes, no primeiro caso, “o mundo acaba”, a conjugação se dá na terceira pessoa; no segundo caso, “eu me acabei”, a conjugação se dá na primeira pessoa. O uso do verbo acabar, nos dois casos, pode trazer à interpretação o sentido de impotência. É este sentimento de perda, de impotência de saber o que dizer que aterroriza o ser humano quando se trata de falar de morte.

Este é o medo de que fala Violeta, quando se refere, ao medo da morte, quando diz:

E20

... Eu tenho muito medo. É isso a palavra é MEDO, porque eu passei muito tempo para chamar a D (apelido) de mãe. Porque toda vez que eu chamava alguém de mãe, ela morria, e, então eu fiquei muito tempo pra chamar ela de mãe”...

Neste excerto, podemos observar que o medo demonstrado por Violeta não é como se manifesta no início da sua fala, no excerto (18), não é o medo da morte, o medo da morte de si mesmo, porque já percebemos quão absurda é esta possibilidade para nós, seres humanos, ela é tão absurda que inexistente como possibilidade. O medo expresso por Violeta, por duas vezes, e uma das quais, enfatizado pelo aumento do som na gravação é o medo da perda. Violeta esclarece essa possibilidade quando diz: “*É isso a palavra é MEDO*” e diz mais, Violeta diz literalmente porque este medo se manifesta: “*Porque toda vez que eu chamava alguém de mãe, ela morria*”. Em sua experiência com a morte de suas duas mães, Violeta sofreu duas perdas significativas e na impossibilidade de compreender a finitude humana, coube a ela a única ação capaz de ser realizado por um ser humano, em nossa cultura, diante da morte, o silenciamento. São suas as palavras: “*eu fiquei muito*

tempo pra chamar ela de mãe” porque “eu tenho medo de perder a minha mãe”. Ficar muito tempo para chamar alguém é o mesmo que calar-se. É deixar de falar. É silenciar. Violeta, então, silencia por medo. Em nossa sociedade, a atitude de silenciar é uma expressão de medo. E a essa atitude de calar-se, de silenciamento que a sociedade impõe aos sujeitos contemporâneos, surge como resposta, a fala, a necessidade da fala, sobre a qual estamos discutindo ao longo deste texto e que é o tema de nossa dissertação.

E o papel da escola, perguntamo-nos. Nossas entrevistadas, também, versam a esse respeito para nós.

2.5 A escola e o papel ambíguo perante à morte: de aconchego e de silenciamento

Essa discussão sobre a escola e seu papel diante da morte e do morrer é crucial em nossa sociedade e foi justamente da necessidade dessa discussão que se iniciou esta pesquisa. Existe, na escola, um silenciamento absurdo em relação à morte e ao morrer. As pessoas que nela trabalham apresentam grandes dificuldades em lidar com este tema. Como reflexo do silenciamento da sociedade em relação à morte, a escola não se furta ao seu papel social de não dizer, de interdito.

Acontece que, para nossas entrevistadas, a escola tem papel fundamental na sua resignificação como sujeito. A volta por cima dada por duas delas se dá a partir da escola. Voltar à escola tem uma simbologia de voltar a si, voltar à vida, resignificar-se. Rosa nos diz a respeito do regresso às aulas:

E21

...Eu não estava estudando, só que quando eu voltei a estudar eu fui muito bem recebida. A escola já sabia do acontecido. Só não sabia até então, que era o meu filho, a direção da escola ainda é a mesma da época que o meu filho estudava aqui. Foram assuntos desconhecidos. Quando eles souberam que era o meu filho, eles procuraram me apoiar, pra não me deixar, eu cair, pra eu não desistir, pra eu lutar. Então a escola pra mim foi muito importante, foi muito importante mesmo nesse sentido. Não a escola em si, mas as pessoas que a compõe, a direção, a secretaria, tanto que eu tenho amizade com todos, na escola, sou muito querida por todos, pelos meus professores, se não fosse por eles eu acho que eu não teria conseguido não. Que eu não estaria, como que eu vou explicar pra você. Eu não teria chegado aonde eu cheguei. Eu tô terminando o segundo pra fazer o terceiro. Eu acho que se não fosse pelo apoio dos membros da escola eu jamais teria conseguido. Entre professores, coordenação como eu já te falei...

O apoio dado pela escola, a forma como a escola lhe recebeu, o fato de ter sido “*muito bem recebida*” foi muito importante para a nova Rosa encarar a si mesma e suas expectativas em relação à vida. Ter certeza que as pessoas souberam da morte de seu filho, mas não relacionavam o acontecimento à pessoa de seu filho foi um motivo para falar sobre o assunto. “*Não a escola em si, mas as pessoas que a compõe, a direção, a secretaria*”. Afinal é ela que diz sobre a escola: “*eu tenho amizade com todos, na escola, sou muito querida por todos, pelos meus professores, se não fosse por eles eu acho que eu não teria conseguido não.*” E ela coloca a responsabilidade de sua vida em outras pessoas, no caso, os profissionais da escola, porque se não tivesse o apoio destes profissionais “*eu jamais teria conseguido*”. Do ponto de vista da materialidade linguística, vemos a presença de adjetivos acompanhados pelos advérbios de intensidade, “muito” e “muita” cujos sentidos apontam para o grau de positividade do apoio dos colegas, “*foi muito importante*” repetido seguidamente duas vezes na mesma frase e “*sou muito querida*”.

Essa ênfase linguística aponta para o efeito de sentido do papel da escola, ou melhor, dos sujeitos – colegas, professores e coordenação - no dizer de Rosa. Entretanto, Rosa apresenta um discurso ambíguo com relação aos seus amigos da escola quando diz:

E22

...Por que eu sou uma pessoa seletiva, eu não tenho colegas, eu tenho poucos amigos. São bem poucos. Esses que são meus amigos, eles me vêem chorando, eles já sabem o motivo. Eles não procuram perguntar muito. Apenas: Rosa sai lá fora um pouquinho, chora um pouquinho depois você volta, porque eles já sabem o porquê eu estou chorando, principalmente todo dia 22. Todo mês dia 22. Eles entendem. Eles sabem o motivo porque, então eles não me cobram. Eles esperam passar esse choro pra gente conversar. Você quer conversar? Você quer falar? Mas aí, eu não quero porque eu já chorei, então, não tem muito, o que falar...

Rosa se considera alguém com poucas amizades, quando diz: “*eu tenho poucos amigos. São bem poucos. Esses que são meus amigos, eles já sabem o porquê eu estou chorando... Eles entendem... Eles sabem motivo porque, então eles não me cobram...*” Rosa resume os verdadeiros amigos, neste trecho, como aqueles que não fazem cobranças e compreendem o motivo de sua dor.

Se pararmos para observar o excerto acima, podemos perceber que Rosa diz sobre os amigos: “*Eles não procuram perguntar muito. Apenas: Rosa sai lá fora um pouquinho, chora um pouquinho depois você volta...*” Ainda os amigos perguntam quando Rosa volta à

sala para encontrar-se com os amigos: *“Você quer conversar? Você quer falar? Mas aí, eu não quero porque eu já chorei, então, não tem muito, o que falar.”*

Este excerto é especialmente significativo porque começa com Rosa diferenciando amigos de colegas e se dizendo uma pessoa seletiva, portanto, entendemos que aqueles que ela chama de amigos, segundo sua concepção, o são. Ainda esses apresentam um comportamento ambíguo, pois que quando ela precisa falar e chorar, eles pedem para que ela se afaste e depois querem saber se ela quer falar. Mas já não há mais a necessidade de falar porque ela já chorou e desabafou, mas ela chorou sozinha, sem os amigos, incapazes de suportar e ampará-la em sua dor. Essas amizades, a quem Rosa diferencia dos colegas que se dispuserem a ouvi-la, fariam um grande bem a ela, nesse momento de ressignificação de si mesma. Mas, postulamos que, também, esses “amigos” não saibam o que dizer, o que fazer e preferem se afastar, calar, como se costuma fazer em nossa sociedade ocidental.

Violeta, por sua vez, parece esclarecer melhor esta questão, quando coloca claramente uma necessidade e uma omissão na escola. Uma necessidade de falar e da omissão da escola em relação ao tema, ou de pessoas da escola em relação a essa discussão, quando aponta:

E23

...Ah! tipo agora, a professora chegar e perguntar por que você faltou, ah faltei porque meu irmão morreu. Ah tá bom. E aí muda de assunto? Porque elas realmente não sabem o que falar e têm medo e nem sempre têm paciência pra tapar o sol com a peneira. E em relação à escola é isso mesmo. As pessoas fogem do assunto, talvez por eles não saberem falar sobre o assunto. Acreditando que têm que falar alguma coisa e não é bem essa a essência. É a companhia, o carinho, o acolhimento...

Neste excerto, há o ponto nevrálgico da entrevista de Violeta, quando ela verbaliza o espírito desta pesquisa, dessa dissertação e de toda a discussão que esta pesquisadora quer levar adiante. A reação da professora de Violeta, ao questioná-la sobre sua falta à aula, e ter como resposta que o motivo da ausência na aula era a morte do irmão.

A resposta da professora foi o silêncio, o vazio que surge, desde nossa primeira entrevista. Voltamos a encontrar, no discurso das entrevistadas, o sentimento de impotência, de vazio que a sociedade apresenta e que surge na escola como reflexo do discurso social que a escola, por falta de discussão a respeito, apenas reforça e justifica.

Sem questionamento não haverá dúvida, sem dúvida não haverá mudança. Apenas silêncio.

Lavanda também apresenta a ressignificação de si como uma necessidade de ressignificação do papel da escola e das relações que se constroem dentro de seus muros. Por sua vez, é mais enfática com relação ao silenciamento da escola em relação à morte, como se pode ver a seguir:

E24

...era bom se a gente pudesse conversar sobre o assunto. Sei lá uma aula em que a gente pudesse falar, conversar e dizer o que precisa, é tão importante quando tem alguém que ouve o que a gente tem pra falar, mesmo que seja só uma vez, porque ninguém quer ouvir falar de coisa ruim, as pessoas só querem contar suas vitórias, a compra do carro novo, do DVD, da casa nova, do casamento dos filhos, das festas de fim de ano e quando você não tem nada disso, não tem o que trocar. E ninguém quer ficar junto de gente que tá sofrendo. Então você sofre calado, na sua, sem ter com quem conversar... Só que quando a gente começa a falar as pessoas não gostam de ouvir, já cortam e falam pra gente esquecer ou pedem pra gente sair da sala pra chorar em outro lugar... A gente incomoda quando fala de dor, de sofrimento e neste, momento é só disso que eu posso falar. Mas as pessoas não gostam de ouvir a gente falar, mesmo quando a gente precisa tanto.

Neste excerto, Lavanda apresenta o exemplo de escola ou de aula em que desejaria estar. Uma “aula em que a gente pudesse falar, conversar e dizer o que precisa. A aula com a qual Lavanda sonha, é aquela em que ela acima de tudo, o aluno possa “dizer o que precisa”. Lavanda apresenta a importância do dizer de si quando faz uso da sequência de três verbos cujo significado é o mesmo, o ato da fala. Ela diz sobre a possibilidade de uma aula em que a gente: “pudesse falar, conversar e dizer”. Utiliza três verbos com sentidos próximos e na mesma forma, o infinitivo, para dizer o que deseja, deseja conversar sobre o assunto, nesse momento, a palavra “assunto” encobre novamente o vocábulo morte. E quem “fala”, “conversa” ou “diz” alguma coisa, deseja ser ouvido. Por isso, neste trecho, aparecem duas vezes o verbo “ouvir”, porém, atrelados a sentidos negativos, como em “ninguém quer ouvir falar de coisa ruim” e em “é tão importante quando tem alguém que ouve o que a gente tem pra falar”. Embora, neste segundo caso, a oração não esteja explicitamente na negativa, a oração implica em um sentido que aponta para o desejo de algo existir, alguém que esteja disposto a abrir os ouvidos, que ouça o que se tem para falar, a dar apoio na dor. E, finaliza, Lavanda: “Então você sofre calado, na sua, sem ter com quem conversar...” Do ponto de vista da materialidade linguística, vemos o verbo “sofrer”, que implica em “dor, choro, algo que o corpo manifesta ou se manifesta no

corpo”, neste caso, deve ser “calado”, ou seja, não expresso. “*Na sua*” consiste em uma forma coloquial, quase uma gíria, e indica que algo não é compartilhado, que a dor, neste caso, deve ser solitária, que, no nosso mundo, “a dor não é um dizer de si para os outros”. E, ainda, por falar em dor, destacamos o trecho, já abordado acima, “*ninguém quer ouvir falar de coisa ruim*”. Na formação discursiva sobre a morte e a dor, os sujeitos escondem, camuflam, apagam tais termos, preferindo, neste, Lavanda, usar “coisa ruim” o que, imediatamente, é entendido pelos interlocutores (e pela analista) que participam da mesma memória discursiva da entrevistada, de “interdição da morte”.

Neste excerto, Lavanda apresenta uma reação dos colegas com relação à morte ou ao sofrimento da morte, que lhes pedem que a ação de chorar não seja realizada de maneira coletiva e solidária, as pessoas que lhe pedem para chorar em outro lugar se sentem incomodadas com seu comportamento frente ao sofrimento: de falar e de chorar.

A dor é silenciada ou afastada, deslocada para outro lugar. Trata-se de uma ação realizada pelas pessoas, no contexto escolar, o que se pode verificar pela emergência dos verbos que estabelecem onde e quando se deve chorar: “*sair da sala para chorar em outro lugar*”. Por sua vez, o verbo “cortar” indica a interrupção de uma ação, de chorar, neste caso, como em “já cortam” e “já”, advérbio de tempo, enfatiza a interrupção da ação. Ademais, o verbo “incomodar” e “gostar”, na negativa, imputam ao discurso o efeito de como é sentido pelos interlocutores da escola a dor dos sujeitos que experienciam a morte: de corte, ou seja, de silenciamento.

Porém, Lavanda termina com o dizer de si e possivelmente de todos aqueles que sofrem perdas familiares: “*quando a gente precisa tanto*”. “Quando” marca o momento o tempo da “dor” ou de se falar da dor e “tanto” indica o “tamanho” da dor.

O excerto acima aborda a questão central da discussão desta dissertação, pois, dizer que falar de dor incomoda em nossa sociedade é dizer o que já foi colocado na parte teórica desta dissertação, quando diversos autores apontam a necessidade de felicidade da sociedade em que vivemos. Para Freud:

O sofrimento nos ameaça a partir de três direções: de nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução, e que nem mesmo pode dispensar o sofrimento e a ansiedade como sinais de advertência; do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas; e, finalmente, de nossos relacionamentos com os outros homens. O sofrimento que provém dessa última fonte talvez nos seja mais penoso do que qualquer outro. (2000, p. 31)

As palavras de Freud nos trazem à mente, a questão do sofrimento como princípio fundante da condição humana. Sofrimento esse causado pelo corpo biológico, psíquico ou social. Se pensarmos numa sociedade como um organismo, podemos dizer que cada pessoa funciona em relação ao outro como um órgão dependente dos demais. Freud vem trazer a discussão sobre o sofrimento diante da morte e de seu antônimo, a felicidade. Nele, encontramos sobre esta última, “O que chamamos de felicidade no sentido mais restrito provém da satisfação (de preferência repentina) de necessidades repensadas em alto grau, sendo, por natureza possível apenas como uma manifestação episódica” (2000, op.,cit. p.20) Este pequeno excerto de Freud nos lembra da impossibilidade de felicidade como um estado de completude da vida humana e, também, nos traz como fonte de sofrimento para a humanidade os relacionamentos que as pessoas constroem para si. Se, no momento da morte do outro, nos defrontamos com a possibilidade de nossa própria finitude e isso nos assusta é, também, pela dor dessa presença na morte do outro, que incomodamos outros com a nossa dor.

A sociedade que construímos e na qual vivemos não admite que incomodemos outros com momentos de dor e sofrimento, não se encontra um outro com quem falar de morte e de dor.

Ainda, analisando o excerto acima, notamos que a repetição do pronome “a gente”, colocado como uma possibilidade do uso do pronome do caso reto na primeira pessoa do plural “nós”. Lavanda usa “a gente” como quem diz nós. A tentativa de dizer nós talvez seja uma possibilidade de esconder o “eu”. Talvez Lavanda preferisse dizer eu, mas para se proteger, ela utiliza do pronome “a gente” por seis vezes num único parágrafo. Outra materialidade linguística fortemente apresentada por Lavanda é a presença do verbo “falar” por cinco vezes num único parágrafo. Lavanda diz: “*sempre surge a oportunidade de falar*”. Ela se refere à fala como oportunidade. Falar sobre sua dor passa a ser, para Lavanda, a oportunidade de dizer de si, do momento em que está de sua dor. Além disso, Lavanda se refere à fala também como necessidade quando diz “*mesmo quando a gente precisa tanto*”.

No excerto acima, podemos perceber que a oportunidade traz em si imbricada uma necessidade, a do sujeito, que precisa realizar o luto pelo ente querido morto, mas com a interdição da morte na sociedade, não encontra o espaço para se expressar.

Neste sentido, Kübler-Ross (1987) apresenta em sua obra “Sobre a morte e o morrer” a necessidade que têm os moribundos de falar de sua finitude e, a partir desse dizer, ele se recolhe e fica cada vez mais quieto e, quanto a esse momento, aconselha a pesquisadora “É também o momento em que a família carece de ajuda, compreensão e apoio...” (op. cit. p. 97). Ajuda, compreensão e apoio, que a sociedade por medo da dor nega ao moribundo e aos enlutados, silenciando-os e silenciando-se. Se, por um lado, observa-se fortemente, nos dizeres de nossos sujeitos de pesquisa o silenciamento e a sua consequente necessidade de falar, por outro lado, quando é dada voz aos sujeitos, emerge a imagem de supervalorização das qualidades do morto.

Se, segundo Martins, a morte é um tabu e a palavra *tabu* significa: “restrição costumeira ou tradicional a certos comportamentos que, se praticados, recebem forte reprovação moral e social” (FERREIRA 2001, p.459), pode-se compreender o comportamento dos colegas de classe de Lavanda como sendo a manifestação de uma norma social. É possível, ao enlutado chorar a perda de um ente querido, mas é preciso *sair da sala prá chorar em outro lugar*, porque compreende-se que a sala de aula não é lugar para comportamentos tabus, ou para expressão destes comportamentos, além de que “a sala” também é o local onde se recebe visitas numa casa, numa moradia, então “*sair da sala*” pode significar de maneira metafórica sair de perto de outros, esconder-se, como Rosa diz em seu discurso, refugiar-se.

O discurso de Lavanda traz, também, a expressão “*A gente incomoda quando fala de dor, de sofrimento e neste, momento é só disso que eu posso falar. Mas as pessoas não gostam de ouvir a gente falar, mesmo quando a gente precisa tanto*”. O mesmo Martins apresenta sobre a morte de um ente querido: “importa agora que se perceba o menos possível a morte ocorrida; manifestações de luto e emoções, são condenadas e abolidas; não se tem mais o direito de chorar a perda de entes queridos. (op. cit.,p. 63)

Se, segundo Martins, chorar a perda de um ente querido é um direito, e ele afirma isto ao dizer que não se tem mais o direito de chorar a perda de entes queridos em nossa sociedade, então se coloca, neste momento, uma relação foucaultiana de poder/saber, porque quando se fala de direito, se fala de poder e toda relação de poder é também uma relação de saber.

Portanto, os colegas de classe de Lavanda, aquelas “*pessoas (que) não gostam de ouvir, já cortam*”, no sentido de interditar-lhe a palavra “*falam prá (ela) a gente*

esquecer”, que não gostam de ouvir-lhe o discurso sobre a morte do filho, nem do marido, estão apresentando neste comportamento, um d⁴iscurso que representa um discurso social, um interdiscurso sobre a interdição da morte e do morrer na sociedade ocidental contemporânea.

Não é “*a gente (que) incomoda quando fala de dor, de sofrimento*” é o tabu do tema que incomoda a sociedade e, portanto, não pode ser dito, porque está relacionado à categoria de inter(dito), ou o ato de interdizer que, segundo o dicionário quer dizer: “proibir ou impedir”. A sociedade que interditou a morte e a transformou num tabu tenta proibir ou impedir o discurso sobre a morte na escola que é considerado um direito de todo cidadão. O cidadão tem, na escola, garantido o direito de acesso e permanência, mas nela se mantém o discurso de todo o tabu social contemporâneo.

Quando os colegas de classe de Lavanda interditam sua fala, eles não fazem essa interdição, é a sociedade que interdita dizendo, pois, segundo, Martins: “A morte tão presente outrora, tão familiar vai apagar-se e desaparecer. Ela torna-se vergonhosa e objeto proibido.” (op.cit., 63) Neste sentido, o que é vergonhoso e proibido também não pode ser falado. E à escola, como reflexo desta sociedade, cabe o papel de manter dentro de seus muros as proibições e interditos que a sociedade estabelece.

Essa característica de interdito se faz tão profunda em nossa sociedade que os discursos de Rosa e Lavanda trazem a mesma materialidade linguística com relação aos amigos como aqueles que: “*pedem prá gente sair da sala prá chorar em outro lugar*”, no caso de Lavanda, ou aqueles que aconselham Rosa dizendo: “*Rosa sai lá fora um pouquinho, chora um pouquinho, depois você volta*”. Os discursos de ambos os amigos, de Rosa e Lavanda, têm uma relação entre si, qual seja, o mesmo teor do interdito social.

Assim, a interdição da morte perpassou toda a análise empreendida aqui, se desdobrando em várias imagens e efeitos de sentido que (nos) constituem as entrevistadas.

Esperamos que, com as nossas entrevistas, as participantes desta pesquisa possam ter encontrado um momento para falar de si e de sua dor, abrindo uma pequena brecha no discurso educacional para se falar de dor de morte, já que somos e fomos professores delas.

⁴ As relações de poder/saber na teoria de Foucault são apresentadas como forma de adestramento social do sujeito. Tanto o sujeito sofre influência da sociedade em que vive como influencia esta sociedade com sua forma de dizer de si. As relações de poder/saber caracterizam a terceira fase do pensamento do filósofo.

No próximo item, faremos uma revisitação dos principais sentidos e regularidades observadas na análise.

2.6 Algumas considerações finais da análise (ou) Há vida depois da morte, para os vivos?

A partir das análises de alguns excertos das entrevistas, podemos tirar algumas considerações ou ensinamentos sobre vida, morte e as possíveis mudanças relacionadas à morte de um ente querido.

Um das considerações a que podemos chegar é que sobre a morte e o morrer precisamos ouvir mais do que falar, pois uma constante nessas entrevistas foi o discurso sobre a necessidade de falar caracterizando uma das regularidades apresentada por todas as entrevistadas.

Outro ponto que merece destaque é a forma como essas mulheres se constituem a partir da morte do outro. A forma como elas se ressignificam como sujeito a partir da morte de um ente querido e o dizer de si a partir desta constatação.

Em relação às experiências de vida, percebemos que Rosa e Lavanda têm muito em comum, como o fato de perderem a mãe muito cedo e terem sido criadas por outras famílias, de terem sido mãe adolescente e de terem suas vidas transformadas por esta gravidez que, de uma forma ou de outra, decidiu o rumo dado à vida dessas jovens mães. A desistência da escola, a perda do emprego ou do trabalho, a desistência do futuro sonhado por jovens que engravidam e passam a viver em função de outro, aprendem a cuidar de outro, antes de aprenderem a cuidar de si mesmas; neste caso, até do próprio corpo. Constatada a gravidez, assumem o discurso de que vão viver para os outros ou, no caso, vivem para o marido e filhos ou apenas o filho. Passam boa parte da vida nessa fantasia de que vivem para os outros e tocam a vida dessa forma, até que a “indesejável das gentes” bate à porta e leva o motivo de seus cuidados. E no dizer de Rosa: *Aí... Foi...* Essas mesmas mulheres que desistiram de seus sonhos para sonhar os sonhos de outros se vêm na situação de quem foi abandonado e percebem o quanto abandonaram a si mesmas em função da perda de um ente querido. Quando da perda desse ente querido e da dor que passam a experimentar, da ausência de si que experimentam, a partir constatação do próprio abandono, por causa da ausência do seu objeto de cuidado, o morto; essas mulheres sucumbem e, ao sucumbirem, percebem que, ou se entregam e perdem a vida em vida definitivamente, ou se fortalecem, aprofundam seu perfume, intensificam suas cores e

demonstram serem bem mais que aquelas flores apagadas, desidratadas e quase mortas com as quais nos deparamos no início de cada entrevista. Esse comportamento descrito por nossas entrevistadas ilustra o primeiro estágio sobre a morte e o morrer relatado por Kübler Ross (1992, p. 52), que é o de negação e de isolamento, que “funciona como um parachoque depois de notícias inesperadas e chocantes ...”

Então surge a necessidade de falar sobre a morte do ente querido, sustentando o paradoxo existente caracterizado pela interdição da morte e a necessidade de confissão sobre a morte, enquanto apresentam o duplo silenciamento diante da morte: omissão do nome do morto e do sofrimento dele no momento da morte. Rosa, Lavanda e Violeta não citam na entrevista o nome dos seus mortos. Elas falam do seu sofrimento de mãe, de órfã e de viúva, mas sobre o sofrimento do morto de quem falam, no momento da morte, não expressam nenhuma palavra. O silenciamento é tão profundo quanto o interdito que representa. Esses silenciamentos caracterizam o estágio de raiva relatado por Kübler Ross (op., cit, p. 65), quando diz: “um paciente (aluno) que é respeitado e compreendido, a quem são dispensados tempo e atenção, logo abaixará suas exigências irascíveis...”

Outro silenciamento apresentado no discurso das entrevistadas é o da idealização do morto como silenciamento dos (sobre os) defeitos; pois em momento algum, Rosa, Violeta ou Lavanda apresentam características negativas de seus entes queridos mortos. Em seus discursos, eles não têm defeitos. São ótimos maridos, uma mãe que era “uma mulher guerreira” e quanto ao filho de Rosa, se ele tivesse vivo talvez não fosse tão perfeito.

Outro ponto que merece destaque é a forma como essas mulheres ou sujeitos se constituem a partir da morte do outro. A forma como elas se resignificam como sujeito a partir da morte de um ente querido e o dizer de si a partir desta constatação.

Essa resignificação, ocorre, então, a partir da volta à vida. Vida que é sinônimo de volta às atividades esquecidas por anos, que só quem levou a vida em função da vida de outro, consegue compreender. Neste momento, podemos observar uma barganha inconsciente, que caracteriza o terceiro estágio defendido na obra de Kübler Ross, (op., cit, p. 97) quando diz:

A barganha na realidade, é uma tentativa de adiamento; tem de incluir um prêmio oferecido “por um bom comportamento”, estabelece também uma “meta” autoimposta e inclui uma promessa implícita de que o paciente (aluno) não pedirá outro adiamento, caso o primeiro não seja concedido.

Esse retorno à vida é caracterizado pela volta à escola e ao trabalho concomitantemente. Voltar à escola é voltar à vida social, é ter amigos novamente, ter um local para frequentar, ter a quem se mostrar. Sentir-se orgulhosa de si mesma quando consegue terminar o curso iniciado. Voltar ao trabalho ou ao emprego é ter uma condição financeira para manter-se nesta nova vida ressignificada. Apresentam, então, o quinto estágio, o da aceitação, defendido por Kübler Ross (op., cit. p.126) “não é um desânimo resignado e sem esperança, um senso de “o que adianta?” ou “não agüento mais lutar”, embora se ouçam também estas frases.”

Faz-se necessário lembrar que nossas entrevistadas, ao dizerem de si, por ocasião das entrevistas, já saíram da fase de depressão relatada por Kübler Ross, como sendo o quarto estágio e este pouco se caracteriza nas entrevistas, por que elas já estavam no quinto estágio, o da aceitação, citado no parágrafo acima.

Voltar à escola, ter amigos, voltar a ter uma vida social traz, também, a necessidade de (re)adaptação social e, nesse momento, o do estágio de aceitação, elas percebem que na mesma escola em que encontram o aconchego de retorno à vida, também, encontram o interdito social sobre a morte. Nela, há assuntos que não se pode falar, a morte é um deles, contrariando a sua necessidade de expor-se, expressar-se sobre a morte do ente querido, razão maior que as levou à escola. Então, surge outro paradoxo: não se pode falar sobre o assunto que as levou a ter força para estar ali, lugar este, que lhes revelou a capacidade de retorno à vida.

Quanto mais essas entrevistadas dizem de si, neste novo momento de vida, mais elas dizem da escola, mais elas apresentam em seu discurso a necessidade que têm de frequentar a escola. Frequentar a escola, ter acesso ao conhecimento e vislumbrar outras perspectivas tira essas mulheres da condição de mãe de um filho morto ou viúva de um marido morto e eleva-as à condição de mulheres que têm um nome, uma família, uma vontade de ser Rosa, Violeta e Lavanda. Cada uma ao seu modo, mas com sua cor bem mais intensa e seu perfume mais forte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar essa pesquisa foi uma aventura. Existiram momentos de expectativa e de ansiedade, mas houve também momentos de comemoração. Algumas entrevistas foram marcadas e realizadas entre mim e os alunos selecionados, cinco ao todo, apenas três delas foram, de fato, utilizadas e analisadas.

Gosto de perceber que houve ganhos: de minha parte que finalmente estou conseguindo terminar o mestrado e da parte daqueles que deram as entrevistas, por que tiveram a oportunidade de serem ouvidos em sua necessidade de falar sobre um assunto que ninguém gosta de escutar.

Várias vezes esta fala é dita nos discursos analisados e nas outras entrevistas que não foram analisadas. Espero, também, que esta dissertação possa ser um importante passo para a área do conhecimento em que se situa, pois é preciso oxigenar a educação e trazer novos temas à discussão nas escolas (ou pelo menos nos discursos sobre a escola) é uma forma de fazê-lo.

Quando decidimos realizar um trabalho de pesquisa tendo a análise direcionada pelos pressupostos da Análise do Discurso de linha francesa, já supúnhamos que o caminho se faria ao caminhar, ou seja, seria traçado enquanto analisássemos entrevistas e não *a priori* como é possível em outras formas de análise. Para traçar o caminho *a posteriori*, é necessário um contato mais íntimo e mais intenso, com o *corpus* de pesquisa, e só este contato nos possibilita verificar as regularidades presentes na materialidade, no nosso caso, as entrevistas realizadas.

Outra característica singular desta pesquisa é seu tema tão necessário e urgente quanto tabu em nossa sociedade, especialmente quando se relaciona a morte e o morrer com a educação.

Tema maior da filosofia e da filosofia contemporânea, em se tratando deste período de transição entre Modernidade e Pós-modernidade, ele sequer é citado nas escolas ou surge como assunto de discussão pedagógica; reflexo que é sua ausência das rodas de conversa na escola, assim como ausente está nas discussões da sociedade atual.

Então, tínhamos o desafio de discutir a morte e o morrer na sociedade contemporânea como pressuposto pedagógico, através da Análise do Discurso de linha francesa.

Neste desafio, pudemos perceber que nossa cultura se baseia na fala, somos uma sociedade falante. E numa sociedade falante, um interdito traz consigo uma necessidade, no caso do interdito da morte, ele traz consigo, a necessidade de expressão a partir da fala.

Porém, como nossa sociedade interditou a morte, a fala sobre ela é a principal característica deste interdito. Esse não falar, não dizer sobre ela é a expressão deste interdito. É através deste silêncio perturbador que o interdito social e moral sobre a morte apresenta sua mais característica expressão.

No intuito de que a explanação de nossas considerações finais sejam melhor compreendidas, faremos a retomada de nossa problemática, objetivos e hipótese, além do percurso trilhado em nossa análise.

Foucault (2004a) afirma que cada sociedade constrói seus regimes de verdade de acordo com os princípios que a norteiam naquele momento e eles são propagados e incorporados pelos sujeitos também (re)formatados por essa sociedade. Ou seja, o sujeito é forma(ta)do para a manutenção da própria sociedade.

Em nossa sociedade, estes sujeitos são formatados e reformatados com temas interditos, entre eles a morte e o morrer. Não se concebe discuti-los, porque não se pode falar sobre o que não se experimentou. Nossa sociedade, por ser uma sociedade falante, traz na fala a possibilidade de construção da realidade e esta construção só se faz possível a partir da experiência desta realidade, por isso, não é possível produzir um discurso sobre algo não experimentado, como já dissemos acima, este não discurso torna-se então um tabu.

A dissertação agora apresentada traz como questão a morte e o morrer como uma condição da vida humana. Todavia, sendo uma condição natural da vida, a nossa sociedade tornou a morte um interdito. Como a sociedade ocidental interditou a morte e o morrer, está representado pelo (não) discurso sobre a morte, não se fala de morte e morrer na sociedade ocidental que construímos. A impossibilidade de pensar a própria morte e a capacidade de apresentar uma linguagem incompatível com a realidade utilizando o verbo “morrer” apenas em linguagem denotativa.

A educação é a área em que esta dissertação está inserida. A morte e o morrer e o discurso sobre ela é o seu tema. Discutimos a forma de vivenciar a morte de um ente querido por alunos do Ensino Médio de EJA de uma escola pública de São Paulo e as principais representações emergentes em seu discurso.

A hipótese que norteou esta dissertação foi que a sociedade contemporânea interditou o tema da morte e do morrer, o que faz com que aquele sujeito que passa pela

experiência da perda de um ente querido não encontre espaço na sociedade para expressar a tristeza, o sofrimento, sentimentos esses que acabam sendo vividos na solidão e no silêncio, por conta de um certo “pacto de felicidade” que supostamente a sociedade capitalista traz como promessa ao sujeito contemporâneo.

Um dos desafios em realizar esta dissertação foi o de (re)pensar a educação para além do meramente pedagógico. Discutir a morte e o morrer foi uma via para alcançarmos o objetivo geral deste artigo, trazer a vida para o centro da discussão na escola.

Foucault e suas discussões foram o nosso arcabouço teórico-metodológico, em especial, em sua terceira fase, da “escrita de si” e a Análise do Discurso de linha francesa.

Os registros do *corpus* desta pesquisa foram coletados, através de entrevistas realizadas pela autora com alunos que tiveram a experiência de morte de um ente querido nos últimos cinco anos. A dissertação foi dividida em duas partes, sendo elas, primeira parte, teórica e segunda parte, condições de produção e análise. Os capítulos teóricos contaram com a colaboração das ideias dos historiadores Philippe Áries e José de Souza Martins; a discussão sobre a morte e o morrer de Elizabete Kübler-Ross, fundante neste assunto e cujos estudos atravessam diversas áreas do pensamento humano como a sociologia, a psicologia e a medicina; a discussão sobre a questão da morte e do morrer na educação foi feita com base de Maria Júlia Kovacs; e a possibilidade de abrir a discussão na educação através da Análise do Discurso imbricados na terceira fase do pensamento de Michel Foucault. Ainda buscamos apoio nas teorias de Sigmund Freud, Michel Pêucheux e Leonardo Boff, entre outros.

Descobrimos que nossas entrevistadas precisavam falar sobre a morte e o morrer e que a escola, lugar privilegiado de construção do conhecimento nesta sociedade contemporânea, não lhes permite buscarem na sua dor e no seu sofrimento a profundidade necessária e a força que se faz mister para continuar a vida, depois da perda de seus entes queridos.

Tivemos nas pessoas de Rosa, Violeta e Lavanda, a generosidade necessária a que uma pesquisa, nestas condições, exige àqueles que se dispõem a colocar suas dores à mostra porque também precisam falar.

Esta necessidade de falar citadas por unanimidade, nos três casos por nós mostrados, pode nos alertar sobre quanto a escola atual está a deixar a desejar no que se refere à educação da pessoa humana. Perceber o sujeito como pessoa, além da condição de aluno, talvez seja uma das urgências em relação à educação que buscamos ou acreditamos desejar.

A análise dos discursos de Rosa, Violeta e Lavanda nos mostrou que, apesar das aparências que lhes tornavam tão parecidamente iguais, todas eram alunas da EJA de uma mesma escola, o discurso as diferenciava. As aparências se findam nestes detalhes, a história de vida e a forma como cada sujeito utilizou para (re) fazer-se a partir daquilo que a sociedade fez dele, nos mostrou quão diversos eram os seus universos e tão diferentes eram as nuances de suas cores e a profundidade das fragrâncias que lhes nomeiam.

As relações paradoxais que norteiam os discursos de Rosa, Violeta e Lavanda, apresentadas como regularidades destes discursos, no paradoxo I -interdição da morte X a necessidade de confissão sobre a morte e paradoxo II - o duplo silenciamento: diante da morte omite-se o nome do morto e o sofrimento dele no momento da morte e a idealização do morto como silenciamento dos (sobre os) defeitos, estão relacionadas aos silenciamentos envoltos ao tema da morte e do morrer e a necessidade de falar sobre sua dor, quando se perde um ente querido, foi a mais importante descoberta desta pesquisa e como também podemos perceber, ela está apenas iniciando uma discussão que a nós, parece fundamental, a quem pensa a educação da contemporaneidade no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ÀRIES, Philippe. **O homem diante da morte**. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1989.
- BRANDÃO, Helena H. N. **Introdução à análise do discurso**. 2ª edição renovada. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.
- COURTINE, J. J. & HAROCHE, C. O Homem perscrutado: semiologia e antropologia política da expressão e da fisionomia do século XVII ao século XIX. In: ORLANDI, E. et al. **Sujeito e Texto**. São Paulo: Edusc, 1988. p. 37- 60.
- BOFF, Leonardo. **Tempo de transcendência**. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2000.
- CORRÊA, Jose de Anchieta. **Morte**. 1ªed. São Paulo: Globo, 2008.
- DIAS, Rosa Maria. **Nietzsche educador**. 2ª ed. São Paulo: Editora Scipione, 2003.
- DREYFUS, HUBERT E Paul Rabinov. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: Para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos**. Seguido de Envelhecer e morrer Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- EPICURO **Máximas Principais**. João Carlos. K. Quantin de Moraes. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Mini Aurélio século XXI Escolar - **O minidicionário de língua portuguesa**. 4ªed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- FERREIRA, Maria Cristina Leandro (org.). **Glossário de termos do discurso...** Porto Alegre: Instituto de Letras da UFRGS, 2005.
- _____. **O caráter singular da língua na análise do discurso**. Porto Alegre: Instituto de Letras da UFRGS, 2003
- FRANÇA, Martha San Juan. Guia do Estudante: **Atualidades 2009**. São Paulo, 2009.
- FERNANDES, Cleudemar, **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- _____, M. A escrita de si. In. **Ética, sexualidade e política**. Coleção: Ditos e Escritos V. São Paulo: Forense Universitária, 2004a.
- _____. M. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: Foucault, Michel. **Ética, sexualidade e política**. Col. Ditos e Escritos. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004b.

- _____. **História da sexualidade 3. O cuidado de si.** Rio de Janeiro: Edições Graal. 9ª edição, 2007.
- _____. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Edições Graal. 26ª edição, 2008.
- _____. **Vigiar e punir. Nascimento da prisão.** Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 2008.
- _____. **A verdade e as formas jurídicas.** Rio de Janeiro: Nau Editora, 2003.
- FREUD, S. **Reflexões para o tempo de guerra e morte.** Rio de Janeiro: Imago, 1915. v.14.
- _____. **Obras Completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro, Imago, 2000.
- GRIGOLETTO, Marisa. **A resistência das palavras. Discurso e colonização britânica na Índia.** Campinas: Editora da UNICAMP, 2002
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo.** Parte II. Petrópolis: Editora Vozes, 2001
- JAPIASSU, Hilton e Danilo Marcondes. **Dicionário Básico de Filosofia.** 4ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006
- KANT, Immanuel. **Crítica da razão prática.** São Paulo: Martins Fontes Editora, 2002.
- KÜBLER-ROSS, Elizabeth. **Sobre a morte e o morrer.** 3ª ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editores Ltda, 1987.
- _____. **E. A roda da vida: memórias do viver e do morrer.** 2ªed. Sextante. Rio de Janeiro: Sextante, 1998.
- KOVACS, Maria Júlia. **Educação para a morte; desafio na formação de profissionais de saúde e educação.** 1ªed. São Paulo: Casa do Psicólogo. FAPESP, 2003.
- _____. Maria Helena Pereira Franco Bromberg, M Margarida M J de Carvalho, Vicente A de Carvalho. **Vida e morte: laços de existência.** 1ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.
- LABAKI, Maria Elisa Pessoa. **Morte.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.
- LACAN, J. **O estádio do espelho como formador da função do eu.** In: LACAN, J. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Editora, 1998. p. 97-103.
- LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso científico.** Campinas: Cadernos Cedes. ano XVII, 1987
- MARTINS, José de Souza. (org) **A morte na sociedade brasileira.** São Paulo: Editora, HUCITEC. 1983.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim falou Zaratustra.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

TIBA, Içami. **Ensinar Aprendendo**. São Paulo: Editora Gente, 1998.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do discurso; princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes. 3ª Edição, 2001

PASCAL, Blaise. **Pascal. Pensamentos**. Coleção: Os Pensadores. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999.

PLATÃO. **Diálogos. Fédon ou da alma**. Coleção: Os Pensadores. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999.

PÊCHEUX. M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**; Orlandi, Eni P. Trad. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

_____. M. **A Análise do discurso. Três épocas** (1983). In Por uma análise automática do discurso: uma introdução a obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

VEIGA NETO, Alfredo. **Foucault & e a educação**. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

ANEXOS

ANEXO I

ENTREVISTA ROSA

Entrevistadora:

Primeiro eu quero agradecer pela tua participação. E quero dizer que é com muito prazer que eu te convidei porque você participou daquela pesquisa anterior para detectar qual era o nosso público alvo e você foi uma das escolhidas para isso. Muito obrigada.

Entrevistadora: Qual a tua idade?

Rosa: 40 anos.

Entrevistadora: Qual a tua ocupação atual?

Rosa: Eu sou empregada doméstica

Entrevistadora: Certo. Rosa. Você teve há cinco anos ou menos alguma experiência de morte de um ente querido?

Rosa: Há cinco anos. Há cinco anos eu tive a morte do meu filho. Faz cinco anos que ele faleceu. Ele faleceu de infarto clínico, constatado pelos médicos infarto clínico devido a uma crise de bronquite. E ele tava em crise. Eu conversei com ele no sábado, no domingo e na segunda feira por volta das seis e meia quando eu fui acordá-lo pra ir trabalhar, ele já estava morto. Aí foi... O mundo acaba ne? Por que a única coisa que me passou na hora foi chamar o resgate. O único número que eu consegui decorar na hora que veio na cabeça foi o resgate. Do contrário. É uma barra né? Isso pra você. Um filho, um pai, uma mãe, um irmão que você perde. Você consegue superar mais rápido, mas um filho. É uma dor que não tem o que você dizer não, sabe eu vou superar. Não tem superação. Um filho é uma dor que não tem superação. Ainda mais uma perda assim como foi a dele. Eu conversei com ele no domingo as onze da noite e as seis e meia quando eu fui acordá-lo pra trabalhar ele tava morto. Ele tava numa fase muito boa da vida. Ele ia ser pai. A namorada tava grávida de três meses e então ele tava muito contente devido a relação que ele tinha com o pai dele que não era uma relação como que eu vou dizer... de carinho, de afeto e sim o lado financeiro, ele sempre falava que ele queria um filho pra mostrar pro pai dele como que se amava um filho. Como que se amava um filho. Que ele ia mostrar isso pro pai dele. Ele tava muito contente com essa gravidez. Ele queria este filho. Eles tinham planejado esse

filho para fevereiro. Ele conversou comigo e disse e disse: Mãe eu vou engravidar a Tabata. Só que aí Deus quis que a coisa se antecedesse porque provavelmente já tava tudo como se diz: Deus escreve certo por linhas tortas. Ele morreu antes. Ele morreu antes de fevereiro. Morreu dia 22 de dezembro. Morreu na antevéspera de natal. Sabe fazem cinco que ele morreu, mas pra mim é como se fosse hoje. É uma dor que não tem igual, que não tem comparação. A cada dia 22, você lembra disso, você tenta não sofrer por isso, mas é inevitável. Realmente é muito inevitável, mas a vida segue, infelizmente, a vida segue. Ele era filho único. Quando ele morreu fazia um ano que eu tava separada, que eu tava separada do pai dele. Então foram duas dores assim. Eu me recuperando de uma separação e veio uma dor pior ainda que foi o falecimento dele. É difícil porque se pelo menos eu pudesse ter contato com o meu neto, essa dor diminuiria um pouquinho, mas fazem três anos que eu não vejo o meu neto.

Entrevistadora: Por quê?

Rosa: A mãe dele não deixa. A mãe dele não deixa. Porque ela é uma menina, eu digo uma menina porque ela ta com 20 anos hoje, é uma menina que gosta muito de ir em *rave*. Ela queria, quando ela queria sair de final de semana ela deixava ele comigo. Porque eu sofrendo pela a morte do meu filho nada melhor do que eu ficar com meu neto. E teve um dia que ela me ligou e eu me neguei porque eu nem em Jundiáí eu tava morando. Eu estava morando no bairro Currupira. Eu falei: Traz ele aqui que eu fico com ele. Ela não gostou. E depois quando eu voltei pra cá, que eu fui tentar vê-lo ela escondeu o menino de mim. Já fazem três anos que eu não consigo ter nenhum contato com o menino. Ele fica o outro avô, meu ex- marido vê, o outro avô vê, a bisavó. Todo mundo tem. Só eu que não. Só eu que não posso ter acesso a esse menino. Como eu te disse, Deus sabe o que faz. Deus é pai, não é padrasto, eu acho que eu tenho que acreditar nisso porque só Deus pra me dar força para eu trabalhar, para eu estudar, para eu seguir a minha vida e ser o que eu to tentando ser, to tentando estudar para poder ser alguém porque os dezoito anos que eu fiquei casada eu parei a minha vida. Tanto que eu só voltei a estudar agora com trinta e cinco anos. É complicado é uma coisa muito complicada. Só Deus mesmo para me dar força. Sabe, por mais que você chore que você sinta. Mas. É difícil. É muito difícil.

Neste momento ela se emociona e chora.

Entrevistadora: Não se preocupe com a emoção. Pode ficar tranqüila. Só tem eu e você aqui, fica tranqüila.

Rosa: Devido a relação que eu e ele tínhamos. Nos não éramos mãe e filho, nós éramos antes de tudo, nos éramos amigos. Eu contava tudo pra ele. Ele contava tudo pra mim. Eu criei ele assim. Eu fui pai e mãe dele porque a parte afetiva, eu sabe, ele era pequeno, eu reunia os amigos dele e ia jogar bola com eles. Ele queria ir pra parque era eu que levava. Era eu que brincava com ele nos brinquedo. Eu criei ele assim eu dei tudo pra ele que eu não tive porque eu perdi a minha mãe com 4 anos. Minha mãe era alcoólatra. Eu não consigo sentir nada pela minha mãe. Eu não consegui sentir falta dela. Eu queria ser pro meu filho o que a minha mãe não foi pra mim. E isso eu sei que eu consegui. Eu sei que ele se foi, mas eu sei que eu consegui ser a mãe que eu queria ter tido. E eu não tive. É como eu te falei. Me faz falta sim. Me dói muito porque eu não perdi um filho só. Eu perdi a minha companhia. Eu perdi tudo. Tem dia que eu paro, eu falo: Meu Deus eu não vou agüentar. Tem dias que eu falo: Eu não vou pra escola. Eu vou trabalhar porque eu tenho que trabalhar. Tem dias que eu falo, eu vou cair numa depressão, mas eu tenho que lutar contra isso porque eu sei que não era isso que ele queria. Meu filho era uma criança assim, era um adolescente, porque quando ele morreu ele estava com dezoito anos. Ele era um filho exemplar. Ele era um filho assim... Desde a primeira, do prezinho dele até ele morrer que ele fez o segundo colegial inclusive aqui na mesma escola, ele não repetiu nenhum ano. Ele foi direto. Eu não tinha uma reclamação dele. Ao contrario os professores me chamavam para elogiar ele pra mim. Enfim, sabe, Juriene, é muito duro. E muito difícil. Essa perca é uma dor que não tem superação. Não tem. Eu arrumar outro filho, eu acho que um filo não substitui o outro poderia ate arrumar, mas eu não quero, eu não quero porque quando ele quis um irmão eu não consegui dar pra ele porque que agora eu vou arrumar outro, não quero. Eu vou continuar vivendo a minha vida, trabalhando, lutando e aprendendo a conviver com essa falta, com esse vazio que fica, mas é a vida. Você vai fazer o que né? Não tem outra saída.

Entrevistadora: Me responde assim, você. Já faz cinco anos que isso aconteceu. Você já passou por toda uma fase de luto profundo. Em relação a ele você já deixou claro que não mudou muito o sentimento daquela época pra agora. Como que foi a acolhida da escola? Você estudava? Você não estudava? Voltar a estudar foi uma decisão depois que ele morreu? Foi antes?

Rosa: Foi assim. Quando eu me casei, eu engravidei dele eu tinha 14 anos. Eu tinha 14. Ele nasceu dia 10 de maio no dia 29 eu fiz quinze, e até então eu cursava da quinta série pra sexta, Eu parei de estudar. Eu tipo, trabalhava, mas assim, parei com o trabalho, porque

enjôos tudo, você não tinha condição de você trabalhar eu parei com tudo, me casei com o pai dele e me dediquei simplesmente, eu sou um tipo de pessoa, assim eu sou decisiva. Então eu decidi quando eu me casei eu falei: minha vida ser pro meu filho e pro meu marido. Então eu abandonei tudo abandonei trabalho abandonei a escola e nisso os anos foram passando aí eu descobri uma traição do meu ex- marido. E eu acabei com o casamento porque eu não consigo viver na mentira. Pro meu filho foi muito difícil, quando ele morreu, ele tava um pouco depressivo por causa disso, por causa da separação. Ele não queria demonstrar pra mim. Um ano depois que ele morreu neste período de um ano depois da morte dele eu fiquei um ano sobre a base de calmante, médicos calmante, porque eu achava que eu tinha que morrer junto. Só que desse um ano eu parei, me deu uma luz assim, eu comecei lembrar das conversas minhas com ele Quando ele falava mãe você precisa reagir. Eu sonhava com ele. Eu conversei com ele em sonho, ele só falou assim pra mim: Mãe eu to bem, eu só preciso que a senhora reaja. Sabe, Ele tava com o terno que ele foi enterrado porque o pai dele fez questão que ele tinha que ser enterrado de terno. Um roqueiro ser enterrado de terno. Ele tava com o terno que ele foi enterrado ele só veio por causa do meu sofrimento. Depois disso eu decidi, eu falei: Não. Eu vou ser o que ele queria. Ai eu voltei trabalhar eu comecei procurar emprego. Que é esse emprego onde eu to fazem 4 anos que eu to nesse emprego. Que é o mesmo emprego. Eu voltei a estudar. Fazem 2 anos que eu voltei a estudar. Voltei na sexta série. Não me arrependo não Juriene. Sabe. É corrida a minha vida. Porque eu saio do serviço direto pra escola, só que eu prefiro assim pra não ter tempo de eu parar pra pensar. Porque se eu parar pra pensar eu enlouqueço. Eu moro sozinha atualmente. Tive um desfalque muito grande com meu ex marido, mesmo depois da morte do meu filho de todas as minhas dores. Ele ainda me aprontou mais uma. A gente tinha um apartamento e ele simplesmente não pagava o condomínio desse apartamento. Os anos foram passando e eu não sabia. Depois que eu dia eu fui chamada pela síndica pra me avisar que o apartamento estava indo pra leilão. Um apartamento que vale 120 mil, eu vendi, não eu dei por 80 mil reais, sendo que o apartamento estava com 65 mil de dívida. Resultado to pagando aluguel, to me sacrificando, mas eu sei que eu vou conseguir vencer, esta etapa eu vou conseguir vencer com a ajuda de Deus e eu sei que onde o meu filho tiver também, ele sempre vai está olhando por mim, porque é o meu filho.

Entrevistadora: Como que você ver, em sua percepção a escola lidar com esse tema da morte e do morrer? Como você sente isso na escola?

Rosa: Como que eu sinto?

Entrevistadora: É quando acontece o que aconteceu com você, com outros colegas. Como já aconteceu este ano aqui três vezes. Dos professores perderem familiares, os alunos perderem familiares. O corpo administrativo da escola, a direção. Como que a escola reage? Como você vê isso? Você que passou por isso a tão pouco tempo?

Rosa: Eu não setou conseguindo entender a sua posição. Como assim, como eu conseguiria entender como?

Entrevistadora: Você perdeu um ente querido.

Rosa: Perdi.

Entrevistadora: Isso foi difícil pra você.

Rosa: Foi muito

Entrevistadora: O que é que a escola fez por você nessa época? Você não estava estudando?

Rosa: Eu não estava estudando, só que quando eu voltei a estudar eu fui muito bem recebida. A escola já sabia de acontecido. Só não sabia até então, que era o meu filho, a direção da escola ainda é a mesma da época que o meu filho estudava aqui. Foram assuntos desencontrados. Quando eles souberam que era o meu filho, eles procuraram me apoiar, pra não me deixar, eu cair, pra eu não desistir, pra eu lutar. Então a escola pra mim foi muito importante, foi muito importante mesmo nesse sentido. Não a escola em si, mas as pessoas que a compõe, a direção, a secretaria, tanto que eu tenho amizade com todos, na escola, sou muito querida por todos, pelos meus professores, se não fosse por eles eu acho que eu não teria conseguido não. Que eu não estaria, como que eu vou explicar pra você. Eu não teria chegado aonde eu cheguei. Eu to terminando o segundo pra fazer o terceiro. Eu acho que se não fosse pelo apoio dos membros da escola eu jamais teria conseguido. Entre professores, coordenação como eu já te falei

Entrevistadora: E qual a importância de está agora aqui conversando sobre isso pra você? Isso te faz bem? Isso não te faz bem? Como você se sente? Falando? Conversando?

Rosa: Por mais que esse é um assunto dolorido. É um assunto muito dolorido, mas me faz bem falar disso. Sabe. Eu consigo desabafar. Sabe. Você expondo é uma coisa realmente

dolorida, mas me faz bem assim eu não fico com aquilo guardado pra mim, sabe, eu consigo desabafar, eu consigo esclarecer e ta sendo. Esse momento pra mim eu não vou dizer pra você que esta sendo fácil. Não está sendo fácil mesmo. Eu passei o dia inteiro pensando nisso eu falei: Meu Deus, eu tenho que ter forças pra conseguir fazer isso. Mas ao mesmo tempo é bom pra mim. Sabe. Não só com você, mas tocar neste assunto a turma fala é dolorido? É dolorido só que hoje em dia eu consigo vê isso como que eu vou dizer pra você? Um refúgio? Não. Não seria um refúgio. Sabe, seria uma saída pra eu poder ir aceitando isso que aconteceu, e, se você não conversa, se você não fala você vai guardando pra você, é aonde sua cabeça vai ficando mais confusa você pensa: Eu vou desanimar, eu vou parar, mas eu não posso de forma nenhuma eu não posso. E bom, e bom conversar por mais dolorido que seja é bom eu me desabafo, você vê que eu chorei um pouco, mas agora eu já estou mais controlada, lembrar da fisionomia dele, lembrar do momento que eu encontrei ele ali. Tem dias que eu me pergunto, quando ele morreu, eu me revoltei, não vou mentir pra você eu me revoltei com deus, eu cobrava de deus uma resposta. Eu fui a igrejas para procurar uma resposta porque que deus tinha me deixado sozinha. Sabe. Tanto que hoje em dia eu não frequento religião nenhuma. Acredito em Deus, sei o poder que ele tem, eu não frequento porque as pessoas comentam: Rosa você está revoltada com deus. Não. Eu não estou revoltada com deus só eu acho que eu não preciso estar na casa, em qualquer igreja pra que ele me veja, se ele me deu forças pra eu conseguir chegar até aqui. É porque ele esta me vendo mesmo, eu não indo, eu não frequentando igreja alguma. O importante é que ele está aqui no meu coração. Eu sei que Deus existe pela prova que ele me fez passar. Perguntei varias vezes se eu fui pecadora, se foi um erro meu. Se, foi uma punição pra mim isso. Então eu me cobro, não vou mentir pra você, me cobro de muito coisa sim o por quê. Outro dia chegaram em mim e falaram: Rosa nunca pergunte o porque e sim pra que. Não se pergunta por que pra Deus e sim pra que. Se esse era o destino dele. Porque eu fiquei grávida dele assim de repente. Da mesma forma que ele veio de repente, ele foi de repente. Então tava escrito. Que ele seria esses dezoito anos pra ele me fazer ser a pessoa que eu estou tentando ser hoje, porque se eu posso dizer pra você, uma palavra escrito felicidade foram esses dezoito anos que eu tive meu filho comigo.

Entrevistadora: OK. Eu não poderia fazer muitas perguntas por que tudo o que eu queria saber você disse. Entendeu.

Rosa: Tá jóia

Entrevistadora: Queria saber se você queria dizer mais alguma coisa.

Rosa: Não. Era tudo que eu tinha pra dizer. Era tudo que eu precisava.

Entrevistadora: Eu não sei como te agradecer. Eu não sei se eu teria essa coragem essa força que você tem

Rosa: Eu tenho que ter porque se eu não for forte, não lutar, eu caio pra eu não cair eu tenho que reagir, Por mais dolorido que seja eu tenho que reagir.

Entrevistadora: É chorando mesmo, limpando a garganta. Deitando lá e chorando bastante. E qual é a reação das pessoas quando te vêem chorando?

Rosa: Por que eu sou uma pessoa seletiva, eu não tenho colegas, eu tenho amigos. São bem poucos. Esse que são meus amigos, eles me vêem chorando eles já sabem o motivo. Eles não procuram perguntar muito. Apenas: Rosa sai lá fora um pouquinho, chora um pouquinho depois você volta, porque eles já sabem porque eu to chorando, principalmente todo dia 22. Todo mês dia 22. Eles entendem. Eles sabem o motivo porque, então eles não me cobram. Eles esperam passar esse choro pra gente conversar. Você quer conversar, você quer falar. Mas ai, eu não quero porque eu já chorei, então, não tem muito, o que falar.

Entrevistadora: Mais uma vez eu quero te agradecer. E me coloco à disposição pro que você precisar e a universidade também te agradece.

ANEXO II

ENTREVISTA VIOLETA

ENTREVISTADORA: Esta entrevista é bem pouco informal. Eu faço a pergunta e você responde o que você sentir que deve dizer sobre o assunto ou a questão.

VIOLETA: Ok. Tudo bem.

ENTREVISTADORA: Eu gostaria que você me contasse esta tua trajetória sobre a morte. Em nossa conversa anterior você deixou claro que havia muitos casos de morte na sua família e que sua história é bem interessante. Então fale um pouco sobre essas experiências.

VIOLETA: Eu perdi a minha mãe quando eu tinha menos de dois anos. Eu tinha um ano e dois meses. Minha mãe faleceu. Ela tinha dois filhos do primeiro casamento. Minha irmã era mais velha, tinha meu irmão e eu. Quando minha mãe faleceu, eu não sei o motivo, mas meu pai resolveu que ele não ia ficar com a gente, então, ele foi morar longe e eu e o meu irmão fomos cada um morar com uma tia. Ele com uma tia por parte de pai e eu com uma tia por parte de mãe. Essa tia eu morei com ela durante alguns anos. Só que antes de eu completar cinco anos de idade, ela era irmã da minha mãe e ela morreu também. Muito jovem também. E ela faleceu de uma morte repentina também. Eu me lembro que foi um choque muito grande pra toda família e ela tinha três filhas e a gente morava juntos. E a filha dela mais velha, ia se casar no ano seguinte e quando essa filha dela se casou ela me levou para morar com ela. E eu estou com eles a mais, quer dizer vai fazer quinze anos e já faz mais de quinze anos que eles tem de casados e eles tiveram mais uma filha e a gente se mudou de cidade algumas vezes e a gente foi morar no interior e agora a gente está morando em Jundiaí.

ENTREVISTADORA: Elas eram parentes?

VIOLETA: Sim elas eram parentes de sangue. Elas eram irmãs. A minha mãe morreu com trinta e cinco anos e a minha tia, que depois eu chamei de mãe ela morreu com quarenta e seis. Morreu muito jovem, aparentemente saudável, trabalhava. Tinha uma vida corrida e justamente faleceu assim, repentinamente.

ENTREVISTADORA: E você se lembra em que condições ocorreram as mortes?

VIOLETA: Da minha mãe não né? Não faço nem a mínima idéia, mas da minha tia eu tenho uma vaga lembrança assim, eu lembro que era final de ano. Nós estávamos na praia, na casa que eu me lembro que nós tínhamos lá. E eu lembro que foi uma coisa assim. Ela sentiu muita dor de cabeça. Estava todo mundo junto, a família toda reunida porque era época de réveillon. Ela foi dar comida pro cachorro, quando baixou a cabeça ela sentiu muita dor. Foram levar ela pro hospital, pro pronto socorro, aí começou a correria e ela veio a falecer lá mesmo, foi na Praia Grande mesmo. O corpo veio pra Mauá. Ai eu lembro que o velório foi em casa. Eu nunca tinha visto um velório em casa né? Eu tenho na memória a imagem do caixão, com aquela fivela em volta. Aquilo ficou muito claro, quando a gente é pequeno a gente tem muito medo. Aquela revolta. Eu não entendia nada. Eu fui dormir aquela noite naquela casa, eu tinha medo até mesmo de ir no banheiro. Porque lá na sala tinha uma pessoa que eu gostava tanto e ao mesmo tempo esta pessoa estava morta. Tinha uma pessoa morta ali na sala. E então tenho essa lembrança gravada na minha memória. A lembrança de ver ela naquela sala.

ENTREVISTADORA: Com referência a relação que você tinha com a sua mãe você se lembra de como ela era como mãe? Como ela te tratava?

VIOLETA: Assim, eu lembro muito pouco. Muito pouco, sei que era muito bom. Eu posso não ter muitas lembranças. Sei que eu estava sempre me trataram com muito carinho. como uma sainha que ela costurava e ela fazia. Ela fazia roupa pra mim tanto é que eu tenho guardada até hoje roupa que ela fazia. Eu guardado o rosto dela, mas coisas assim de lembrança assim, são muito vagas. Muito vagas. Tenho mais por fotos de natal, de presentes, de festas de aniversários, mais por fotos.

ENTREVISTADORA: E mais alguém da sua família que você tenha perdido nos últimos anos. Tem mais alguém?

VIOLETA: Sim, eu nos últimos anos? Faz uns três anos a minha irmã mais velha, ela faleceu. Super jovem deixou quatro filhos pequenos ainda. Ela teve um infarto fulminante, ela tinha trinta e três ou trinta e quatro anos ela morreu super jovem e foi assim, foi muito triste, não apenas por ela que acabou indo embora, mas principalmente pelas crianças que

ficaram, porque ela deixou os dois menores, eles eram bem novinhos assim, de dez e oito anos.

Foi muito triste. Além de saber que foi muito jovem Saber que deixou criança, que deixou sem estrutura materna. Foi muito triste, faz mais ou menos uns três anos e no ano passado, em maio. O meu irmão também ele faleceu. Também ele faleceu super jovem assim com 33 anos. Também ele levava uma vida desregrada, mas de uns anos pra cá ele tinha melhorado muito, mas sabe que a saúde ela traz, problemas de saúde traz repercussões a longo prazo. Tudo aquilo que ele investiu errado, repercutiu na vida dele sendo tirada tão cedo, né? Ele também faleceu de infarto. Ele não resistiu e faleceu o ano passado. Ele não era casado, não tinha filhos, mas aí ficou, ficou assim um vazio que é essa coisa né? De todo mundo está indo embora tão cedo, da família assim. Acontece do pessoal está falecendo tão cedo, mas a gente acredita que o curso da vida é a gente falecer quando fica velhinho, mas infelizmente não foi o que aconteceu com ele. No começo desse ano quem faleceu foi a minha bisavó. Ela tudo bem, já estava velhinha e muito cansada, Tudo bem, foi descansar. Ela não morava aqui. Ela morava em Maceió. Eu tenho boas lembranças dela. Ela foi muito querida, querida mesmo. Ela deixou a gente há pouco tempo, mas foi uma grande guerreira. Eu tenho boas lembranças dela

ENTREVISTADORA: Qual que era sua relação com essas pessoas que morreram?

VIOLETA: Da minha irmã né? DA J... Como a minha mãe biológica, ela faleceu muito cedo, a J já era casada, até que eu tenho sobrinho da minha idade, a gente nunca foi muito próxima. Era aquela coisa de se ver três ou quatro vezes ao ano, mas a gente sempre manteve contato. Eram poucas vezes no ano, mas a gente sempre ia pra lá. E eu tinha a idade do filho dela, então eu tinha muito mais contato e papo com o meu sobrinho do que propriamente com ela, mas eu freqüentava a casa dela. Tinha sempre um contato assim como com o A. Ele morava com ela, então assim, eles moravam juntos Ele morava junto com ela e com o marido dela, então toda vez que eu ia lá, eu via ele. Depois que ela morreu é que eu não fui ter mais contato com o A. mesmo. Eu lembro de ter tido contato com ele quando ela morreu e aí depois só quando ele faleceu e eu não tive muito contato com ele, por que é a vida né e eu acabei não tendo muito contato com ele. Com a minha bisavó, a gente mantinha contato assim ela vinha pra cá uma vez por ano, de ano passado, faz uns dois ou três anos que ela não vinha porque ela estava realmente bem cansada e ela

não tava com aquele pique todo de sair de lá, viajar de avião e tudo. Então fazia bastante tempo que a gente não a via, mas a gente sempre ligava e mantinha contato direito.

ENTREVISTADORA: E hoje, quem são essas pessoas pra você? Como você representa essas pessoas sem sua vida? Sua primeira mãe, sua segunda mãe, sua irmã seu irmão sua bisavó. A vida que você leva hoje? Como é pra você hoje todo o percurso que você passou?

VIOLETA: Eu acho que assim é... Fica ... Fica a saudade, sem dúvida... sempre da pessoa que a gente conviveu mais . Fica a saudade e aquela coisa que a gente precisa aprender a viver melhor. A tratar a pessoa quando a gente está perto, tratar bem a pessoa que a gente gosta como se cada dia vai ser o último, porque algum dia vai ser verdade. Ficou tudo o que elas representam, são pessoas que representaram muito na minha vida. Mas que hoje infelizmente já não estão aqui. Que me ensinaram a demonstrar todo o sentimento que eu tenho pelos meus pais, pela minha irmã, pela minha família porque eles não vão está aqui pra sempre. E eu também não vou está a qui pra sempre, acho que o que ficou mais em relação a tudo isso, é...é... que a gente tem que viver intensamente, principalmente em relação a minha mãe que já faz muito tempo né? A minha segunda mãe também o que ficou foi que a gente tem que viver direito tem que falar o que tem que falar, tem que brigar quando tem que brigar, mesmo que tenha que pedir desculpas depois, então, assim ficou isso.

ENTREVISTADORA: E o fato dessas pessoas terem morrido muito jovem, de certa forma isso diz alguma coisa pra você?

VIOLETA: Olha eu não vou falar pra você assim que eu não tenho medo. Todo mundo tem medo de morrer. Mas como todo mundo eu tenho medo de morrer, mas não é uma coisa que eu trago em mim, ah porque a minha mãe, minha segunda mãe, minha irmã, meu irmão morreram cedo eu acho que eu também vou morrer cedo, eu não sei, talvez sim, talvez não, mas eu não fico encanada não, mas eu tenho medo sim em relação às pessoas que eu gosto, sobre toda a minha família, a minha mãe, as minhas tias até porque nós somos todo mundo da mesma forma né? Somos todas primas de sangue, então eu fico

preocupada em relação a isso, mas infelizmente a gente não pode fazer muito, mas eu tenho medo sim, tenho medo de perder a minha mãe, as minhas tias sim.

ENTREVISTADORA: Você acha que esta sua trajetória pode ter interferido na sua escolha profissional?

VIOLETA: Acho que ela se refere muito ao tema morte. Tema esse que não é pra ser temido, quanto mais se temer falar, ficar se escondendo dela, acho que não é bem assim, porque quando a gente se depara com isso na nossa vida, na nossa família, com um amigo, como ultimamente quando um amigo meu perdeu o pai. A gente vai ao velório, vai ao enterro e a gente percebe que muitas das pessoas, elas tem medo de num momento como esse, as pessoas tem medo de não ter o que falar. E eles esquecem que num momento desses o importante não é o que falar, mas é o fato de você está ali. Muitas vezes que você está triste porque perdeu alguém não é o que você tem a dizer, e sim a companhia, o falar olha eu estou aqui, porque a gente se sente muito sozinha né? Então eu acho que, em toda essa minha caminhada, eu acho que as pessoas assim, eles...elas se assustam quando falam de perder as pessoas, falam que elas não tem muito o que falar e quando eu conto tudo o que já aconteceu na minha vida é como se as pessoas se esquivassem, a gente não pode tocar no nome da pessoa da mãe dela senão ela vai ficar triste e tal, e não tem nada de mais falar, a gente não pode apagar parte da nossa história e ...por exemplo na escola, junto com os amigos e tudo e depois que a gente volta as pessoas vão que aprender a conviver melhor com o fato. E que isso realmente faz parte da nossa trajetória de vida. E um dia vai chegar a nossa vez, a gente vai perder a pessoa que a gente gosta, a gente vai ficando mais velho, ai tem os avós e os pais, e a gente tem que aprender a lidar com isso porque quando acontece e a gente fica sem apoio acho que não deve ser muito bom, daí esse apoio a gente precisa.

ENTREVISTADORA: E em relação a escola, quando você perdeu cada uma dessas pessoas, cada vez que alguém morreu você sentiu a possibilidade de discutir o assunto na escola, a oportunidade de falar sobre o fato, por você ter perdido alguém muito próximo?

VIOLETA: AH! tipo agora, a professora chegar e perguntar por que você faltou, ah faltei porque meu irmão morreu. Ah tá bom. E ai muda e assunto? Porque elas realmente não sabem o que falar e tem medo e nem sempre tem paciência pra tapar o sol com a peneira. E

em relação a escola é isso mesmo. AS pessoas fogem do assunto, talvez por eles não saberem falar sobre o assunto. Acreditando que tem que falar alguma coisa e não é bem essa a essência. É a companhia, o carinho, o acolhimento

ENTREVISTADORA: Durante esses acontecimentos, qual a importância que teve para você, falar sobre o assunto, conversar sobre a morte de um ente querido?

VIOLETA: Acredito que sim...É...Falar né. Acho que a gente guarda muita coisa dentro da gente, quando a gente perde alguém, você fica pensando em tudo aquilo que você passou com a pessoa ou deixou de passar com ela. E tá tudo ali. Tá tudo guardado dentro da gente, então quando a gente fala, parece que tá eliminando um pouco todo esse fardo. Que você carrega e principalmente da culpa, porque lá no fundo todo mundo carrega culpa pela pessoa ter ido embora, pelo que você fez, pelo que deixou de fazer, pelo que deixou de dizer. A vida que você deixou de dar. Eu acho que falar é sempre bom para eliminar mesmo o que ... a gente sabe que lá no fundo as coisas acontecem mesmo e não tem como voltar atrás. A gente tem que realmente aprender a viver direito com os que ficaram. Fica sempre um aprendizado. Acho que falando, discutindo, abrindo o coração mesmo, você ganha forças pra lembrar dessa pessoa o quanto melhor possível, que tira um pouco da tristeza,. Você passa a lembrar de tudo o que você passou com ela, dos momentos bons, e não fica com aquela coisa de que ela morreu.

ENTREVISTADORA: E a imagem que as pessoas tem daquela pessoa que morreu, com o tempo, essa imagem muda? Por exemplo, você perdeu sua irmã há algum tempo e acabou de perder a sua bisavó. A imagem que você tem dessas duas pessoas com o tempo mudaram? Você consegue perceber as relações como eram independente do tempo que passou?

VIOLETA: Independente do tempo que passou, eu acho que eles ficam na nossa memória pra sempre mesmo, indiferente do tempo

ENTREVISTADORA: A pessoa não se torna melhor ou pior do que realmente era ou parecia ser quando viva? As relações não ficam idealizadas com o tempo?

VIOLETA: Não. Não. Não. É aquela coisa, o que a pessoa era, as vezes, ela se agrava. Aquela pessoa que você gostava... Você gostava dela por tais qualidades, corre o risco sim dessas qualidades aumentarem e assim como os defeitos, aquela pessoa que você não gostava disso ou aquilo, as vezes, isso se evidencia, ela era isso, aquilo, mas ela fez isso e isso e isso que não agradou. Acho que isso se torna mais claro.

ENTREVISTADORA: Então você está dizendo que a imagem da pessoa muda com o tempo, quer dizer se torna mais clara em alguns aspectos e menos evidente em outros?

VIOLETA: Ah! Sim, É isso mesmo.

ENTREVISTADORA: E você gosta do que você vê hoje quando olha para essas pessoas que se foram, o que elas representaram para você e o que elas representam hoje?

VIOLETA: Alguns sim, acho que o que eu enxergo quando eu me lembro dessas pessoas, eu me lembro de coisas muito boas, como ao falar da minha segunda mãe, eu tenho só lembranças boas dela, uma grande mulher, eu acho que ela só deixou coisas boas, que eu pudesse lembrar, mas por exemplo ao falar de... do meu irmão eu acho que...que ele não aproveitou a vida, ele...dentro dele ele tinha uma revolta muito grande, não sei se era relacionado a perda da mãe ou a vida que levava, com não ter pai direito, mas eu sinto que cresci, fiquei adulta, mas hoje eu enxergo que ele teve um fim que tava escrito, que ele escreveu, por ser uma pessoa muito revoltada, bebeu muito, é...é..., maltratou muita gente, acho que muitas pessoas sofreram sim com tudo o que A fez. Com tudo o que ele falou, principalmente em relação a palavras. Ele magoou muita gente e tem coisas que não voltam atrás. Acho que por isso. Ele teve grandes oportunidades de ter vivido uma vida diferente. Assim como a oportunidade que eu tive ele também teve, mas ele não soube aproveitar. Talvez por personalidade talvez por essa revolta que ele tinha dentro dele, ele foi a pessoa que ele foi, mas hoje eu consigo enxergar muito claramente que nada foi por acaso, que ele realmente traçou seu próprio caminho.

ENTREVISTADORA; Define pra mim essas experiências na tua vida, que palavras ou conjuntos de palavras você utilizaria para defini-las?

VIOLETA: Eu acho que uma palavra só. Eu acho que ...(lágrimas) Eu quando me lembro dessas pessoas todas eu lembro muito da minha mãe. Essa minha mãe de agora. Eu tenho muito medo. É isso a palavra é MEDO, porque eu passei muito tempo para chamar a D (apelido) de mãe. Porque toda vez que eu chamava alguém de mãe, ela morria e então eu fiquei muito tempo pra chamar ela de mãe. Foi só quando saiu a papelada da adoção e a gente se mudou de cidade pela terceira vez que eu esperei só mais um pouquinho pra chamar a minha mãe de mãe, porque eu tinha medo que ela também morresse. Com meu pai foi mais fácil. Eu chamava ele de pai e pronto, mas chamar de mãe era correr o risco de ficar sem ela e era como se fosse acontecer tudo outra vez, e dessa vez não ia ter quem cuidasse de mim, nem da minha irmã. Eu tinha muito medo. Essa é a palavra. Medo. Eu guardei uma sainha que a minha segunda mãe fez pra mim e eu dormia sempre com ela, até que um dia minha mãe viu e eu escondi, então, ela disse que já sabia e que não ia pedir pra eu esquecer a mãe dela. Nesse dia eu comecei a chamá-la de mãe e assim eu chamo até hoje.

ANEXO III

ENTREVISTA LAVANDA

ENTREVISTADORA: Bom dia. Para iniciar, por favor, me diga seu nome, sua idade e sua profissão.

LAVANDA: Meu nome é Lavanda, tenho trinta e cinco anos e sou comerciante.

ENTREVISTADORA: Conta sua história de vida para nós. Aquilo que você estiver disposta a dizer:

LAVANDA: Primeiro, eu queria dizer que é difícil estar aqui e falar sobre este assunto com você. O ano passado eu não ia fazer isso, mas agora já fico mais tranquila. Acho que vai ser até bom.

ENTREVISTADORA: Então conta para nós a sua história.

LAVANDA: Meu nome é LAVANDA. Meu nome é Lavanda, tenho trinta e cinco anos e sou comerciante. A minha história começa muito cedo. Quando eu nasci a minha mãe de verdade me deu para uma vizinha e sumiu. A vizinha se mudou em seguida da Bahia pra São Paulo. Veio ela, meu pai e meus irmãos. Éramos ao todo em cinco. Era uma família comum e se vivia bem, que eu me lembre. Quando eu completei catorze anos, fui trabalhar numa casa de família onde era muito bem tratada. Na verdade era a casa da mãe da patroa da minha mãe. Meu pai morreu muito cedo. Na época ele tinha 42 anos de idade e morreu de infarto dentro da fábrica da Mercedes, pois ele era metalúrgico. Minha mãe se casou outra vez seis anos depois.

Fui trabalhar na casa de família e era muito bem tratada. Ela sempre me dizia que eu era como uma filha pra ela. E eu acreditava nisso. Na casa dela morava eu, a filha dela e ela. Eu lavava, passava, ia comprar as coisas pra ela, limpava a casa e a filha dela estudava. Mas ela gostava de mim como se fosse uma filha. Um dia eu conheci um rapaz amigo da família e me apaixonei por ele, a gente se envolveu e eu acabei grávida. Quando ele soube. Sumiu. Como eu já morava com eles há muito tempo, eu contei pra minha patroa do bebê e ela disse que eu poderia ficar tranquila e ter o bebê na casa dela. Só não poderia tirar o bebê, isso ela não ia perdoar, nem admitir. Então eu tive o bebê e continuei morando lá até que ele foi crescendo e se tornando muito difícil a convivência porque a filha dela teve um bebê, que era muito diferente do meu filho. Era um bebê tranquilo, sem problemas, não era nervoso e eu cuidava dos dois. Enquanto eu cuidava dos dois, a A estudava. O meu filho era uma criança muito nervosa, batia muito em todo mundo, inclusive no filho da filha da minha patroa, nas outras crianças, quando vinham visitar a casa, crianças da vizinhança. Depois quando começou a frequentar a escola começou a bater nos colegas. Falava palavras horríveis e era muito mal educado. Conversa com ele não resolvia nada. Bater menos ainda. Ele foi ficando cada vez pior. Não tinha o que se fazer. Era uma criança muito difícil, tinha um gênio muito ruim. Quando ele completou seis anos a minha patroa

disse que não adiantava mais, ela queria que eu fosse embora. Me deu uma renda pra eu me virar por um ano. Com esse dinheiro eu pagava o aluguel. Ela também mobiliou a casa com móveis usados, mas bem conservados que tinha na casa dela.

Fui morar com meu filho na periferia da cidade e ele foi crescendo, na escola todo dia tinha reclamação. Era briga, palavrão, xingamento, batia nos menores. E assim foi. Eu conheci meu marido e me casei com ele. Ele se mudou pra minha casa enquanto a gente esperava pra construir uma casa nova pra gente. Tive mais dois filhos dele. Eram crianças mais tranqüilas, mais educadas. Mas o mais velho continuava do mesmo jeito. Com dez anos começou a se envolver com uns meninos que você sabe, todo mundo sabia o que faziam. Por mais que eu falasse não adiantava. Se meu marido falasse, a resposta vinha logo. Você não é meu pai e assim foi. Ele continuava batendo nos irmãos. Quando ele completou quinze anos, ele morreu. Eu estava em casa e chegou um colega da escola e disse que ele estava morto na viela. Fui lá ver se era ele. Era ele sim. Ele estava morto. Olhei o corpo e não acreditei porque você sempre tem a esperança de que o filho vai mudar, vai ser diferente, que as coisas vão melhorar, mas naquele momento né? Acaba tudo. Não tem o que dizer.

ENTREVISTADORA: Ele freqüentava a escola?

LAVANDA: Ele ia pra escola sim. Fazia muita bagunça, discutia com os colegas, xingava as professoras. Desrespeitava todo mundo do mesmo jeito que fazia quando era criança. Mas a gente que é mãe, a gente sente, a gente sofre.

ENTREVISTADORA: Você havia me contado sobre a morte do seu filho. Ele morreu perto da escola, não foi?

LAVANDA: É foi. Ele morreu com três tiros na cabeça na rua da escola, que ficava bem perto da minha casa. Era cinco minutos de casa. Era só cinco minutos. Ele estava na escola, quando terminou a última aula, ele saiu junto com os outros e não veio para casa. No dia seguinte acharam o corpo perto da escola, na viela. Depois do enterro me disseram que eles estavam atrás dele. Que iam matar ele. Que ele sabia e tinha ido se despedir da namorada. Eu não sei. Tento não pensar nisso porque se ele tivesse vivo, agora, eu ia visitar ele na prisão e eu não queria isso nem pra mim, nem pra ele, nem pros irmãos dele. É muito sofrimento e chega de sofrimento. Já foi demais. Por causa dele todo mundo na minha família sofreu demais. Eu, meu marido, o J., a A e foi muito difícil, quando ele morreu também foi muito difícil.

ENTREVISTADORA: A morte de um filho é difícil de superar, mas essa não foi a única morte que você enfrentou nos últimos cinco anos ...

LAVANDA: Não. Não foi. Há dois anos meu marido morreu. Ele foi abrir nossa mercearia e quando se aproximou da porta, eles chegaram e atiraram nele. Depois entraram e levaram as coisas. Quando a polícia chegou ele já estava morto. Eu tava em casa arrumando as coisas pra mandar J pra escola e o telefone tocou, quando eu atendi era a notícia da morte dele. Sei lá. Na hora eu me acabei. Eu me acabei. Minha vida se acabou. Não me levaram

junto com ele, mas me deixaram viva pra sofrer tudo sozinha. Com meus filhos. A C nem vive direito. Sofre a falta do pai até hoje. Ele era um bom pai, um bom marido, teve muita paciência com meu outro filho e eles mataram ele daquele jeito. Pra que professora, pra roubar umas porcarias e trocar por droga? (lágrimas)

ENTREVISTADORA: Você já estudava quando seu marido morreu?

LAVANDA: Não professora. Quando meu primeiro filho nasceu eu resolvi cuidar dele e parei com tudo. Só cuidava dele e trabalhava na casa da minha patroa. Depois comecei a cuidar do filho da outra filha da minha patroa. Então eu nunca mais estudei. Desde que meu filho nasceu eu não estudei mais. Eu só voltei pra escola depois que meu marido morreu porque eu queria ocupar a minha noite porque eu não conseguia dormir. Era muito difícil. Eu passava o dia na mercearia, trabalhava em casa e a noite eu não tinha o que fazer, nem com quem falar, então eu resolvi voltar a estudar. Fiz minha matrícula aqui na EJA porque eu precisava sair de casa um pouco.

ENTREVISTADORA: E como está sendo esta experiência pra você? As pessoas aqui na escola sabem do que aconteceu?

LAVANDA; Sabem, professora, sempre surge a oportunidade de falar. Só que quando a gente começa a falar as pessoas não gostam de ouvir, já cortam e falam pra gente esquecer ou pedem pra gente sair da sala pra chorar em outro lugar. A gente incomoda quando fala de dor, de sofrimento e neste, momento é só disso que eu posso falar. Mas as pessoas não gostam de ouvir a gente falar, mesmo quando a gente precisa tanto.

ENTREVISTADORA: E porque você continua vindo às aulas?

LAVANDA: Porque eu quero terminar o colegial, quero voltar a tomar conta da minha vida, quero ajudar meus filhos a superar tudo isso.

ENTREVISTADORA: E como você acha que a escola poderia agir nestes casos?

LAVANDA: Eu não sei o que a escola poderia fazer pra evitar a violência, mas depois que ela acontece era bom se a gente pudesse conversar sobre o assunto. Sei lá uma aula em que a gente pudesse falar, conversar e dizer o que precisa, é tão importante quando tem alguém que ouve o que a gente tem pra falar, mesmo que seja só uma vez, porque ninguém quer ouvir falar de coisa ruim, as pessoas só querem contar suas vitórias, a compra do carro novo, do DVD, da casa nova, do casamento dos filhos, das festas de fim de ano e quando você não tem nada disso, não tem o que trocar. E ninguém quer ficar junto de gente que ta sofrendo. Então você sofre calado, na sua, sem ter com quem conversar.

ENTREVISTADORA: Você quer falar mais alguma coisa? Tem algo que você queira dizer?

LAVANDA: Não; agora já foi. O fim do ano está aí, vou me formar e sinto muita falta de você viu.

ENTREVISTADORA: Obrigada pela entrevista. Você, saiba, que a USF também te agradece.

LAVANDA: Obrigada você por essa oportunidade.